



Clima junino invade as ruas do Sertão

Cidades do interior paraibano preparam-se para semanas de celebrações que valorizam a cultura local, com grandes *shows*, feiras, quadrilhas e muito forró.

Página 8



Foto: Divulgação/Prefeitura de Teixeira

REGULARIZAÇÃO FUNDIÁRIA

Iniciativa garante moradia a duas mil famílias em JP

Parceria envolvendo diferentes instituições públicas assegura a titularidade de imóveis para a população vulnerável. **Página 5**



Foto: Carlos Rodrigo

Despesas com alimentação pesam no orçamento dos mais pobres

Impacto da inflação nos produtos que compõem a mesa dos paraibanos afeta o comportamento das famílias que recebem os menores salários. O desafio de equilibrar os gastos com alimentos sem prejudicar o consumo é o tema da terceira reportagem da série sobre custo de vida, da editoria de economia.

Página 17

Estado investe R\$ 10 milhões em ações de política de permanência

Iniciativa percorre instituições de Ensino Superior para mapear os obstáculos que impedem universitários de concluir seus cursos.

Página 19

Concursos reúnem mais de 130 vagas em três municípios paraibanos

Editais em Campina Grande, Mãe D'Água e Zabelê abrem oportunidades em várias áreas, com salários de até R\$ 9,6 mil.

Página 16

Seleção Brasileira despede-se da torcida em último amistoso antes da viagem para os Estados Unidos

Time de Ancelotti enfrenta o Panamá, hoje, às 18h30, no Maracanã. Amanhã, a delegação embarca em voo fretado para Nova York e, no dia 6, realiza outro amistoso, contra o Egito.

Página 21

Foto: Divulgação/CBF



Ícone do cinema, Marilyn Monroe completaria 100 anos amanhã

Uma das maiores estrelas na Era de Ouro de Hollywood, a atriz buscou o sucesso, o amor e o respeito profissional. Eternizada em dezenas de filmes, gerou ainda mais interesse na mídia e no público por sua vida pessoal, até morrer de modo precoce, aos 36 anos.

Página 9



Foto: Milton H. Greene/Divulgação

■ “Não cabe mais a pergunta se a Paraíba mudou. Claro que mudou, como todo este paísão das exportações de alimentos, ainda que muita criança suscite André Gide: ‘Não há país rico com crianças que vão para a cama com fome’”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ “Sérgio Botelho alia, naquilo que produz, a habilidade vocabular do jornalista ao sentido certo da informação histórica, praticando, assim, uma escrita simples, concisa, didática e objetiva”.

Hildeberto Barbosa Filho

Página 11

■ “Não sou imbecil. Até poderia ser, mas a concorrência é muito grande nas redes sociais. O que eu falar aqui, nestes tijolinhos, não tem, na prática, valor nenhum, peso algum, autoridade moral muito menos”.

Fábio Mozart

Página 14

Editorial

Elegia pragmática

Como se sabe, a calçada é um importante equipamento de domínio público, cuja conservação é da responsabilidade do proprietário do imóvel por ela servido. Por esse bem, tem-se acesso a diversos tipos de moradias e de estabelecimentos, afora o caminhar com segurança, descontração e comodidade. Isso no plano ideal, porque, na realidade, muita coisa mudou, ou piorou, quando o assunto é esse espaço da via pública.

O outrora, as calçadas eram habitadas com maior densidade demográfica, nos fins de tarde, entrando pela noite. Grupos formados por familiares e vizinhos sentavam-se em cadeiras de diferentes modelos, para fazer a sesta, regada por um bate-papo por vezes mais caloroso acerca dos fatos que se destacaram no decorrer do dia. Havia quem gostasse apenas de observar os luzeiros naturais, visíveis no céu, acariciado pela brisa noturna.

Enfim, diferentes das de hoje em dia, as calçadas serviam mais para coisas boas, como namorar. No entanto, em que pesem as mudanças transcorridas, a importância social desse equipamento continua válida. Não há como, por exemplo, sair de casa e bater com os pés diretamente no calçamento ou na pista asfáltica, disputadíssimos pelos automóveis e pelas motocicletas, sob pena de se perder o bem mais precioso, que é a vida.

Sendo assim, as calçadas, de um modo geral, e não apenas em áreas privilegiadas, merecem maior atenção do poder público municipal. É preciso livrá-las, para maior segurança e melhor deslocamento dos pedestres, de uma infinidade de entraves, que vão dos desnivelamentos e dos buracos aos estacionamentos, passando pelos cabos pendentes das redes de distribuição de energia elétrica e de telecomunicações.

Na cidade de João Pessoa, tome-se, como exemplo, as calçadas da avenida principal do Bairro dos Bancários, seguindo do Carrefour até o Trevo das Mangabeiras. Logo cedo, o trajeto lembra uma corrida de obstáculos, sobre estranhos tapetes humanos, gementes de frio (para lembrar aqui o poema de Sérgio Vaz), e o que mais vai se encontrar pela frente só participando dessa prova feita para tirar o fôlego da cidadania.

Com as mudanças que caracterizam a realidade da capital paraibana, é preciso ficar alerta, no que se refere à ocupação das calçadas, que tendem agora a se transformar, além de em estacionamentos de carros e sanitários de cães, em praças de alimentação. Não se sonha com a volta da calçada do famoso poema de Mário Quintana, mas não custa disciplinar melhor a ocupação do passeio, com vistas a uma convivência menos conflitante.

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

Os festivais da MPB na Paraíba

Em abril de 1967, a Paraíba integrou-se à efervescência do movimento cultural que conferiu novo prestígio à Música Popular Brasileira. O sentimento de insatisfação, que dominava a consciência política de jovens, artistas e intelectuais do país, estimulava o espírito criativo para, através das canções, fazer ecoar o grito de protesto do povo. Era a fórmula encontrada para contornar a censura e a repressão da ditadura militar.

Os Festivais da MPB criavam uma dinâmica nova na produção artística nacional, revelando compositores e cantores que conquistavam a simpatia de uma geração sintonizada aos tempos de mudança pelos quais o mundo inteiro clamava.

Esses certames levavam emoção e entusiasmo ao público que comparecia aos eventos. Majoritariamente formada por estudantes, intelectuais e jornalistas, essa plateia dava voz à rebeldia popular que, a todo custo, os ditadores tentavam conter.

Particpei desses acontecimentos com a excitação própria da idade, tanto em nível nacional, acompanhando as transmissões pela TV, quanto presencialmente, comparecendo às eliminatórias das edições realizadas no Theatro Santa Roza. Vibrava, torcia e cantava, aplaudindo ou vaiando as músicas concorrentes, incorporando-me à energia revolucionária que dava ânimo para a luta contra o regime e inspiração para um dos mais férteis momentos da história da música brasileira.

Os Festivais da MPB na Paraíba nasceram da iniciativa de integrantes da Sociedade Cultural de João Pessoa, que assumiu a responsabilidade de promover os eventos. Seus idealizadores foram Expedito Pedro Gomes (coordenador dos quatro primeiros festivais), o maestro Pedro Santos, o cronista de artes G. O. Belli, Carlos Roberto de Oliveira e Alarico Correia Neto.

As edições alcançaram grande sucesso, e o Theatro Santa Roza tornou-se pequeno para o público interessado. Quem não conseguia ingressar acompanhava a transmissão simultânea feita pelas três emissoras de rádio da capital: Tabajara, Arapuan e Correio da Paraíba.

Nas cinco edições realizadas, despontaram compositores como Marcus Vinicius, Livardo Alves, Carlos Aranha, Vital Farias, Glorinha Gadelha, Luiz Ramalho, Genival Veloso, Gilson Reis, Cátia de França, Alberto Arcela, Cleodato Porto, Sergio de Castro e Pedro Osmar. O palco revelou também intérpretes como Shirley Maria, Zé Pequeno, Aléssio Toni e Diógenes Brayner.

Algumas músicas ficaram marcadas em minha memória: “Poeira”, de Marcus Vinicius; “Eu Sabia Sabiá”, de Vital Farias; “Giramulher”, de Carlos Aranha; “Mundo da Gente”, de Glorinha Gadelha; “Mariana”, de Cátia de França; “O Repente”, de Bráulio Bronzeado; e “Caminhando Caminhar”, de Gilson Reis.

A Paraíba tem conseguido mostrar seu potencial artístico na música, reafirmando-se como um celeiro de talentos, muitos dos quais ganhariam destaque no cenário nacional. Neste ano, o Governo do Estado, por meio de sua Secretaria de Cultura, com organização e realização a cargo da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), através da Rádio Tabajara, e da Fundação Espaço Cultural (Funesc), realizou neste ano a IX edição do Festival da Música Paraibana. As eliminatórias aconteceram em Conceição, no final da semana passada, e a finalíssima em João Pessoa, na noite de ontem. Os homenageados deste ano foram Luiz Ramalho e Cecéu de Barros.

“

Os Festivais da MPB na Paraíba nasceram da iniciativa de integrantes da Sociedade Cultural de João Pessoa, que assumiu a responsabilidade de promover os eventos

Foto Legenda

João Pedrosa



Fiéis

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

A casa pode lembrar o homem?

Eu não conheci o Dr. Antônio da Gama e Mello, que residiu num dos sobrados mais antigamente solicitados e cultuados desta cidade, exatamente onde restam hoje, descaído entre escombros e urtigas, na General Osório, a parede de frente com plaquinha de inscrições do seu valor histórico e fazendo menção ao nome de Virginius da Gama e Mello.

Não era um prédio que chamasse a atenção por lembrar a aristocracia rural dos seus melhores dias (século XIX) largado o tripé engenho-casa-capela para o veraneio em Ponta de Matos, que era o luxo dos fins de semana, em sobrado cheio de ornatos da cidade tão bem estudado e melhor descrito por Juarez da Gama Batista, nascido nas encostas e também um ancestral dos Gama.

Só anos depois, atraído pela literatura urbana desta cidade, pelo Coriolano de *O Tambiá da minha Infância*, do livro já citado de Juarez, da linguagem de crônica de Celso Mariz, fui aderindo ao “ar sutil” da cidade, de sua gente, de seu casario provincial de cadeiras na calçada e, mais que tudo, da boa convivência entre as classes sociais. Os clubes, o Astrea, o Cabo Branco, não eram exclusivos da classe alta, certamente em decorrência da fama secular da “cidade dos funcionários”. Via-se isto, sem recorrer às estatísticas, pelo ânimo geral nos dias de pagamento.

Não cabe mais a pergunta ou a dúvida se a Paraíba mudou. Claro que mudou, como todo este país das maiores exportações mundiais de alimentos, ainda que muita criança, aos milhões, suscite a lição de André Gide: “Não há país rico com crianças que vão para a cama com fome”.

Voltemos ao sobrado lembrado pelas ruínas. Por que isto agora, se o tema do desprezo com as referências da nossa memória urbana é coisa velha e batida? Pela pergunta que me fiz, nesta semana, ao me ver de olhar novamente voltado para aquela parede arruinada. Outros sobrados na Duque de Caxias, de arquitetura até mais representativa de sua época, estão caindo escorados, ameaçando o trânsito da calçada.

Afinal, o que tem um mestiço, caboclo das matas brejeiras como eu, com a história dos Gama e Melo, de linhagem aristocrática, falan-

“

Por que isto agora, se o tema do desprezo com as referências da nossa memória urbana é coisa velha e batida?

do latim, ocupando todos os poderes do Estado e, no caso de Gama e Melo, agradecendo ou se dispensando de ocupar o Ministério da Justiça no regime republicano nascente? E não vejo outra razão, além da confissão de modéstia para um cargo que ele não se sentia à altura. Tinha altura, sim. Floriano pôde avaliar quando aqui serviu, de cadeira na calçada a trocar ideias. Tinha altura para levar sua província discriminada pelas irmãs do centro-sul, a concorrer com a primazia dos estados na condução da maioria pobre deste país. Era jurista, professor do Liceu com lições de justiça e dignidade, quando passou pelo governo no regime monárquico. Desentendera-se com um colega de magistério, diretor do Liceu, que, mal termina a posse de Gama e Melo no governo, corre ao Palácio com o pedido de exoneração: “Volte e continue meritariamente em seu lugar, independente de nossas divergências”. As palavras exatas estão nas *Reminiscências* de Francisco Coutinho, que testemunhou o gesto.

Foi lendo este povo, que é ler a crônica de F. Coutinho de Lima e Moura, Celso Mariz, Coriolano, Juarez, memórias vivas da cidade e dos seus homens, que me veio a pergunta ao cruzar o paredão velho enramado de heras: “Será que a casa pode lembrar o homem?”.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA-PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO

Uma publicação da EPC

Av. Chef, nº 451 — CEP 58.082-010 — Distrito Industrial — João Pessoa (PB)

Gisa Veiga
GERENTE-EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (83) 3218-6500

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (assinaturas)

ASSINATURAS IMPRESSAS: anual R\$ 404,25 / semestral R\$ 202,12 / número atrasado R\$ 4

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor, exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

OUSE CRIAR

Programa incentiva a inovação nas escolas

Objetivo é estimular o protagonismo dos estudantes da rede estadual de ensino

Carolina Oliveira
 marquesleoliveira.carolina@gmail.com

Estimular o protagonismo estudantil e a cultura de inovação nas escolas, e conduzir estudantes à transformação de desafios reais em oportunidades de projetos sustentáveis: esses têm sido os objetivos centrais do Ouse Criar desde o seu surgimento. Concebido no fim de 2019, o programa, gerenciado pela Secretaria de Estado da Educação (SEE-PB) em cooperação com a Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq-PB), atravessou o período da pandemia adaptando recursos e fluxos, consolidou-se com os editais de 2021 e 2022, e, recentemente, deu início a um processo de modernização e reposicionamento.

O foco, que na edição anterior era a integração rural-urbana, agora expande-se para a economia criativa e o desenvolvimento local, conectando diretamente as ideias dos alunos e o potencial econômico de suas regiões. “O programa já acumula uma capilaridade expressiva no estado”, de-

clarou o coordenador-geral do Ouse Criar, Remo Peixoto. A iniciativa registra a participação de 1.120 estudantes e 224 professores, cobrindo 224 escolas em 77 municípios paraibanos. Os investimentos saltaram de R\$ 468.100, em 2024 para R\$ 716.400, em 2025.

Público-alvo

O programa é voltado para estudantes do Ensino Médio da rede estadual. Para os novos ciclos, de acordo com o coordenador do programa, o planejamento é ampliar o público-alvo, permitindo a participação não apenas de alunos da 1ª série, mas também da 2ª série do Ensino Médio, fortalecendo a continuidade dos projetos. Os detalhes e valores de fomento para a edição 2026-2027 serão oficializados com a publicação do novo edital, prevista para o segundo semestre.

Para os próximos ciclos, o programa também prevê maior integração das áreas de matemática, ciências da natureza e Educação Técnica. “Vamos incentivar projetos voltados à análise de dados,

tecnologia, inteligência artificial, sustentabilidade e resolução de problemas reais”, enfatizou Remo Peixoto.

Fases

O coordenador explica que o Ouse Criar é estruturado em fases: os estudantes participam inicialmente da fase de criatividade — na qual recebem capacitação e oficinas para aperfeiçoar suas propostas. Na sequência, avançam para a fase de desenvolvimento, na qual trabalham o amadurecimento prático e técnico da solução. “Toda a abordagem é baseada em metodologias ágeis de mercado, como *design thinking* e *lean startup*”, acrescenta Remo. As equipes são formadas por estudantes e professores mentores das instituições de ensino.

As ações também dialogam com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU), especialmente nas áreas de educação de qualidade, inovação, trabalho decente, redução das desigualdades e desenvolvimento sustentável.

O programa foca na aprendizagem experiencial: “Na prática do Ouse Criar, os estudantes não ficam apenas na teoria: eles são instigados a observar a própria comunidade, aperfeiçoar soluções para problemas reais, testar hipóteses e modelar propostas viáveis de forma dinâmica”, detalhou Peixoto. O formato alinha-se com as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), incluindo competências essenciais como educação financeira, análise de dados e pensamento crítico.

“Ao vivenciarem a prática, os jovens desenvolvem competências como liderança, trabalho em equipe, comunicação assertiva para apresentação de projetos e alta capacidade de adaptabilidade e resiliência”, destaca Remo Peixoto. Além do desenvolvimento técnico e empreendedor, de acordo com o coordenador, o programa contribui para fortalecer o vínculo dos estudantes com a escola, ampliando perspectivas de futuro, pertencimento e participação ativa nos processos de transformação social.

Projeto de alunos propõe solução agrícola

Desenvolvido por estudantes da Escola Cidadã Integral Técnica Professor Raul Córdula, o Raízes do Futuro: Tecnologia e Tradição no Cultivo Hidropônico de Hortaliças em Fazendas Verticais é um dos projetos com origem na edição 2025-2026 do Ouse Criar. “O objetivo é desenvolver uma torre hidropônica vertical nacional de alta tecnologia, e mais acessível para produtores rurais e urbanos”, explicou o professor mentor Leonardo Albuquerque. O projeto surgiu, de acordo com o mentor do grupo que o desenvolveu, da percepção de que a hidroponia representa “uma importante alternativa para a produção agrícola no Brasil, mas ainda é pouco explorada em todo o seu potencial”.

Na avaliação dos desenvolvedores, os modelos de torres hidropônicas disponíveis nos mercados nacional e internacional têm custos elevados, muitas vezes incompatíveis com a realidade econômica brasileira, especialmente para pequenos e médios produtores. A proposta do grupo é desenvolver uma alternativa tecnológica de menor custo, “sem abrir mão da eficiência, da sustentabilidade e, principalmente, da automação, que constitui um dos principais diferenciais inovadores do projeto”, destacou Leonardo.

A intenção, de acordo com os desenvolvedores, é possibilitar que agricultores familiares, pequenos produtores e até grandes empreendimentos agrícolas possam diversificar suas culturas por meio da hidroponia vertical, produzindo hortaliças de alta qualidade nutricional com menor consumo de água e

melhor aproveitamento do espaço disponível. A iniciativa integra tecnologias como impressão 3D, automação, internet das coisas (IoT) e monitoramento inteligente. O grupo planeja incluir, futuramente, sistemas de energia solar. “O resultado buscado é ter um produto inovador, pensado para as condições climáticas e produtivas do Nordeste brasileiro”, afirma o mentor. Leonardo enfatiza, também, que o projeto visa estimular a produção local de alimentos frescos, ampliar o acesso a tecnologias agrícolas avançadas e contribuir para a modernização e competitividade do setor produtivo regional.

Atualmente, a equipe está na fase de desenvolvimento do produto mínimo viável (PMV). A primeira torre hidropônica está em processo final de impressão 3D, enquanto os demais componentes necessários para a montagem do sistema estão sendo recebidos. “A próxima etapa será a implementação do sistema de irrigação e circulação de água, seguida da integração da automação por meio da plataforma ESP32, uma placa microcontroladora capaz de conectar o sistema à internet das coisas (IoT)”, descreve o mentor da equipe desenvolvedora, formada pelos estudantes Anderson Moisés da Silva Barreto, Marcone de Sousa Machado e Ana Sophia Silva Cordeiro.

A expectativa da equipe é validar o funcionamento do protótipo e evoluir gradualmente para um produto nacional de referência. “Queremos competir com tecnologias importadas e posicionar a Paraíba entre os



Torre hidropônica é mais acessível para produtores rurais

estados pioneiros no desenvolvimento de sistemas hidropônicos verticais inteligentes, contribuindo para que o Brasil avance na criação de soluções inovadoras para a agricultura do futuro”, afirma o professor.

Parcerias

Para manter um ambiente propício ao desenvolvimento de projetos inovadores, o Ouse Criar soma parcerias com diversas instituições. A Secretaria de Estado da Educação (SEE-PB) atua em rede para conectar as escolas públicas diretamente com o mercado e o universo da inovação. Entre os parceiros estratégicos, o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae-PB) tem realizado iniciativas como o projeto Inspira Não Pira; já o Parque Tecnológico Horizontes da Inovação dá suporte técnico-científico, e de fomento de instituições como a Fapesq-PB.

Remo Peixoto explica que as parcerias funcionam como verdadeiras pontes de aceleração para as ideias dos estudantes. “O Sebrae-PB entra com sua *expertise* em cultura empreendedora, ajudan-

do a modelar os negócios e a capacitar os jovens em ferramentas de mercado de forma leve e dinâmica. O Parque Tecnológico abre as portas para que os alunos saiam do ambiente tradicional da sala de aula e tenham contato com pesquisadores, mentores de negócios e criadores de *startups* locais, vivenciando o ecossistema de tecnologia real do estado”, detalha o coordenador do programa.

Essa articulação transforma a visão de futuro dos estudantes da rede estadual. Na última edição, todas as 50 equipes participaram das atividades promovidas pelos parceiros. “Os jovens passam a criar soluções reais para suas comunidades sob o olhar de mentores que entendem de mercado”. Para Remo Peixoto, o impacto da iniciativa reflete-se na formação de uma geração mais preparada para os desafios contemporâneos e no fortalecimento do desenvolvimento local e da economia criativa paraibana. “Mais do que incentivar projetos, o programa busca transformar a escola em um espaço de criatividade, protagonismo e construção de soluções para os desafios contemporâneos”, conclui.

Eduardo
 Augusto

eduardomelosocial@gmail.com

Eu e Bausch

Bom dia. Hoje acordei com os pés descalços, no chão frio da cozinha e, por um instante, pensei nela. Pina Bausch. Não sei por quê. Talvez porque o café derramou sobre a mesa e formou um mapa líquido, e eu vi ali um gesto que ela teria transformado em cena. Ela tinha essa mania de tornar belo o que doía.

Pina não fazia balé como a gente imagina. Não havia tutus de cetim, nem sapatilhas que sussurram sobre a madeira. Suas bailarinas pisavam fundo. Às vezes, arrastavam cadeiras, vestiam vestidos escorregadios, enfiavam os dedos na própria boca como se quisessem extrair de lá uma palavra que nunca vinha. E eu, que nunca fui dançarino, me sentia, ao assistir, completamente dançado.

Ela dizia algo que persigo como um cão atrás do próprio rabo: “Interessa-me menos como as pessoas se movem, mas sim o que as move”. Pronto. Aí está o segredo que muitos coreógrafos ignoram e que ela repetia como um mantra de angústia. O movimento, para Pina, era um grito educado. Uma tristeza que aprendeu a ser elegante para não assustar os outros.

Lembro de uma cena de Café Müller, de 1978: uma mulher de olhos fechados, os braços flutuando entre cadeiras e uma mesa de madeira, enquanto um homem a desvia dos obstáculos com um gesto seco, quase brutal. Ela tropeça, ele a levanta. Ela cai, ele a reposiciona. E nesse vai e vem, de uma repetição exaustiva, vi o retrato do amor —

aquela tentativa cansada de proteger o outro de si mesmo. A angústia estava ali, no ar, como poeira que só se vê quando o sol entra pela fenda.

“

A angústia estava ali, no ar, como poeira que só se vê quando o sol entra pela fenda

A solidão, para Pina, nunca foi uma bailarina sozinha no palco. Era um grupo dançando juntos, mas cada um num universo particular. Corpos que se esbarram sem se tocar, olhares que se cruzam como navios à noite. Num de seus espetáculos mais

famosos, uma dançarina repetia “Apenas sinto, apenas sinto”, enquanto o parceiro a ignorava completamente. Era trágico. Era cômico. Era verdade.

Fui a um ensaio aberto uma vez, no Teatro São Pedro, em São Paulo. Ela já havia morrido, mas sua companhia continuava. Vi um bailarino alto repetir o mesmo passo durante quarenta minutos: andar, parar, olhar para o próprio ombro, cair de joelhos. O diretor de ensaio disse: “Agora faça como se fosse a última vez que você vê o chão”. O rapaz repetiu. E aí eu entendi. O movimento de Pina não é decorado: é vivido. Cada gesto carrega uma biografia.

Hoje, de manhã, ao terminar o café, fiquei parado no meio da sala. Braços soltos, coluna levemente inclinada. Não era uma pose. Era uma memória. Me senti um pouco Pina, um pouco bailarino da Tanztheater, um pouco esse amontoado de amor, angústia e solidão que dança disfarçado de gente comum.

Ela disse uma vez que a dança não serve para contar histórias bonitas, mas para nos libertar do que pesa. E, aí, me dei conta: talvez, eu tenha passado a vida inteira coreografando pequenos escapes. Abrir a janela, sair de uma festa mais cedo, perdoar alguém sem dizer nada. São movimentos também. São todos dança de Pina. Só não sabia.

Bom dia, Pina. Onde quer que esteja, espero que ainda esteja arrastando cadeiras, tropeçando em amores e transformando a solidão na coisa mais bonita que já vi. Porque com você, até o chão dança.

Júnior Nóbrega

Secretário de Estado do Desenvolvimento da Agropecuária e da Pesca

“Hoje, nós temos a possibilidade de sonhar com uma vida digna no campo”



Em entrevista, gestor da Sedap-PB detalha ações e investimentos do Governo do Estado na agropecuária paraibana

Iris Machado
irmschdo@gmail.com

Para Júnior Nóbrega, que assumiu a Secretaria de Estado do Desenvolvimento da Agropecuária e da Pesca (Sedap-PB) neste mês, a agropecuária paraibana vive um momento ímpar — e o futuro do setor é o mais animador possível. Vitrine para pequenos e médios produtores, o circuito de exposições no estado já supera a marca de 70 eventos anuais e coloca municípios do interior no roteiro de turistas de todo o Brasil. Incentivos fiscais não só facilitam o acesso a tecnologias agrícolas modernas, mas também oferecem subsídios para a compra da ração de rebanhos. Em entrevista ao jornal **A União**, o secretário aprofunda o planejamento necessário para a conquista da principal missão da pasta: garantir a dignidade do homem e da mulher do campo.

A entrevista

■ *O senhor chega à Sedap-PB em um período especial para o agro paraibano. O que ocasionou essa virada de chave?*

Chegamos em um momento muito propício. A nossa Sedap-PB ganhou visibilidade por conta dos trabalhos que vêm sendo feitos e da dinâmica do ex-secretário Joaquim Hugo. O Governo do Estado começou a ter um olhar diferenciado para o nosso agro. Há dois anos e meio, nós iniciamos um circuito de exposições que levou o agro não só a aparecer no nosso PIB [Produto Interno Bruto], como também a superar o de nossos estados vizinhos. Temos aqui um braço muito forte de certificação das nossas agroindústrias, quando a gente fala no queijo, no ovo e no mel. Não adianta a gente produzir bem no campo se não puder comercializar. Quando a gente fala no camarão, a Paraíba, hoje, é o terceiro maior produtor do Brasil. Quando a gente fala no leite, a Paraíba, hoje, é o maior produtor de leite de cabra do Brasil. Voltamos a ser o primeiro maior produtor do abacaxi. Isso incentivava a Paraíba a abrir os olhos para o agronegócio, para a nossa agropecuária. Nós sabemos que o Brasil é o maior produtor de proteína bovina do mundo e uma das conquistas que obtivemos no ano passado foi o título de Área Livre da Febre Aftosa sem Vacinação. Isso foi de fundamental importância para destravar o comércio de carne. Também, em 2025, conseguimos um sonho de mais de 20 anos: abrir o abatedouro de caprinos e ovinos em Monteiro, que já está com uma produção expressiva. O governo de João Azevêdo, assim como o governo de Lucas Ribeiro, foi muito incisivo nisso e entende que nós temos que investir em produtividade e ser competitivos. E, para ser competitivo, nós precisamos de tecnologia. Na parte técnica, a Sedap-PB realiza várias iniciativas de capacitação para que nossos agricultores trabalhem com o conhecimento disponível. Outro grande eixo em que a secretaria está entrando é a de máquinas adaptadas para o pequeno produtor. 80% da nossa produção vêm de pequenas propriedades, muitas delas da agricultura familiar, que sofrem com a falta de mão de obra. Levamos dignidade ao homem do campo por meio de estradas e de poços artesianos. Temos um processo de licitação de

mais de R\$ 22 milhões, referente a estradas e sinais em zonas rurais, e de mais de R\$ 16 milhões, voltado à perfuração de poços. A Sedap-PB está andando e andando bem. Vamos dar continuidade e nos fortalecer mais ainda, porque entendemos que, se o campo não produz, a cidade não come.

■ *Antes de assumir a secretaria, o senhor também atuou como presidente da Associação Paraibana dos Criadores de Caprinos e Ovinos (Apacco). O que essa vivência acrescenta à gestão estadual da agropecuária e da pesca?*

Durante a minha vida, graças a Deus, tive várias oportunidades de ocupar certos cargos. Além de ter passado um período na Apacco, fui vereador de 2004 a 2008 e fui prefeito de Prata de 2012 a 2020. Hoje, quando se fala em leite de cabra e caprinocultura, Prata é destaque não só na Paraíba, mas também no mundo todo. Prata foi o primeiro município do Brasil a destinar subsídios ao leite de cabra. Depois, criamos um programa muito interessante, que é o programa de manutenção do rebanho, tanto com silagem como com proteína. Agora, a gente vê o Estado e mais de 29 prefeituras fazendo isso. Na Apacco, tivemos a oportunidade de conhecer os rebanhos caprinos e ovinos de toda a Paraíba. Nós criamos o maior programa de melhoramento genético do Brasil, o Paraíba Genética, responsável pela inseminação de mais de 30 mil animais, melhorados por meio de reprodutores de famílias controladas pela Embrapa [Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária]. A gente sempre fala nesta palavra: tecnologia. Essa era uma tecnologia que só os grandes produtores podiam ter e agora, junto à Apacco, o pequeno produtor está tendo acesso. Lançamos também, em Prata, um *layout* de exposição diferente, que valoriza o comércio, o produtor e o animal, uma exposição baseada na realidade local e economicamente viável. No agronegócio, você depende de tempo, de mão de obra, de tecnologia. Você planta sem saber se vai colher. Você cria sem saber que preço vai dar ao animal. Mas, hoje, a Paraíba vive um momento extraordinário em relação a isso. Eu fico muito feliz de estar fazendo parte dessa história.

■ *Que papel as feiras e exposições agropecuárias desempenham, hoje, na economia do estado?*

Nosso calendário de exposições, ano após ano, vem crescendo mais de 100%. Começamos 2019 com quatro e neste ano deverá ultrapassar as 70. Os números do ano passado foram números muito bons: um público de pouco mais de 1,2 milhão de pessoas e um volume de negócio, dentro do parque, de mais de R\$ 500 milhões. Este ano com certeza vai superá-los, até porque a quantidade de municípios envolvidos aumentou. O turismo rural vem se fortalecendo. As pessoas estão viajando cada vez mais e procurando os tipos de eventos que o Nordeste proporciona. A gente vê, no São João, 30 dias de festa ininterruptos, um comércio muito forte. Os hotéis lotam mais de 100%. Isso é uma oportunidade turística principalmente para as pequenas cidades. Coxixola, um dos menores municípios da Paraíba, é muito pujante, tem uma exposição muito forte, gera emprego e renda para restaurantes, pousadas, bares e artesãos. Nós temos São João do Tigre, lá no final da Paraíba, que o pessoal costumava dizer que só visitaria se tivesse um negócio e um negócio muito bom, porque, além de ser longe, não tinha estradas. A Paraíba vive um momento de infraestrutura e essa infraestrutura nos ajuda a fazer essa locomoção. A gente não poderia deixar de falar em Cabaceiras, que vive outros ares. É uma das cidades mais pujantes em relação ao turismo. Cabaceiras possui uma rede hoteleira que passou, nos anos 1990, de quatro a cinco quartos, para 800, nos dias de hoje. É esse tipo de coisa que a gente quer agregar dentro das exposições. Temos uma parceria também com o Sistema S, o Senar [Serviço Nacional de Aprendizagem] e a Faepa [Federação da Agricultura e Pecuária da Paraíba], que treinam a população para atender esses novos turistas. Cabaceiras, no ano passado, recebeu uma delegação de 12 países e 18 estados, e nosso circuito Paraíba Agronegócio é do Litoral ao Sertão.

■ *O agro paraibano já vê mais mulheres em posições de destaque. Como a Sedap-PB impulsiona o protagonismo feminino e a capacitação dessas mulheres?*

Nós temos uma grande rede de ações e de palestras que se chama Mulheres do Agro. Isso vem fortalecendo e trazendo a mulher para dentro do agronegócio, para dentro das indústrias e dos currais, com outra cabeça e outra visão. A mulher consegue enxergar e fazer mais do que o homem. Tiramos ela da posição de mera coadjuvante para torná-la uma atriz principal dentro do agro, que tanto vem crescendo na Paraíba devido às ferramentas que o Governo do Estado proporciona, porque não dá para falar em agro sem falar de educação. Hoje, 90% dos pequenos mu-

nícipios têm escolas técnicas voltadas à aptidão local. Agora, existe a possibilidade de se ter várias e várias gerações de sucessão no campo, cortando e quebrando o êxodo rural. Antes, o pai queria que os filhos estudassem nas grandes cidades e eles não queriam voltar porque viam que a vida da família era uma vida sofrida. Além de acordar cedo e dormir tarde, não havia condições financeiras para uma vida digna. Não tinha boas condições de saúde, não tinha infraestrutura, não tinha energia. Não tinha emprego, não tinha para quem vender a produção. Essas ações possibilitam que os filhos apoiem a família no campo e continuem essa sucessão. Nas exposições, a gente vê isso acontecendo. A gente vê crianças e adolescentes tratando animais e sendo campeões ou campeãs. Hoje, nós temos a possibilidade de sonhar com uma vida digna no campo.

■ *Quais ações da secretaria têm ajudado o produtor a lidar com os efeitos da estiagem no semiárido paraibano?*

Quando a gente fala em vida, a gente fala em água. Quando a gente fala em produção, a gente fala em água. Um grande projeto que lançamos na última exposição, em Campina Grande, foi o Palmas para a Paraíba. Essa ação, com certeza, mudará a cara do nosso Cariri. É um projeto que levará sementes de palma resistentes à cochonilha para o interior. Quem conhece a cochonilha sabe que foi uma praga que, há 10 anos, dizimou toda a palma que nós tínhamos e quase acabou com o nosso rebanho. Isso, além de dar uma segurança alimentar para o rebanho, garantirá forragem, proteína e leite o ano todo. A gente fala muito de leite, porque ele gera muitos empregos rapidamente. Para se ter ideia, cada 50 litros de leite que é produzido por dia em uma propriedade gera um emprego. A cada 100 litros de leite bovino, você gera um emprego. E, para ter leite, nós precisamos de alimento. É aí onde entra a palma, uma planta altamente resistente e energética, que é o que a gente precisa. Mas nós sabemos que não é só dar sementes. Há um tempo para a colheita, de um ou dois anos, no mínimo. Para não haver descontinuidade na produção e produtividade, temos em andamento e com contrato já para assinar um investimento de R\$ 104 milhões para a silagem de três a quatro meses. Nós temos essa garantia, dentro do panorama de estiagem, para que a gente possa chegar próximo de quem produz e atender, com eficiência, no tempo certo.

■ *Como o incentivo à piscicultura entra nesse contexto de convivência com a seca?*

O que mais nós temos de demanda, hoje, dentro da secretaria, é na piscicultura. Este ano começou um pouco conturbado, mas a gente viu que as chuvas chegaram e isso é muito importante. Nós te-

mos algumas estações e, notadamente, a mais forte é a nossa estação em Itaporanga, onde fazemos a reprodução de várias espécies, que serão e já estão sendo distribuídas aos municípios de acordo com a demanda e a capacidade dos reservatórios e mananciais de cada um. É uma ação continuada. Estamos criando um cronograma para que, dentro e fora das exposições, a gente consiga atender todos que nos procurem, seja de associações, seja de prefeituras. A ordem do governador é que a gente consiga fazer o peixamento e povoar os açudes o mais rápido possível, de modo que os alevinos cresçam e se multipliquem nos reservatórios. Como os alevinos que temos são alevinos de tilápia, que se reproduzem muito rápido, com certeza vamos conseguir vencer essa barreira. O estado é grande, há muitos pedidos, muita demanda, e já estamos nos organizando para realizar um atendimento com mais afinco em relação a isso.

■ *Com a reforma das unidades da Defesa Agropecuária, quais melhorias devem chegar, na prática, ao atendimento do produtor?*

Vamos oferecer um local digno, amplo e confortável para nossos técnicos e agentes. Essas são condições de trabalho mínimas para que eles possam atender bem. A reforma acompanha tecnologia nos equipamentos, computadores, notebooks e programas, a fim de facilitar o acesso do produtor e o monitoramento dos números do rebanho. Esse é o ponto fundamental: dar condições para que nossos técnicos e produtores realizem as atualizações do cadastro e emitam o GTA [Guia de Trânsito Animal], documento necessário tanto para transitar animais de uma propriedade a outra quanto para nossos projetos. Foram investidos R\$ 6 milhões em todas as unidades. No mais tardar, em um mês, todas serão entregues.

■ *Para finalizar, quais metas o senhor pretende alcançar à frente da Sedap-PB?*

A Sedap-PB, graças a Deus, cresceu e cresceu muito. É uma secretaria que não tinha tanta notoriedade, não tinha tantas obrigações. Mas o nosso objetivo é formalizar o máximo de indústrias possíveis. Com o máximo possível de indústrias formalizadas, o produtor terá renda. E, se ele tem renda, ele se fixa no campo, produz com qualidade e estimula a Paraíba a crescer cada vez mais. Nosso principal foco é fazer com que a Paraíba e o produtor cresçam, por meio da certificação e do programa de melhoramento genético. Nós temos um desafio muito grande — e eu topei esse desafio — que é fazer com que o Cariri e o Curimataú tenham a mesma quantidade de hectares de palma como há de cana-de-açúcar na nossa parte litorânea. Na hora em que a gente equiparar isso, vamos ter a certeza da segurança alimentar dos nossos rebanhos e da fixação do homem do campo.

REGULARIZAÇÃO FUNDIÁRIA

Iniciativa garante o direito à moradia

Parceria entre UFPB e DPE-PB, com recursos federais e parlamentares, beneficia mais de duas mil famílias na capital

Iris Machado
irmschdo@gmail.com

O que assegura que o imóvel onde você mora é, de fato, seu? Essa garantia, em comunidades excluídas do processo de desenvolvimento em João Pessoa, permanece uma incerteza. Sem a titularidade do espaço, moradores de territórios urbanos vulneráveis convivem com ameaças constantes de despejo e realocação, impossibilitados de exercer a própria cidadania. Essa luta pelo direito à moradia, na capital, encontra apoio na parceria entre movimentos sociais e instituições públicas, como a Defensoria Pública do Estado da Paraíba (DPE-PB) e a Universidade Federal da Paraíba (UFPB). A atuação conjunta dos órgãos deve beneficiar mais de duas mil famílias na cidade, com a regularização fundiária urbana (Reurb), sendo aproximadamente 1,9 mil no Alto do Céu, cerca de 250 na Costa do Sol e mais de 40 na comunidade das Três Ruas.

A parceria entre UFPB e DPE-PB está ativa há mais de dois anos, ao lado da Comissão Estadual de Prevenção à Violência no Campo e na Cidade (COECV) e da Comissão de Soluções Fundiárias do Tribunal de Justiça da Paraíba (TJPB). Esses casos, na Defensoria, chegam à mesa do Núcleo Especial de Cidadania e dos Direitos Humanos (Necidh), sob a responsabilidade da defensora Fernanda Peres. Mas, além da defesa processual, o órgão realiza um amplo acompanhamento da dinâmica espacial e social de cada comunidade.

“Em razão das peculiaridades de cada território, a gente precisa estar ali, presente. A gente entende cada local: o tempo em que os moradores estão ali, as características familiares, como se dá a relação com o território, se eles produzem, se eles apenas moram lá. Muitas vezes, a justificativa é de que se trata, por exemplo, de uma área de risco, ou uma justificativa ambiental. Só que, na verdade, a gente vê que é possível, com estudos, sanar os problemas apontados e conseguir a manutenção deles naquele local. Essa parceria visa muito isso, apresentar soluções que sejam viáveis, que não sejam apenas a expulsão da comunidade”, explica Fernanda.

O trabalho é desenvolvido em conjunto com os projetos de extensão universitária Observatório Terra e Moradia e Rede em Defesa de Espaços Públicos e do Direito à Cidade, coordenados pelas professoras Alessandra Asfora, do Centro de Ciências Jurídicas (CCJ), e Marcele Trigueiro, do Centro de Tecnologia (CT) da UFPB. As ações avançaram com uma emenda parlamentar de R\$ 500 mil do deputado Luiz Couto (PT-PB) e um convênio com a Secretaria Nacional das Periferias (SNP), do Ministério das Cidades, por meio do programa Periferia Viva. Os investimentos proporcionaram a contratação de 24 e 45 bolsistas, respectivamente.

O processo de exclusão espacial, de acordo com Marcele, é uma realidade não só em João



Foto: Carlos Rodrigo

Na Costa do Sol, onde vivem cerca de 250 famílias, colocação do CEP marca uma nova etapa no acesso a políticas públicas



Foto: Evandro Pereira

Docente defende planejamento urbano não excludente

Pessoa, mas em todos os centros urbanos onde o espaço é produzido e reproduzido como mercadoria. Para a professora da UFPB, isso ocorre em um cenário de alta da especulação imobiliária. “Não se trata mais de cidades que têm uma lógica em que o valor de uso é o valor das práticas sociais, da convivência entre as pessoas, mas trata-se do valor de troca: quanto a terra custa, quanto ela pode rentabilizar e quanto ela pode gerar de lucro. Lidamos hoje

com uma desigualdade imensa e um planejamento urbano excludente, que prioriza os grandes capitais, dá espaço às elites e procura excluir e invisibilizar as comunidades, os assentamentos populares”, aponta.

Mesmo em um contexto de requalificação urbana e de valorização ambiental, a atuação das pesquisadoras comprova a possibilidade de consolidar a permanência das comunidades. “É possível fazer cidade a partir de um planejamento ur-

bano que não seja excludente, nem que seja tão violento ao ponto de colocar pessoas morando a quilômetros de distância dos lugares onde elas moram há décadas e onde elas têm redes de trabalho, de solidariedade e de família totalmente estabelecidas. É possível, sim, requalificar, valorizar ou proteger ambientalmente uma área sem necessariamente fazer um despejo das populações, até porque a justiça ambiental passa antes pela justiça social. Não há uma coisa sem a outra”, reforça Marcele.

Defesa

Para Fernanda Peres, é possível encontrar soluções para problemas ambientais ou estruturais que assegurem a manutenção dos moradores em locais em disputa

Estudo urbanístico e ambiental fundamenta pedidos de titulação

A Reurb, segundo a Lei nº 13.465/2017, incorpora núcleos urbanos informais ao ordenamento territorial de uma cidade, a partir da titulação dos ocupantes no cartório de registro de imóveis. Todo esse processo, uma vez solicitado ao município, começa com um diagnóstico jurídico do conflito fundiário e uma análise dominial, que avalia a existência de matrículas públicas ou privadas no local. Somente após a realização de um estudo urbanístico e ambiental e de um cadastro social é que se considera o projeto de Reurb, como informa Alessandra Asfora. “Feito esse cadastro, a gente começa a estruturar essa resposta, seja uma perspectiva judicial, como a proposição de uma ação de usucapião coletivo, seja uma perspectiva extrajudicial pelo processo de regularização fundiária”, afirma.

Ainda segundo a docente, o trabalho é acom-

panhado até o produto final, ou seja, a titulação. “Depois que há o protocolo de todo esse material, de todo esse trabalho técnico, a prefeitura dá a emissão das Certidões de Regularização Fundiária. E é com essa certidão que os cartórios de imóveis podem abrir as matrículas em nome desses beneficiários e beneficiárias”, explica Alessandra.

Para o deputado Luiz Couto, esse instrumento contribui para a inclusão social e a segurança jurídica das populações invisibilizadas pelo desenvolvimento urbano na capital. “Muitas famílias vivem há anos em suas comunidades, construindo suas histórias, mas sem a garantia legal de posse de suas casas. Com essa emenda, estamos ajudando a transformar essa realidade. Esse trabalho permite que as pessoas tenham mais segurança, acesso a direitos, valorização dos seus imóveis e mais tranquilidade para viver”, salienta.

A Reurb também representa uma das principais missões do Governo Federal, como observa o diretor da SNP, Flávio Brasileiro. Centralizado em Brasília, o projeto atua em 10 municípios distribuídos em sete unidades federativas, todos localizados em regiões metropolitanas: Belém-PA; João Pessoa e Santa Rita-PB; Recife e Jabotão dos Gua-

rarapes-PE; Sobradinho-DF; Belo Horizonte e Ribeirão das Neves-MG; São Paulo-SP; e Palhoça-SC. Na Paraíba, os recursos destinam R\$ 1,4 milhões a equipes de especialistas da UFPB e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB).

“Todos esses investimentos se concentravam, até então, com os entes federativos, governos estaduais e prefeituras municipais, a partir do repasse de recursos do Governo Federal. E foi aí que a gente pensou também nessa oportunidade de fazer uma parceria com universidades públicas federais e assessorias técnicas que estão espalhadas nesses territórios, para que a gente possa expandir esse tema para formar novos profissionais, discutir isso academicamente e, ao mesmo tempo, dar um retorno social com a produção dessa regularização”, pontua Flávio.

Em todo o estado, 3,2 mil domicílios já integram as ações de Reurb. Segundo o diretor, estima-se que a conclusão desse processo ocorra até 2027, com a entrega de três mil títulos nos territórios paraibanos, como resultado do projeto piloto com as universidades. A meta é entregar 50 mil títulos até o fim de 2026 para famílias de baixa renda residentes em favelas e comunidades urbanas de todo o país.

Moradores da Costa do Sol celebram conquista



Foto: Carlos Rodrigo

“A gente já passou por muita coisa. Hoje, a comunidade é ouvida. Ela é vista com outros olhos”

Dacirlyne Costa

Na comunidade Costa do Sol, na Zona Sul de João Pessoa, uma das vezes mais potentes é a de Dacirlyne Costa, conhecida como “Daci”. Só a casa dela foi derrubada duas vezes em um período de menos de cinco anos – em 2011 e 2015. Quando tentou acionar a Justiça, ela chegou até a ser questionada por morar em uma comunidade e ter advogado.

“Eu posso ter um advogado, eu posso ter uma casa organizada, eu posso ter o pão de cada dia. Isso é o essencial para a gente sobreviver. A gente ter conforto não é questão de luxo. Não é proibido. Eu moro dentro de uma comunidade, mas eu trabalho, meu esposo trabalha, assim como muitas pes-

soas trabalham. Se você trabalha, é o mínimo você ter uma cama confortável para dormir e um fogão para cozinhar alimentos”, defende.

Hoje, Daci lidera a Associação Costa do Sol e representa as famílias que aguardam a posse definitiva das casas onde vivem. A esperança da comunidade cresce a cada dia em que o início da Reurb se aproxima. “A gente já passou por muita coisa, questões de acesso a transporte, atendimentos na área de saúde. Até para ir a um supermercado, uma padaria, era bem distante. Hoje, a comunidade é ouvida. Ela é vista com outros olhos”, destaca.

Na última segunda-feira (25), a Costa do Sol obteve mais uma conquista: o Código de Endereçamento Postal (CEP), oito dígitos capazes de formalizar o acesso dos moradores aos equipamentos públicos de saúde e educação, com o programa federal CEP para Todos. “Agora, a gente vai ter mais dignidade ainda. Quando a gente chegava em repartições públicas, não podia ser atendido, porque não tinha um documento formal com o CEP. A parte de alimentação, da prefeitura, eu não conseguia, mas, a partir de agora, eu vou conseguir. A gente vai poder comprar algo pela internet e ver o pacote chegar na nossa residência. É mais uma vitória, e a gente só conquista as coisas lutando. Aqui, se brincar, vai ficar mais bonito do que João Pessoa”, brinca.

PRÁTICAS INTEGRATIVAS

Abordagens ampliam cuidado no SUS

Recursos terapêuticos são ofertados em diversas unidades de saúde do estado, como o Complexo Juliano Moreira

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Nem todo cuidado em saúde começa na prescrição de um remédio. Em diferentes pontos do Sistema Único de Saúde (SUS), práticas como auriculoterapia, acupuntura, massoterapia e ioga, entre outras, vêm ganhando espaço como possibilidades terapêuticas complementares, da atenção primária à alta complexidade. Na Paraíba, as práticas integrativas e complementares em saúde (Pics) já estão disponíveis em unidades de saúde, centros especializados e no Complexo Psiquiátrico Juliano Moreira, onde mais de 15 mil atendimentos foram realizados de janeiro de 2025 até abril deste ano. A proposta é simples: ampliar o olhar sobre o paciente, oferecendo uma abordagem mais completa para dores, sofrimento psíquico e processos de reabilitação.

No hospital, esse cuidado já faz parte da rotina do ambulatório desde 2018, tanto que a assistência não fica limitada às consultas com psicólogos e psiquiatras. A unidade também oferta uma série de práticas integrativas, como auriculoterapia, massoterapia, ventosaterapia, acupuntura, reflexologia podal — técnica que aplica estímulos nos pés —, florais, laserterapia, ioga, reiki, meditação e bandagem elástica. “São práticas importantes para a população. As experiências que temos com os pacientes são as melhores possíveis. Geralmente, eles relatam que as Pics, de alguma forma, modificaram as suas vidas, inclusive o peso de algumas doenças”, conta o diretor-geral do Juliano Moreira, Tércio Ramos.

Integralidade

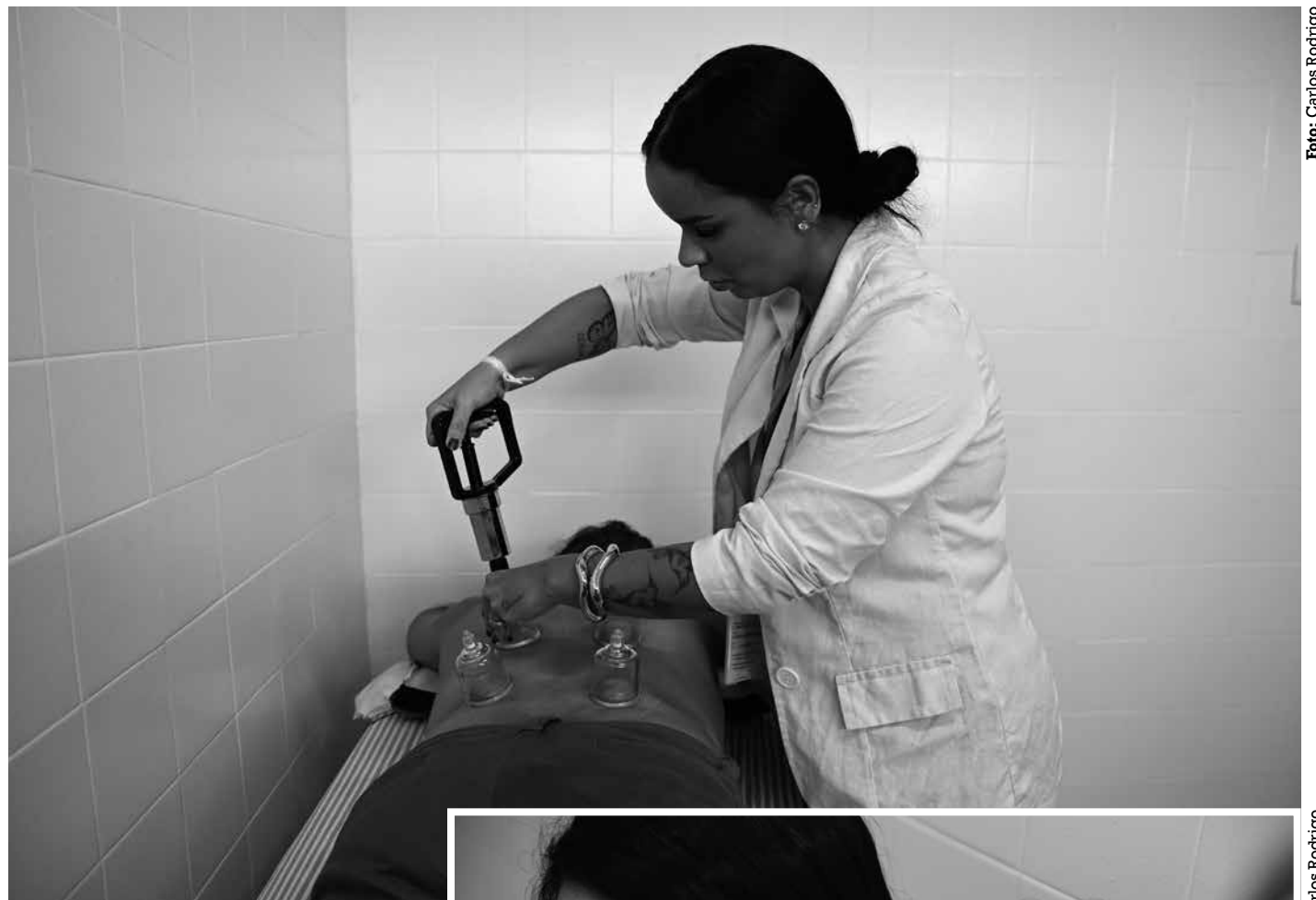
Para ele, a procura crescente mostra que, apesar do

desconhecimento que ainda cerca o tema, esses recursos terapêuticos vêm conquistando um espaço cada vez maior dentro da rede pública. Só no ano passado, segundo Tércio, cerca de um terço dos atendimentos realizados no ambulatório correspondeu às práticas integrativas, com aproximadamente 12 mil registros em um universo de 36 mil atendimentos. Ainda assim, a força desses números não transforma as Pics em solução definitiva ou isolada, como se pudessem substituir os tratamentos convencionais. Como explica o especialista, a lógica precisa ser multimodal, ou seja, o cuidado terapêutico precisa dialogar com o acompanhamento psiquiátrico, psicológico e medicamentoso.

Nesse modelo, a prática integrativa entra para potencializar o tratamento, sobretudo quando a dor física e o sofrimento psíquico aparecem misturados. Tércio cita como exemplo os pacientes com fibromialgia, condição em que a dor crônica pode agravar quadros de ansiedade e estresse, ao mesmo tempo que a ansiedade também intensifica a percepção dessa dor. “Eu preciso entender o paciente na integralidade. Quando reduzimos a dor, necessariamente reduzimos a ‘agonização’ de um quadro de saúde mental e vice-versa”, explica. É nesse cruzamento entre corpo e mente que práticas como massoterapia, ventosaterapia, acupuntura e auriculoterapia podem ser indicadas, sempre a partir da avaliação da equipe.

Pics pela Paraíba

No território paraibano, embora ainda não haja uma política estadual voltada às



Ventosaterapia e auriculoterapia são algumas das Pics disponíveis no Juliano Moreira; atendimento é gratuito, das 17h às 20h em dias úteis

Pics, o cuidado integrativo já se espalha por diferentes frentes da rede pública, sobretudo a partir da organização dos próprios municípios. De acordo com a Secretaria de Estado da Saúde (SES), ao menos 97 deles oferecem alguma prática integrativa, em arranjos que variam conforme a estrutura e a demanda de cada região. A auriculoterapia e a acupuntura estão disponíveis à população em cidades como Cabedelo, Guarabira, Esperança e Monteiro, enquanto outras experiências, incluindo eletroestimulação, massoterapia, geoterapia e tratamento osteopático, podem ser acessadas em Cuité,

Queimadas, Sousa e Pombal. No geral, entre as práticas mais ofertadas pela atenção primária no estado, estão acupuntura, auriculoterapia, práticas corporais e mentais, aromaterapia, cromaterapia e fitoterapia.

Nesse mapa, a capital paraibana ocupa um lugar importante, por já contar com uma política municipal específica. Em João Pessoa, há centros dedicados às Pics,

como o Canto da Harmonia, no Valentina de Figueiredo, e o Equilíbrio do Ser, nos Bancários, além do Núcleo de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (Nupics), no Roger. Em geral, a população tem acesso aos tratamentos nas unidades de saúde da família (USF), Centros de Atenção Psicossocial (Caps), serviços ambulatoriais e centros de reabilitação.

Por fim, não poderia ficar de fora da lista o próprio Complexo Juliano Moreira, na Torre. Além dos pacientes já acompanhados pela unidade, o serviço recebe pessoas que procuram exclusivamente as Pics. Os atendimentos são gratuitos, funcionam de segunda a sexta-feira, das 17h às 20h, e seguem o limite diário de vagas, por isso a orientação é chegar antes do início das atividades.

Musicoterapia: quando o som vira protagonista no tratamento

Das 29 Pics disponíveis no SUS, a musicoterapia talvez seja uma das que mais ajudem a desfazer a ideia de que essas práticas servem apenas para promover relaxamento. O som pode acalmar, mas, também, pode estimular uma palavra que ainda não foi dita. Nesse campo, o som não entra como entretenimento ou aula de música, e sim como recurso terapêutico, com objetivos bem definidos.

É o que explica a musicoterapeuta e violinista Paula Dantas, que atua na Fundação Centro Integrado de Apoio à Pessoa com Deficiência (Funad). Segundo ela, a prática utiliza sons, ritmos, melodias, vibrações, instrumentos e repertórios para trabalhar aspectos físicos, emocionais, cognitivos e sociais dos pacientes, em todos os momentos da vida. “O som alcança lugares que as palavras não chegam”, resume.

Na prática, uma criança pode tocar um instrumento sem afinação perfeita ou cantar fora do ritmo e, ainda assim, desenvolver a comunicação, coordenação motora, expressão emocional e au-

tonomia. Do mesmo modo, uma pessoa idosa pode ser estimulada a movimentar os dedos, cantar, acessar lembranças ou relaxar.

Paula lembra com carinho de Dona Julinha, paciente que acompanhou dos 102 aos 111 anos e que havia sido professora de piano durante a vida inteira. Mesmo quando já não andava e passava boa parte do tempo deitada, a memória musical seguia preservada. “Eu começava ‘Jesus, alegria dos homens’ e ela cantava as notas. A música destrava. Alguns estudiosos dizem que a memória musical é a última que a gente perde”, conta. Nos últimos anos, as sessões ficaram mais curtas e passaram a cumprir uma função quase paliativa: aliviar o medo, reduzir a ansiedade e oferecer bem-estar.

Histórias assim mostram o quão importante é compreender o paciente para além do prontuário. Paula explica que o repertório não é escolhido aleatoriamente, uma vez que cada pessoa tem uma espécie de identidade sonora, formada por memórias, preferências e experiências afetivas. Uma música que acalma alguém



Tocar um instrumento desenvolve a coordenação motora

pode provocar irritação ou desconforto em outra pessoa. Por isso, antes de indicar sons ou instrumentos, o musicoterapeuta precisa observar, escutar a família, conhecer a história do paciente e entender como ele reage aos estímulos. Esse cuidado, quando é levado a sério pelo profissional, “opera milagres”, como Paula observa, sobretudo em pacientes neurodivergentes. “Muitas vezes, um autista severo, que não fala, pega no violino de

maneira tão natural e começa a se expressar por meio daquele instrumento. Já vi paciente que não fala no corredor, mas, na sala da musicoterapia, ele canta. A música tem poder”, reforça.

A história de Lis, de sete anos, ajuda a mostrar esse impacto de forma prática. Filha de Luciana Carmelo Silva Rodrigues Melo, ela nasceu prematura e, desde cedo, teve a música como uma forma de estímulo e conexão com a família. Quando veio

o diagnóstico de autismo, com quase dois anos de idade, a mãe buscou a musicoterapia para ajudá-la a desenvolver-se a partir de uma linguagem comum a elas. Segundo Luciana, a prática entrou na vida de Lis em uma fase importante, em que a comunicação e a interação social eram grandes desafios. Não à toa, com o tempo, ela passou a perceber mudanças que, embora possam parecer pequenas para quem vê de fora, são realmente transformadoras. “Antes, ela era alheia ao seu entorno e, com a musicoterapia, ela passou a se conectar mais com a família e amigos. Também passou a vocalizar mais e demonstrar mais regulação emocional”, conta a mãe.

Além de contribuir para o neurodesenvolvimento da criança, Luciana exalta a musicoterapia por benefícios menos óbvios, como ludicidade e criatividade. “Isso traz desconexão, segurança e conforto. Por mais que seja comum a negativa de cobertura pelos planos de saúde, são práticas como a musicoterapia que trazem às crianças a possibilidade de vivenciar experiências

além da terapia convencional”, finaliza.

Expansão

A entrada da musicoterapia no serviço público reforça essa tendência de diversificar as formas de cuidado. No Complexo Juliano Moreira, o diretor-geral Tércio Ramos destaca que a ideia é, futuramente, incluir a prática no ambulatório, onde acontecem os atendimentos de porta aberta. No momento, um profissional especializado recém-contratado passou a realizar esse trabalho no âmbito hospitalar.

“

Já vi paciente que não fala no corredor, mas, na sala da musicoterapia, ele canta. A música tem poder

Paula Dantas

CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA

Proerd reforça prevenção às drogas

Iniciativa aproxima a Polícia Militar de crianças e adolescentes, incentivando escolhas mais seguras e responsáveis

Nalim Tavares
 nalimtavaresrdo@gmail.com

Educar uma criança é um esforço coletivo, que não se limita ao núcleo familiar. Fora do lar, a comunidade, a escola, os amigos e o poder público funcionam como uma rede colaborativa, da qual as crianças também extraem perspectivas diversas, segurança e valores essenciais. Criado para atuar diretamente na prevenção ao uso de entorpecentes, no combate ao bullying e a outras formas de agressão, o Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência (Proerd), iniciativa da Polícia Militar (PM) em diversos estados do país, trabalha a conscientização de estudantes, por meio de atividades educativas e ações voltadas à construção da cidadania, e amplia, cada vez mais, sua atuação na Paraíba.

Originário do programa norte-americano Drug Abuse Resistance Education (Dare), criado em 1983, por uma força-tarefa policial de Los Angeles, a proposta do Proerd une escola, família e polícia em torno de um objetivo comum: orientar jovens para que façam escolhas mais seguras e responsáveis. Nas escolas da Paraíba, o programa começou a ser aplicado, efetivamente, no ano 2000 e, desde então, formou 532.607 alunos, entre crianças, adolescentes e jovens. Apenas no ano passado, 25.698 estudantes foram



Foto: Divulgação/PMPB

Desde 2000, quando foi implantado na Paraíba, o programa já formou mais de 530 mil alunos; só no ano passado, foram atendidas 176 instituições de ensino

alcançados pelo trabalho de 68 instrutores, atuando em 176 instituições — sendo sete da rede estadual de ensino, 161 escolas municipais e oito particulares — localizadas em 30 cidades.

Segundo a coordenadora estadual do programa, a capitã da Polícia Militar da Paraíba (PMPB) Maria Apare-

cida de Miranda, o Proerd trabalha adaptando-se às diferentes etapas da formação pedagógica. “Nosso foco tende a ser as turmas do 5º ano, já que as crianças nessa fase escolar, que costumam ter cerca de 10 anos, estão em uma idade mais propensa ao risco. É mais comum, por exemplo, que elas tenham

vergonha de dizer não às drogas, com medo de serem excluídas, ou de não serem vistas como pessoas legais”, explica. Entretanto, o programa também alcança crianças mais novas, por meio do currículo Proerd Kids, e turmas do 7º ano do Ensino Fundamental, bem como os três anos do Ensino Médio. Há, ainda, o Proerd Pais, composto por cinco encontros entre os militares e as famílias das crianças.

“Nossa missão é contribuir para a construção de um mundo no qual os jovens se sintam capazes de exercer a cidadania de forma responsável e respeitosa para consigo e para com o outro, escolhendo conduzir suas vidas sem abuso de drogas, sem uso da violência e de outros comportamentos perigosos, através da prática do Modelo de Tomada de Decisão Proerd”, diz a capitã Aparecida. De acordo com ela, o foco do programa é fortalecer, nos alunos, habilidades emocionais e sociais que auxiliem na tomada de decisões conscientes, especialmente diante de situações de risco.

Consciência

Foco do programa é fortalecer, nos alunos, habilidades emocionais e sociais que auxiliem na tomada de decisões conscientes em relação ao uso de drogas e à violência

A metodologia do programa trabalha competências consideradas fundamentais para o desenvolvimento saudável de uma pessoa, como autoconhecimento, autocontrole, responsabilidade, empatia, comunicação interpessoal e capacidade de enfrentar desafios. Além da orientação quanto às drogas ilícitas, o programa abrange, também, temas relacionados à violência, pressão social, convivência em grupo e resolução de conflitos. Em sala

de aula, os policiais instrutores, habilitados para a aplicação do programa nas escolas, trabalham através do desenvolvimento de atividades dinâmicas, debates e exercícios práticos, que estimulam os jovens a refletir sobre suas escolhas e as consequências delas.

Até o momento, a Paraíba conta com 332 policiais militares que estão aptos para atuar como instrutores do Proerd. Em decorrência das atividades previstas nas agendas de cada um, eles não ministram aulas ao mesmo tempo, mas trabalham em conjunto para que o programa alcance as diversas regiões do estado. Para se tornar um instrutor, os militares precisam passar pelo Curso de Formação de Instrutores do Proerd (CFIP), um treinamento promovido pelas PMs, em diversos estados. São duas semanas de curso e, atualmente, quatro PMs paraibanos estão sendo formados em Recife, com conclusão prevista para o dia 29 de maio. Em todo o Brasil, existem sete centros de treinamento.



Foto: Leonardo Ariel

Capitã Aparecida explica que o Proerd se adapta às diferentes etapas da formação acadêmica

Mais 5 cidades firmam parceria para instalação do programa

O Proerd consolidou-se, na Paraíba, como uma ferramenta de aproximação entre a Polícia Militar, o corpo escolar e o bem-estar comunitário. Através de diálogo e ações didáticas, o programa propõe-se a investir na educação preventiva como instrumento de transformação social. Até o momento, antes da conclusão do primeiro semestre do ano, mais de nove mil alunos estão em formação, e solenidades de formatura por conclusão da aplicação dos currículos Proerd estão sendo realizadas nos municípios de João Pessoa, Pedras de Fogo, Cabaceiras, Campina Grande, Mamanguape, Patos, entre outros.

Com a efetivação de Termos de Cooperação, tam-

bém firmados neste ano, a PMPB consolidou parcerias com os municípios de Manaíra, Picuí, Sumé, Zabelê e Monteiro, com o objetivo de implantar os currículos do Proerd nas redes de ensino dessas cidades, buscando atender ao que determina a Lei Estadual nº 11.851 de 25 de março de 2021, segundo a qual todas as escolas públicas paraibanas, do Ensino Fundamental ao Médio, devem apresentar o Proerd aos seus alunos, pelo menos uma vez ao longo do ano letivo.

Os policiais militares também se capacitam constantemente, mantendo-se atualizados para que os currículos do Proerd sejam cada vez mais efetivos. Integrantes da coordena-

ção estadual do programa marcam presença, anualmente, na Semana Municipal de Políticas Públicas Sobre Drogas, organizada pelo Conselho Municipal de Políticas Sobre Drogas (Comad), que é um evento estratégico realizado em diversas cidades brasileiras, geralmente em torno do dia 26 de junho, em alusão ao Dia Internacional contra o Abuso e Tráfico Ilícito de Drogas.

Para este ano, a equipe de militares também já está organizando as atividades da Semana Estadual do Proerd, prevista em lei desde 2018 e realizada anualmente de 21 a 26 de julho, com ações educativas, palestras e mobilizações em diferentes cidades paraibanas. “Real-



Foto: Divulgação/PMPB

Proerd propõe-se a investir na educação preventiva

zar a prevenção primária de forma qualificada, objetivando orientar nossos jovens a tomarem decisões responsáveis e mantendo-se seguros, é compromisso da Polícia Militar da Paraíba, na premissa que ‘prevenir é salvar vidas’,” diz a capitã Aparecida.

■ **Semana Estadual do Proerd será realizada de 21 a 26 de julho, com ações educativas, palestras e mobilizações**

Foto: Divulgação/Prefeitura de Patos



Em Patos, acontece uma das festas mais aguardadas do estado, reconhecida pelas grandes atrações musicais e pela movimentação econômica que proporciona em toda a região

CELEBRANDO TRADIÇÕES

Clima junino anima e colore o Sertão

Cidades apostam nos grandes shows sem esquecer da magia dos arraiais, que mantêm viva a cultura local

Mirvan Lúcio
mirvanlucio.jornalista@gmail.com

O mês de junho é uma grande confraternização nordestina. O São João carrega a essência sertaneja. A festa tem o poder de transformar todos os lugares em um cantinho com cara do interior. E é exatamente por isso que as cidades do Sertão e Alto Sertão do estado destacam-se em seus arraiais. Tem quadrilha, artesanato, feiras, forró raiz, festivais e programações do campo à cidade.

Nosso roteiro junino começa por Patos. A Capital do Sertão tem uma das festas mais movimentadas do estado, reconhecida nacionalmente pelas grandes atrações, potencial turístico e econômico. A programação deste ano já começou, com as prévias no Terreirinho do Forró, um espaço que acolhe manifestações culturais e é palco de artistas locais. Em todos os fins de semana as atrações musicais fazem o esquentar para a festa principal.

A cidade respira São João desde o mês de abril, quando as primeiras bandeirinhas e balões decorativos tomaram os céus das principais avenidas. Para 2026, a grande aposta é a primeira edição da Namoramor, uma drilha puxada por Bell Marques, em um trio elétrico. O São João carnavalesado pretende reunir um grande público na Alça Sudeste. “Nossa expectativa é fazer uma grande festa, a exemplo das que já existem em outras cidades, trazendo um artista que as pessoas gostam de acompanhar”, afirmou o secretário de Cultura de Patos, Pedro Leitão.

A programação oficial na Morada do Sol inicia no dia 18 de junho, com o tradicional passeio de carroça, que reúne representações de escolas e instituições do município. A partir do dia 19, o Terreiro do Forró protagoniza os momentos mais marcantes do São João de Patos, com *show* de artistas como Xand Avião, Wesley Safadão, Simone Mendes, Menos é Mais, Gustavo Lima e o projeto Dominguiño.

Em Malta, há 30 km de Patos, o forró também está garantido. Com pouco mais de 6.200 habitantes, a cidade destaca-se com um dos festejos mais aguardados da região. Nos dias 5, 6 e 7 de junho, o município praticamente dobra a população, devido à quantidade de visitantes que recebe. Conhecido como “Danado de Bom”, o São João de Malta terá como atrações de destaque Vanessinha, Woxton Nóbrega, Manin Vaqueiro e Henry Freitas, além de um DJ, que comanda a festa no intervalo entre as bandas.

Para o secretário de Cultura, Ranieri Rodrigues, essa diversidade é a marca da festa. “Pensamos em uma programação diversificada, que valoriza os artistas da terra, o forró tradicional e as manifestações culturais que fazem parte da identidade do nosso São João”, afirmou.

São João na Serra

E quem pensa que São João no Sertão é só calor, está

enganado. Nossa rota sobe a serra e chega à Teixeira. A cidade tem como diferencial o clima ameno, a paisagem serena e as baixas temperaturas. Ano passado, os termômetros chegaram a registrar mínima de 14 °C, propício para se esquentar dançando um bom forró.

Para abrir os festejos, um festival de quadrilha reúne estudantes e usuários de programas sociais, além de grupos culturais de danças regionais, enquanto um desfile aclama a Rainha do São João e a Rainha do Milho, como realeza do folguedo teixeirense. “Neste ano, a gente volta a comemoração para a data tradicional do santo, começando no dia 24 de junho e seguindo até 28 de junho. A gente começa no São João e termina no São Pedro”, brincou Sandro Italo, gestor da pasta de Cultura da cidade.

As atrações do São João em Teixeira foram anunciadas na íntegra nesta semana. O Cantinho do Forró, espaço

preparado para manter viva a cultura popular, receberá 33 atrações musicais. Já o palco principal brilhará ao som de Seu Desejo, Circuito Musical, Os 3 do Nordeste, Mano Walter, Forró do Nosso Jeito, entre outros *shows*.

Vale do Piancó

Na região que abrange o Vale do Piancó, descobrimos um São João que passeia entre o sagrado e o profano. Em Piancó, cidade polo da região do Vale, Santo Antônio é venerado. A cidade, que tem o santo casamenteiro como padroeiro, une religião e cultura em sua celebração. Em 2017, a Festa de Santo Antônio foi reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial do Estado da Paraíba. De acordo com o secretário de Turismo, Antônio Leite, isso demonstra a importância da preservação dessa tradição. “Ela considerada parte da memória coletiva e da identidade sociocultural piancoense”, enfatiza.

E o que não pode faltar em

festa de padroeiro? Procissão, novena, quermesse e famílias se reencontrando. Mas, para além da tradição religiosa, a programação social envolve *shows* musicais em praça pública, de 10 a 12 de junho. O evento atrai visitantes de toda a região, fortalecendo o turismo e a economia. Luan Estilizado, Mara Pavanelly e Taty Girl estão entre as atrações principais.

Na cidade de Conceição, as comemorações juninas contemplam tanto a Zona Rural quanto a Zona Urbana. Doze comunidades recebem programação festiva, com apresentações musicais. “Nesses sítios, povoados e distritos, a gente abre espaço para promover os artistas da cidade e outros reconhecidos aqui na região. É um pré-São João que começa, praticamente, 60 dias antes, com eventos todos os fins de semana nessas localidades”, explicou Fidelis Manguera, secretário de Cultura de Conceição.

De 24 a 26 de junho, o pú-

blico poderá acompanhar, no Espaço Cultural Elba Ramalho, *shows* de Léo Magalhães, Talita Mel, Desejo de Menina e Victor Santos, compondo uma programação diversificada junto a outros artistas. Quando o dia amanhece, a festa não para. O Forró no Mercado começa às 5h da manhã e vai até meio-dia. “As pessoas aproveitam para dançar mais forró, comer buchada, carne de bode e tomar um caldo para recuperar as forças”, disse o secretário.

Eventos

Programação une celebrações religiosas e festas de rua que reúnem multidões, fortalecendo a cultura, o turismo e a economia das cidades paraibanas no período

Quadrilhas, feiras e festivais valorizam artistas da terra

Finalizamos o roteiro junino sertanejo no Alto Sertão do estado. Conhecida pela sua representatividade na educação e desenvolvimento, Cajazeiras é destaque também na programação junina. No balcão de atrações estão festivais de quadrilha, festival de música e os tradicionais *shows* do Xamegão Cultural. A organização do evento também distribuiu a programação, contemplando comunidades rurais e distritos, uma forma de tornar a festa mais acessível à população. Nessas localidades acontecem apresentações de quadrilha, feiras de artesanato, culinária e forró. “Nós temos a preocupação de contemplar os distritos e os bairros com decoração, quadrilha, milho verde, para expandir esse clima de São João”, afirmou Eduardo Jorge,

secretário de cultura de Cajazeiras.

Passeando pelas ruas você encontra o De repente Forró na Feira, uma iniciativa que leva repentistas, trios pé de serra, bandas de pífano e desfile de reisados, para os mercados municipais, todos os sábados de junho. “A nossa ideia é descentralizar a programação, para que a gente possa contemplar toda a Zona Rural e os bairros periféricos com a cultura e a arte do São João”, reforçou Eduardo Jorge.

Dois grandes festivais movimentam a cidade. O Festival Forrozeiras valoriza a música autoral, com premiação em dinheiro. Neste ano, 10 canções foram classificadas para a final. “O objetivo é incentivar os nossos artistas a compor e a subir no palco. O prêmio é mais um incen-



Apresentações de quadrilhas estão entre as atrações mais prestigiadas no Alto Sertão

tivo aos artistas, mas o que nós queremos mesmo é ver os talentos sendo reconhecidos”, estimulou o secretário. A premiação é de R\$ 3 mil para o vencedor, R\$ 2 mil para o segundo lugar e R\$ 1 mil para o terceiro. Já o Festival da Quadri-

lha reúne grupos vindos de cidades da região e de outros estados. Os prêmios são para primeiro e segundo lugar, com premiação também para o melhor casal. A competição acontecerá no dia 26 de junho, enquanto os competidores do

Forrozeiras subirão ao palco no dia 27. No Xamegão as apresentações principais acontecem de 24 a 28 de junho. A festa será animada por Japãozin, Aldijonas Baladão, Glauco Meireles e Nonato Cearense Menos é Mais.

MEMÓRIA

Deusa centenária

Uma das maiores estrelas de cinema de todos os tempos, Marilyn Monroe completaria 100 anos amanhã

Renato Félix
renatofelix.correio@gmail.com

“I wanna be loved by you”, cantava Marilyn Monroe em uma das cenas de *Quanto mais quente, melhor*, filme de 1959. A canção (“Quero ser amada por você”) poderia muito bem batizar uma biografia da atriz (e, na verdade, é o título de um livro de fotos sobre ela). Marilyn foi uma das maiores estrelas de Hollywood, um dos maiores símbolos sexuais do cinema (talvez o maior), buscou avidamente o sucesso, o amor e o respeito profissional e terminou sua vida de modo precoce, trágico e com doses de mistério. Sua trajetória é uma das maiores histórias do mundo do cinema. Se estivesse viva, uma das deusas máximas da sétima arte completaria 100 anos nesta segunda-feira (1º).

“Lenda eternizada pela *pop art* de Andy Warhol, inesquecível para quem ama a sétima arte ou simplesmente reconhece a força arrebatadora da beleza”, resume a crítica de cinema Suzana Uchôa Itiberê, de São Paulo. “A imagem da *pin-up*, da *bombshell* absoluta, foi moldada meticulosa e arditamente pela indústria de Hollywood”.

Marilyn nasceu Norma Jean Mortenson, em Los Angeles. Sua mãe (solo) era mentalmente e financeiramente incapaz de cuidar da filha e, assim, Norma

Jean cresceu entre lares adotivos e um orfanato, até se casar, aos 16 anos.

Emplacou uma carreira de modelo, divorciou-se e, aos 20 anos, começou a aparecer em pontas no cinema. A partir de 1950, seus papéis foram ficando maiores até explodir em popularidade com três filmes em 1953 que consolidaram sua *persona* cinematográfica. O mais importante deles? O musical *Os homens preferem as loiras*, em que eternizou o número “Diamonds are a girl’s best friends”.

E que *persona* era essa? “Uma combinação perfeita entre sensualidade e inocência, erotismo e vulnerabilidade”, define Suzana. O crítico paraibano João Batista de Brito complementa: “Estrela essencialmente Hollywood clássica: beleza, sensualidade, malícia disfarçada e talento. E brilho: e isso bastava”.

“Muitos papéis dela caminharam nesse sentido, embora a gente possa sublinhar aí que foi também um trabalho de *marketing* dos estúdios. Tanto que ela

se rebelou contra isso”, acrescenta o crítico mineiro Paulo Henrique Silva.

Marilyn entrou em 1953 como coadjuvante, mas saiu como estrela de primeira grandeza da 20th Century-Fox. E a combinação explosiva de ingenuidade e *sex appeal* fizeram sua carreira não sofrer arranhões quando fotos nuas dela foram publicadas na *Playboy*, de um ensaio feito em tempos de vacas magras. O pôster de Marilyn deitada sobre um pano vermelho é mais uma de suas imagens que se tornaram icônicas.

Outra é a dela sobre um escape de vento do metrô, refrescando-se e com seu vestido branco esvoaçando, na comédia *O pecado mora ao lado* (1955), o primeiro dos dois filmes que ela fez sob a direção de Billy Wilder. A cena foi filmada primeiro na Lexington Avenue, em Nova York, mas o barulho da multidão que assistia à cena tornou tudo inutilizável. Foi preciso refilmar tudo em estúdio. Como promoção, a Fox colocou um painel recortado da cena, com mais de 15 m de altura, na Times Square, em Manhattan.

Essa exposição fez a atriz decidir mudar o rumo de sua carreira.

“Seria reducionista definir Marilyn como a loira platinada de filmes que atravessaram gerações”, analisa Suzana Uchôa Itiberê. “Por trás do *glamour*, havia uma mulher profundamente sensível, que sofreu imensamente sob o peso da fama, da objetificação e da dificuldade de ser reconhecida pelo inegável talento que possuía”.

Pelo fato de ser colocada nessa caixinha, ela tentou fugir disso, montar a sua própria produtora para poder escolher seus papéis. Sempre carregava livros no *set*, estava sempre em busca de algo mais. Tinha um ótimo *timing* cômico e estudou no Actor’s Studio, com Lee Strasberg, para poder crescer mais nesse campo dramático”, lembra Paulo Henrique Silva.

Na opinião de João Batista de Brito, no entanto, ela já mostrava também talento dramático, antes desse esforço. “Vale a pena citar *Almas desesperadas* (1952), *Torrente de paixões* (1953) e *O rio das almas perdidas* (1954), por serem desempenhos em papéis dramáticos a que o público não está habituado a associar a sua carreira de co-

mediante e cantora... E em que ela se sai bem”, diz.

A vida pessoal de Marilyn dividia os holofotes com seus filmes. Casou com o astro do beisebol Joe Di Maggio em 1954 e se divorciou em um ano desse segundo casamento. Em 1956, casou com o dramaturgo Arthur Miller. O divórcio veio em 1961. Sofreu com abortos espontâneos, levava os diretores ao desespero ao se atrasar e ter dificuldade de decorar suas falas, teve um caso com o presidente John Kennedy e cantou para ele, em uma festa de aniversário pública e televisada, o “Happy birthday to you” mais erótico que já se viu.

Marilyn acabou demitida da comédia *Something’s got to give*, em 1962, que terminou inacabado e onde aparecia nua. Tudo terminou em 5 de agosto, quando foi encontrada morta em sua cama, por intoxicação aguda por barbitúricos. Surgiram logo as teses que iam de suicídio proposital a assassinato pela CIA.

“A morte precoce, aos 36 anos, ampliou sua dimensão trágica e mítica”, conclui Suzana. “Marilyn é tanto um dos grandes símbolos sexuais do século 20 quanto o retrato da solidão escondida atrás da celebridade”. Ainda hoje, Marilyn Monroe é o exemplo perfeito de uma palavra desgastada, mas que é perfeita para ela: ícone.



01

02

03

04

05

Marilyn e seus momentos emblemáticos: no começo em *A malvada* (1950, 1); cantando “Diamonds are a girl’s best friend” (1953, 2)...

... com o vento do metrô no vestido (1953, 3); cantando “I wanna be loved by you” (1959, 4); e dramática em seu último filme (1961, 5)

Foto: Milton H. Greene/Divulgação

Artigo

Estevam Dedalus

Sociólogo | estevam_dedalus@yahoo.com.br

O nascimento de uma canção

É preciso ter boa intuição, senso estético apurado, imaginação e certa perspectiva de totalidade para perceber na primeira audição as potencialidades ou não de uma canção. Letra, melodia são os elementos mais fundamentais, mas os arranjos, a ornamentação e a interpretação são acessórios de grande importância que no primeiro momento só existem enquanto possibilidade.

Tenho uma história que pode ilustrar melhor essa ideia. Por muito pouco, Daniela Mercury não gravou a música “O canto da cidade” — até hoje o maior sucesso de sua carreira. Após uma apresentação para 50 mil pessoas, no Masp, ela acabaria assinando seu primeiro contrato com uma grande gravadora, a Sony Music. Nessa ocasião, o tamanho do público surpreendeu a todos, porque Daniela era uma artista ainda regional, com muito sucesso em Salvador, mas “desconhecida” no resto do país.

O novo contrato aumentava muito suas chances de conseguir se tornar uma estrela da música brasileira, mas isso por si só não era o bastante. Preci-

sava de um bom disco e, sobretudo, de músicas que pudessem “estourar” nas rádios. A produção de Daniela fez um trabalho de garimpagem, analisando o material de vários compositores, entre eles uma fitinha K7 com a primeira versão de “O canto da cidade”, de autoria do compositor baiano Tote Gira.

Curiosamente, a música seria rejeitada pela produção da cantora. Tote Gira, na época muito pobre, não tinha dinheiro para comprar instrumentos musicais, tampouco um gravador. Ele conseguiu um aparelho emprestado com um amigo e a música acabou sendo gravada sem harmonização. No melhor estilo Pedro Osmar e Jaguaribe Carne, a porta da geladeira e a mesa foram usadas como instrumentos de percussão.

Isso deve ter realmente espantado os produtores de Daniela, mas que felizmente teve uma percepção diferente. Logo na primeira audição ficou encantada com o refrão e achou a abertura grandiosa, espetacular. Percebeu que com novo arranjo e algumas alterações na letra a música seria um sucesso. E realmente seria, apesar da grava-

dora não ter apostado na música desde o início, especialmente por causa do estilo samba-reggae que eles achavam que não teria força nacional. Além de argumentarem que o refrão “a cor dessa cidade sou eu” tinha um tom arrogante. Daniela falou sobre esse assunto numa entrevista ao Multishow: “Não tenho uma música de grande sucesso que a gravadora tenha dito que era ótima. Nem tampouco que os radialistas tenham dito que era ótima, que ia fazer sucesso. A regra é eles não gostarem. E aí você insista que vai fazer sucesso. Porque é sempre assim: quando eles não gostam é que faz sucesso!”.

Ela pediu a Toti autorização para fazer algumas modificações na música e contou com Liminha como produtor. Não demorou muito para que se tornasse um fenômeno radiofônico, com 16 semanas no primeiro lugar nas paradas de sucesso durante o ano de 1992. A música também foi agraciada com o prêmio Sharp de Melhor Canção daquele ano. A carreira de Daniela Mercury passou a ser escrita, desde então, a partir de antes e depois de “O canto da cidade”.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias

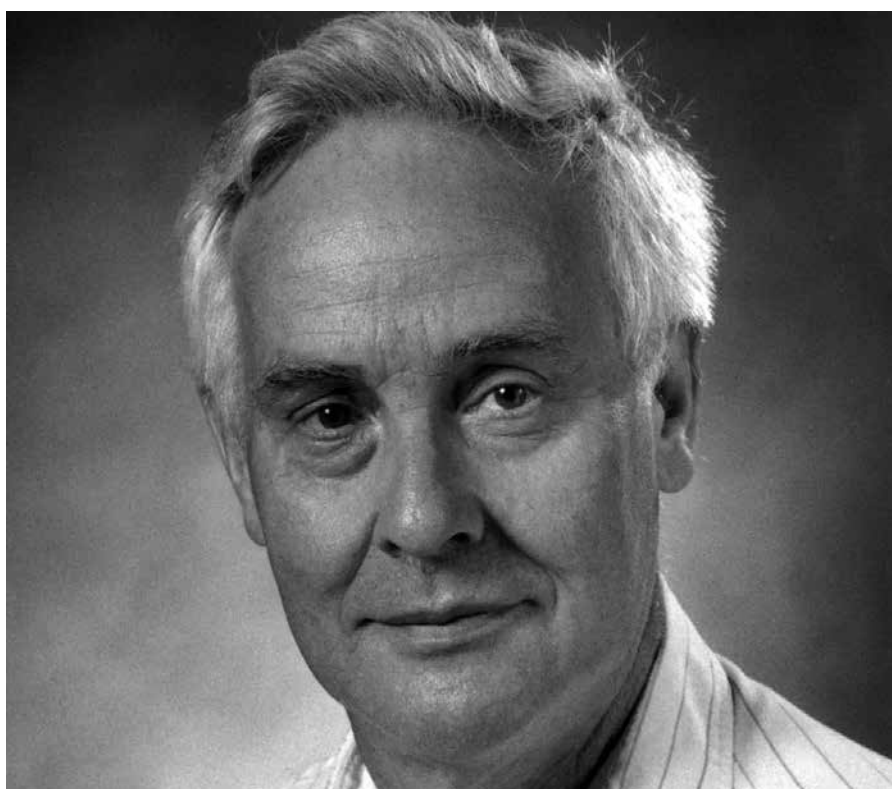
Filósofo e físico | klebmaux@gmail.com

Arte, memória e coesão social

A música erudita contribui para a construção da identidade nacional e para a afirmação simbólica da unidade entre os cidadãos de um país. Ao longo da história, diferentes sociedades utilizaram a produção musical como instrumento de afirmação cultural, preservação da memória afetiva e expressão de valores políticos e sociais. Nesse sentido, a temporada de uma orquestra erudita ultrapassa a dimensão estética, constituindo-se também como fenômeno histórico e sociológico que representa os sentimentos, os conflitos e os projetos de uma nação ou de um Estado.

O conceito de identidade nacional está relacionado à criação de elementos culturais compartilhados por determinada coletividade. Segundo o cientista político e historiador Benedict Anderson (1936–2015), no capítulo 1 de seu livro *Comunidades Imaginadas* (1983), nas páginas de 11 a 13 da edição de 1991: “A nação é uma comunidade política imaginada porque seus membros nunca conhecerão a maioria dos outros, mas, na mente de cada um, vive a imagem de sua comunhão”. Dito isso, ela pode ser construída por símbolos, narrativas e práticas culturais comuns. A música erudita participa desse processo ao criar repertórios que representam a história, o território e os costumes de um povo. Hinos, óperas, sinfonias e poemas sinfônicos incorporam ritmos populares, temas folclóricos e referências históricas capazes de fortalecer o sentimento de pertencimento coletivo.

Durante o século 19, período marcado pela ascensão do nacionalismo europeu, diversos compositores passaram a utilizar elementos tradicionais de suas culturas como forma de afirmação política e pertencimento. Na Rússia, os compositores Modest Mussorgsky (1839–1881) e Nikolai Rimsky-Korsakov (1844–1908) construíram uma estética autenticamente russa a partir do folclore eslavo. Na Boêmia, Bedřich Smetana (1824–1884) compôs obras que descrevem a paisagem e a história nacional, como o poema sinfônico *Minha pátria* (1874 e 1879). A peça é uma homenagem às lendas, histórias e paisagens da Boêmia, e seu movimento mais famoso é conhecido como “O Moldava”. Na Finlândia, Jean Sibelius (1865–1957) tornou-se símbolo da resistência cultural contra o domínio russo. Essas composições demons-

O irlandês Benedict Anderson lançou em 1983 o livro *Comunidades imaginadas*

tram que a música erudita foi utilizada como mecanismo de coesão social e valorização das particularidades culturais de cada povo.

No Brasil, a música erudita exerce relevante função na elaboração da identidade nacional. Durante o modernismo do século 20, compositores criaram uma linguagem musical brasileira, na qual integrava elementos indígenas, africanos e populares à tradição europeia. Nesse contexto, destaca-se Heitor Villa-Lobos (1887–1959), cujo conjunto da obra sintetiza o encontro entre o erudito e o popular. Villa-Lobos incorporava cantigas folclóricas, ritmos regionais e sonoridades urbanas em composições sinfônicas e camerísticas. Dessa forma, ele valorizava a diversidade cultural brasileira. Segundo o próprio compositor, “O folclore é a alma musical da nacionalidade” (Villa-Lobos, 1951). Sua produção artística auxilia na formulação de uma imagem cultural do Brasil associada à pluralidade étnica e regional.

Nesse processo, outro importante compositor foi o paraibano José de Lima Siqueira (1907–1985). Ele contribuía para a socialização da arte, a organização e a valorização da classe musical, tanto no Brasil quanto em outros países. Dito isso, a música erudita estimula o senso crítico dos cidadãos e contribui para a união social e política de uma nação. Grandes apresenta-

ções musicais, teatros, conservatórios e programas educacionais promovem experiências coletivas que aproximam diferentes grupos sociais em torno de um patrimônio cultural comum. O filósofo e sociólogo alemão Theodor Adorno (1903–1969) argumenta, em seu livro *Introdução à sociologia da música*, publicado em 1962, que a música possui força social por expressar tensões históricas e sensibilidades coletivas. Ele reconhecia na música erudita um potencial reflexivo e formador da consciência social. A educação musical também exerce importante função nessa construção. Ao ensinar repertórios nacionais e universais, instituições culturais preservam tradições históricas e transmitem valores culturais entre gerações. Dessa forma, a música erudita atua como patrimônio simbólico da memória nacional e fortalece os vínculos sociais para a formação cultural e política das nações e dos estados.

Sinta-se convidado para a audição do 570º Domingo Sinfônico, que ocorrerá neste dia 24, das 22h às 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5 ou você pode acessar pelo aplicativo em <https://radiotabajara.ph.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm>. Durante o programa, comentarei sobre peças que tratam do regionalismo, folclore, da memória nacional e da coesão social.

Kubitschek
Pinheiro

Jornalista | kubipinheiro@yahoo.com.br

União feliz

As palavras de Walter Galvão, *Herbert Vianna: o som diz sim*, chegam a duas décadas. O livro fininho completo, no qual o autor fala da “Canção do encontro”, o sim diz que sim e anos depois o cineasta Kleber Mendonça criou *O Som ao Redor*, um filme abundantemente sonoro que eleva o som de numa variação estupefante.

As palavras de Walter Galvão são capazes de suprir contra os alados e as tempestades centrais de um Brasil, que na palma da mão, um pinhão, que não consegue ser sozinho, sem o sim da música de Herbert Viana e outras que brilham na pele de uma brasileira luz, raios de sol, você é linda, mais que demais.

Não necessariamente nessa ordem, porque a novidade é a palavra de Galvão, que veio dar a praia e expande-se pela música de Gilberto Gil.

Qualquer reflexo ou eco do mundo vem da música: “O som diz sim à trama das esferas das significações”, como se Galvão e Vianna ultrapassassem o coletivo. Sim, eles conseguem porque as palavras transam e dançam, no que quer dizer do som solene e ou simplesmente silêncio.

Eu estava ali, pensando, deixando um gosto longe do vazão de si mesmo, a canção de Herbert Viana que traz o Vital em sua moto, mais que uma união, principalmente das últimas vezes em que vi o jornalista WG passar em sua moto endiabrada, para além das profecias criativas da arte popular brasileira. A moto entra aí só como cenário.

Nas paredes de tempos perdidos e não buscaremos refúgios destruídos, relógios de pulso, porque quando ainda se lembra, se lê a magia das frases de Walter Galvão, é sempre ele, o melhor do som que aprendi.

Deixamos esse elo viver, sobreviver épocas, entregues à ressaca das ondas que ondas, que ondas, que andas e vamos seguindo acordando cedo.

O livro de Walter Galvão cosendo as noites para aquelas canções, que não nos faça adormecer sem a colheita do alimento, o quinato mais veloz, melhor, tudo por causa do tempo.

As palavras de Walter Galvão soam o “sanfonar dos diagramas. A fala surgiu, a fala é o som, rapá ô cantares, ô vareí” e nunca esquecer estribilhos.

Donas de cabeças detalhadas, frescor nunca rude, absurdos, onde ficam as marcas de toda a ausência que podemos suportar, do som do sim, do som do jazz.

Também pelo prazer de nos sentirmos o dançar das palavras, alagados central, favelas, rocinhas e marés, até a maré encher, quando a maré encher, na voz longínqua de Cássia Eller.

Longínquos, todos nós, perto de uma canção, avistados uns pelos outros, o som das palavras de Walter Galvão misturam-se nas janelas da cidade, mas tão certamente em meio as metamorfoses e chegam até a poesia de Herbert Viana.

Galvão fala do herói no útero da mãe pós-cibemética e isso ainda vai acontecer, já aconteceu, está acontecendo.

A mitologia contemporânea vem da literatura de Walter Galvão.

Do tempo do som do Gonzaga, e passa pela escola do ofício, a voz e a vida Walter e Herbert numa forma tática argumentista e celebrativa, que nós agora nos alegamos — e a música pode ser tudo. A música é.

Lá está Galvão, com seu olhar vestido desfeito por mãos apressadas, na despedida da canção de Herbert Viana, de sentir e apreciar o afeto que trocamos quando somos anjos e demônios anunciados.

E eu não digo mais nada.

Kapetadas

1 – “O pior já passou” é uma conclusão sem fundamento. Se o pior já tivesse passado, a gente não estaria aqui.

2 – Os impontuais sempre põem a culpa no relógio. É o seu mecanismo de defesa.

Galvão analisou as obras de Herbert Vianna em *O som diz sim*

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor | alexjpb@yahoo.com.br

Filme de ex-aluno é selecionado para festival em SP

O exercício acadêmico e em salas de aula sempre me foi prazeroso e estimulante. Até enriquecedor, quando você depara-se com aquele aluno buscando questionar sobre um determinado assunto que abordamos para a turma. E, dentre muitos, esse foi um dos momentos que sempre vivi no curso de Comunicação Social, quando ensinava na Universidade Federal da Paraíba.

Nessa época, retornando da Universidade de Brasília, onde concluíra o meu mestrado em Comunicação Social, passei a lecionar a disciplina de Cinema e Fotografia para duas turmas, se não me engano. Foi aí que tive o primeiro contato com alguns alunos do curso interessados na formação em audiovisual, dentre eles, o jovem Daniel Rosas.

Nesta semana, como sempre de costume, em nossos contatos através do WhatsApp, recebi do ex-aluno Daniel Rosas uma informação da inscrição do audiovisual produzido por ele em um festival de cinema de São Paulo. Fato que Daniel me atribui como parceiro seu no importante feito: "Encaminho para o senhor a boa notícia porque o senhor foi parte do meu crescimento no audiovisual e me fez acreditar no meu potencial, e por isso lhe creditei nos agradecimentos especiais do nosso filme".

Tendo como finalidade descobrir a valorização de obras que exploram o imaginário, o insólito e o extraordinário, o 6º Festival de Cinema Fantástico de Jacareí ("O Monstro") é um dos



O realizador Daniel Rosas e uma das atrizes de Baby Killer, curta que está no Festival de Jacareí

eventos dedicados à celebração do cinema fantástico. O festival será realizado em Jacareí, no Vale do Paraíba (SP), em 23 de agosto deste ano.

Segundo as normas do certame, o festival reafirma seu compromisso com "a diversidade estética, cultural e narrativa, justamente abrindo espaço para produções locais, regionais, nacionais e latino-americanas, além de incentivar novos talentos e promover representatividade dentro do gênero". As produções serão avaliadas com base nos seguintes critérios e categorias a serem premiadas no certa-

me: originalidade, direção, atuação, fotografia e de arte, montagem, desenho de som e trilha sonora, além de qualidade artística e técnica geral. O festival concederá o Troféu Monstro para o melhor curta-metragem fantástico, nas colocações de primeiro, segundo e terceiro lugares.

Agora, sobre a nossa participação no seu "crescimento no audiovisual", amigo Daniel, fico sensibilizado e agradecido, esperando que o seu sucesso como realizador seja cada vez maior. - *Mais "Coisas de Cinema", acesse nosso blog: www.alexrsantos.com.br.*



APC debate filme sobre a Caravana Farkas

Representando a Academia Paraibana de Cinema (APC), o professor João de Lima Gomes participará do debate promovido pelo Cineclube O Homem de Areia, da Fundação Casa de José Américo (FCJA), na próxima quarta-feira (3), às 19h, no Sesc Cabo Branco, situado na orla da capital paraibana, quando será exibido o documentário *O Nordeste sob a Caravana Farkas*.

Além de João de Lima da APC, o debate terá a presença do professor Arthur Lins, que divide a direção do filme com André Moura Lopes. Com entrada gratuita e em sessão única, o filme tem 1h47 de duração, com classificação de 10 anos.

SHOW

Papangu mostra o que o Guardian ouviu

Daniel Abath
 abathjornalista@gmail.com

"Taxidermia", mais recente *single* de rock troncho da banda paraibana Papangu, foi lançado sexta-feira (29). A faixa pesada chega às plataformas na esteira de "Calado (de olho)" e "Colosso", unidades do vindouro álbum *Celestial*, previsto para 7 de agosto. Voltando de excursões pelo Centro-Oeste, Sudeste e também Nordeste, Papangu traz as novidades na bagagem e aterrissa hoje, às 19h, na Tenda da Música, fazendo o *show* de encerramento da programação comemorativa de 23 anos da Usina Cultural Energisa, no Tambiá. A entrada é gratuita, com doação opcional de 1 kg de alimento.

O grupo levou seu enérgico e espetacular *prog rock* regio-

nal à Europa e à edição 2026 do Lollapalooza Brasil, em março deste ano e, como se não bastasse, emplacou a capa do caderno de música do jornal britânico *The Guardian*, no último dia 22 de maio.

"A gente tá bem seguro com novas interpretações, também em cima dos trabalhos antigos, como *Lampião rei* [2024] e *Holoceno* [2021]. E agora com *Celestial* fica uma mescla desses três repertórios", afirma Pedro Francisco, multi-instrumentista da banda – guitarra, teclado, voz, flauta, percussão. Ele informa a entrada de um novo batera na Papangu, George Alexandria, com quem Pedro divide os palcos em projeto paralelo, o quarteto ins-

trumental Hajem Kunk.

Como lembra Rodolfo Salgueiro (voz e teclado), essa será a primeira execução ao vivo de "Taxidermia", em palco que é já familiar ao grupo. "A Usina Energisa virou uma segunda casa da banda em João Pessoa; talvez seja o maior palco que a gente toca em João Pessoa", diz ele. "E, por ser gratuito, a gente tem oportunidade de levar ao público que normalmente não tem acesso a um som mais pesado, de metal – que não sairia talvez pra ver metal, pra ver *rock* progressivo, um som alternativo, normalmente. Mas quando vê ali, naquela opção gratuita, aberta, com um público diverso, percebe que gosta, que curte, que acha interessante".

Segundo Rodolfo, o *The Guardian* foi uma "meia surpresa" para a

banda. Um pedido de entrevista já havia partido do jornalista Matt Mills, que escreve para *blogs* de música e vem acompanhando o movimento dos paraibanos.

"A gente imaginou que seria para um *blog* especializado. Em nenhum momento ele citou que sairia no *The Guardian*. E, aí, emplacamos a capa do caderno de música. Isso foi absurdo. Por sete dias a Papangu foi a banda que ficou na primeira página do caderno de música global do *The Guardian*", ressalta, lembrando das palavras-chave que figuram no texto, como João Pessoa, Paraíba, forró, ciranda, *rock* progressivo, metal extremo, Hermeto Pascoal. "Nos honrou e honrou a música daqui".

"Parou tudo. O dia todo, a gente ficou dando retorno. Foi realmente uma coisa muito boa", acrescenta Pedro sobre o feito histórico, somente alcançado pelo consagrado espetáculo paraibano *Vau da sarapalha*, que se fez presente no periódico britânico há 23 anos atrás, em matéria publicada em abril de 2003.

ONDE:

■ USINA CULTURAL ENERGISA (R. João Bernardo de Albuquerque, nº 243, Tambiá, João Pessoa).



Grupo paraibano faz, hoje, show que encerra as comemorações de aniversário da Usina

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

Escritor e professor | hildebertopoesia@gmail.com

Sérgio no IHGP

Sérgio Botelho foi eleito para compor o quadro de sócios do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP). Do seu lado, creio merecido o título, que decerto o orgulha e o faz feliz. Do lado da douta e vetusta instituição cultural, penso que resulta enriquecido seu patrimônio intelectual e humanístico.

Conheço Sérgio Botelho desde os idos de 70 do século passado. Eu, estudando Direito; ele, Filosofia. Ambos engajados na luta estudantil contra a Ditadura Militar, em seus momentos de forte repressão e de sufoco. O AI-5 e outros arbitrários decretos vicejavam pelos corredores da universidade, deflagrando um clima de ansiedade, medo e terror.

Conosco, associavam-se o ardente e irrequieto Washington Rocha, misto de Raskolnikov e Bakunin, e Irlanio Ribeiro, matemático de cérebro privilegiado, nas lides verbais das agitadas assembleias. Ali, o novo membro do IHGP pontificava com sua oratória persuasiva, sólida e equilibrada. Dos três, uma vez que eu, em situações que tais, tendia mais para o silêncio e para a escuta, ele me parecia o mais sereno e o mais filosoficamente preparado. Sabia de cor os andamentos conceituais do materialismo histórico e dialético.

Dia desses, reví, num vídeo, uma de suas intervenções decisivas num auditório da UFPB completamente lotado. Sua voz e suas argumentações em prol das ações a serem desenvolvidas na batalha política calaram fundo na alma de todos nós, inconformados com o regime de exceção, que tanto mal causou ao país, à ciência, à educação e à cultura.

Pois bem: é esse militante político da juventude, hoje jornalista e historiador, que passa a integrar a seleta galeria de nomes da instituição cultural mais antiga do estado. E o faz, sem dúvida, pela validade do trabalho de pesquisa histórica que vem elaborando desde que voltou de Brasília, para se radicar, definitivamente, na sua terra natal, João Pessoa, cidade que tanto conhece e tanto ama.

E é, quero crer, desse conhecimento, que amadurece e se amplia, e desse amor, que cresce e se enraíza no chão da memória, que brotaram, de sua lavra, três livros seminais acerca da capital das acácias, a saber: *Memórias da cidade de João Pessoa*; *João Pessoa, uma viagem sentimental*; e *João Pessoa, personagens no tempo*.

Tive a honra e o prazer de prefaciá-los três. Dou meu testemunho, sem reservas, de que são obras alicerçadas em pesquisa paciente e cuidadosa, sem deixar-se contaminar, contudo, pelo preciosismo teórico e pelo esoterismo linguístico que tanto aprazem a certos investimentos de ordem acadêmica.

Sérgio Botelho alia, naquilo que produz, a habilidade vocabular do jornalista ao sentido certo da informação histórica, praticando, assim, uma escrita simples, concisa, didática, e objetiva. Quem o lê, portanto, aprende e se deleita, como exigia o poeta latino.

Louvo, portanto, Sérgio Botelho no IHGP, e louvo, também, o IHGP, por abrigar Sérgio Botelho na sua própria história.

Foto: Roberto Guedes



O jornalista Sergio Botelho, eleito em 16 de maio para o IHGP

Colunista colaborador

STREAMING

Série aborda mistério de 41 anos

Pico dos Marins: o caso do escoteiro Marco Aurélio, derivado de um podcast de sucesso, está no Globoplay

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

Em junho de 1985, um grupo de crianças e adolescentes escoteiros, liderado por Juan Bernabeu Céspedes, subiu rumo ao cume de uma montanha localizada entre os estados de São Paulo e Minas Gerais. Em determinado momento, Osvaldo Lobeiro, membro da comitiva, machuca o joelho e o garoto Marco Aurélio Simon é convocado para descer sozinho e buscar ajuda. Começava aí um dos mais intrigantes mistérios da crônica policial brasileira, que gerou um *podcast* de sucesso em 2022 e, no mês de maio, a série documental do Globoplay *Pico dos Marins: o caso do escoteiro Marco Aurélio*, a partir do trabalho hercúleo do jornalista e pesquisador Marcelo Mesquita.

O programa tem oito episódios, que tratam das hipóteses em torno do imbróglio — inclusive as mais controversas, como a possibilidade de ele estar vivo. Mesquita colheu depoimentos da família e adicionou falas dos colegas escoteiros Osvaldo e Ricardo Salvione. Registros pessoais dos Simons, rodados com câmera Super-8, mesclam-se às sequências de dramatização, captadas no

mesmo formato.

Mesquita vem acompanhando o caso há quase 10 anos. Em conversa com **A União**, ele recorda que o projeto em vídeo ficou estacionado durante a pandemia e foi retomado em formato de áudio, graças à ideia do Globoplay — uma forma de “testar a audiência”. “Minha única condição: eu queria entrevistar as pessoas com câmera. Montei uma equipe reduzida, por conta do baixo orçamento. Basicamente, eu dirigia e operava a câmera, um técnico de som atrás e um produtor ou uma produtora para fazer a logística”, explica.

Ivo Simon, o pai de Marco Aurélio, manteve-se engajado na busca, aberta a teses improváveis ou surpreendentes, como abdução alienígena. Mesquita assevera que uma das razões para Simon ter aceitado participar de *Pico dos Marins* foi angariar visibilidade para o caso. Respeitando a dor da família, o diretor prezou pelo pragmatismo.

“A cada capítulo, eu trato cada possibilidade como se ela fosse viável e também desmancho como se ela fosse inviável. Eu me ateno aos fatos e não aos boatos, isso me afas-

ta do sensacionalismo. Não é o que o Marcelo acha”, pontua.

Tanto Marcelo Mesquita quanto a família têm de vislumbrar que o desaparecimento daquela criança — hoje, se vivo, Marco Aurélio teria 56 anos — permaneça inconclusivo por mais tempo. Todavia, tanto o realizador quanto a família permanecem atados a esperanças. “O Brasil está conhe-

cendo detalhes nunca antes vistos desse caso. Talvez, alguém na Paraíba, no Mato Grosso, ou lá mesmo, em São Paulo, em Minas Gerais, vai pegar o telefone e falar: ‘Eu não aguento mais. Eu preciso contar essa história’”, conclui.



Fotos: Divulgação

Os oito capítulos abordam o desaparecimento e as teorias do caso

Em Cartaz

Cinema

Programação de 21 a 27 de maio, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos, Guarabira e Remígio.

* Até o fechamento desta edição, o Cine Veira, em São Bento, não havia divulgado sua programação.

ESTREIAS

BACKROOMS: UM NÃO-LUGAR (*Backrooms*). EUA, 2026. Dir.: Kane Parsons. Elenco: Chiwetel Ejiofor, Renate Reinsve, Lukita Maxwell. Terror. Homem desaparece através de um portal em labirinto de corredores e sua terapeuta vai tentar encontrá-lo. 1h50. 16 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: qui. a ter.: dub.: 15h15; leg.: 19h40, 21h45; qua.: dub.: 15h15; leg.: 17h15, 19h10. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: leg.: 14h, 16h40, 19h15, 21h50. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: dub.: qui. a ter.: 15h, 17h30, 20h; qua.: 15h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 13h45, 16h15, 18h45, 21h15. CINESERCLA TAMBÁ 4: dub.: 16h20, 21h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 16h20, 21h. **Patos:** PATOS MULTIPLEX 3: dub.: qui. a ter.: 18h35, 21h05; qua.: 21h05. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: dom.: 16h; seg. a qua.: 15h50. CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: 21h25.

CANSEI DE SER NERD. Brasil, 2026. Dir.: Gualter Pupo. Elenco: Fernando Caruso, Pedro Benevides, Bia Guedes. Comédia. Nerd vai a festa de reencontro de faculdade e enfrenta ritual alienígena. 1h26. 14 anos.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: qui. a ter.: 19h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: 15h15.

GOLPE EXPLOSIVO (*Fuze*). Reino Unido, 2026. Dir.: David Mackenzie. Elenco: Aaron Taylor-Johnson, Sam Worthington, Theo James, Gugu Mbatha-Raw. Policial. Com o centro de Londres sendo evacuado por causa de uma bomba da II Guerra, criminosos iniciam um ousado assalto. 1h38. 14 anos.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 17h40; leg.: 20h10. CINESERCLA TAMBÁ 2: dub.: qui. a ter.: 18h40, 20h30; qua.: 18h40. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: qui. a ter.: 18h40, 20h30; qua.: 18h40.

NATAL AMARGO (*Amarga Navidad*). Espanha, 2026. Dir.: Pedro Almodóvar. Elenco: Bárbara Lennie, Leonardo Sbaraglia, Aitana Sánchez-Gijón. Drama. Publicitária em crise após a morte da mãe viaja com amiga para as Ilhas Canárias; em Madri, cineasta enfrenta dificuldades em separar a realidade da ficção. 1h51. 16 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: leg.: 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: leg.: qui. a ter.: 17h45, 20h40.

QUEM TEM COM QUEM ME PAGUE NAO ME DEVE NADA. Brasil, 2026. Dir.: Glenda Nicácio e Ary Rosa. Elenco: Rodrigo Pandolfo, Renan Motta, Mariana Nunes. Comédia. Cineasta paulistano em dificuldades é convidado para dirigir clipe de cantor baiano. 1h40. 14 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: qui. a ter.: 16h30.

A REVOLUÇÃO DOS BICHOS (*Animal Farm*). Reino Unido/ Canadá/ EUA, 2026. Dir.:

Andy Serkis. Comédia/ animação. Animais de fazenda se revoltam contra o dono e tomam o controle do lugar, mas surgem problemas internos. 1h35. 10 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 13h, 15h20. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 13h. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: dom.: 15h, 17h; seg. a qua.: 17h. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: dom.: 13h50. CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: 14h45, 16h45.

PRÉ-ESTREIA

MESTRES DO UNIVERSO (*Master of the Universe*). EUA, 2026. Dir.: Travis Knight. Elenco: Nicholas Galitzine, Camila Mendes, Idris Elba, Jared Leto, Allison Brie, Morena Bacarín, Kristen Wiig (voz). Aventura. Príncipe que caiu na Terra quando criança consegue voltar a seu planeta para enfrentar o vilão Esqueleto como o herói He-Man. 2h12. 12 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Átomos): dub.: 17h45; leg.: 20h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: qua.: 18h30, 21h20. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: dub.: qua.: 17h30, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: qua.: 17h, 19h45. **Patos:** CINE GUEDES 3: dub.: qua.: 19h. **Patos MULTIPLEX 3:** qua.: leg.: 17h30; dub.: 20h20. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: qua.: 18h15, 21h.

TUDO MUNDO EM PÂNICO (*Scary Movie*). EUA, 2026. Dir.: Michael Tiddes. Elenco: Anna Farris, Regina Hall, Marlon Wayans. Comédia. Amigos voltam a ser ameaçados por um assassino mascarado. Sexto da série iniciada por *Todo Mundo em Pânico* (2000). 1h35. 18 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: qua.: dub.: 17h; leg.: 19h10, 21h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: qua.: 18h, 20h20. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: qui. a ter.: 17h, 19h20, 21h40. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 17h15, 19h30, 21h45. CINESERCLA TAMBÁ 2: dub.: qua.: 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: qua.: 20h30. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: qua.: 21h. **Patos MULTIPLEX 1:** dub.: qua.: 18h30, 20h45. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: qua.: 21h10.

ESPECIAL

REBENTO. Brasil, 2021. Dir.: André Moraes. Elenco: Ingrid Triqueiro, Zezita Matos, Fernando Teixeira. Drama. Após matar o próprio filho, mulher abandona casa e família e vaga encontrando personagens que podem mudar seu destino. 1h37. 12 anos. Curta de abertura: *A Mulher Invisível*, de R.B. Lima.

João Pessoa: ESPAÇO CINEMA PASSEIO: sáb.: 16h; dom.: 19h. *Entrada franca.*

O SEU AMOR DE VOLTA (MESMO QUE ELE NÃO QUEIRA). Brasil, 2023. Dir.: Bertrand Lira. Documentário. Quatro atores têm seus destinos previstos por cartomantes e pais de santo. 1h21. 16 anos. Curta de abertura: *Alma*, de André Moraes.

João Pessoa: ESPAÇO CINEMA PASSEIO: sáb.: 19h; dom.: 16h. *Entrada franca.*

REAPRESENTAÇÃO

BETTY BLUE (*37°2 le Matin*). França, 1986. Dir.: Jean-Jacques Beineix. Elenco: Jean-Hugues Anglade, Béatrice Dalle, Gérard Darmon. Drama/ romance. Aspirante a roteirista tenta apoiar a namorada enquanto ela sucumbe à loucura. 1h59. 18 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: leg.: dom., 31/5: 17h.

CONTINUAÇÃO

AUTHENTIC GAMES – O FILME: NO IMPÉRIO DESCONECTADO. Brasil, 2026. Dir.: Bruno Murinho. Elenco: Marco Túlio, Andrei Soares, Cauê Bueno, Thy Bergamim. Aventura/ animação. Gamer é sequestrado para um reino sombrio e se torna um boneco e vai tentar derrotar o vilão. 1h11. 6 anos.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 13h30, 15h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: 12h. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: 12h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: 12h30.

A CRONOLOGIA DA ÁGUA (*The Chronology of Water*). EUA/ França/ Letônia, 2025. Dir.: Kristen Stewart. Elenco: Imogen Poots, Thora Birch, Jim Belushi. Drama. Aspirante a nadadora olímpica tem vida de violência, abusos e drogas, mas supera tudo com a ajuda da escrita. 2h08. 18 anos.
João Pessoa: CINE BANGUÊ: dom., 31/5: 19h10.

O DIABO VESTE PRADA 2 (*The Devil Wears Prada 2*). EUA, 2026. Dir.: David Frankel. Elenco: Meryl Streep, Anne Hathaway, Emily Blunt, Stanley Tucci, Justin Theroux, Kenneth Branagh, Lucy Liu, Lady Gaga. Comédia. Editora de revista de moda enfrenta dificuldades com o meio e a ascensão de antiga subalterna, agora adversária. 1h59. 10 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: leg.: qui. a ter.: 20h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: leg.: qua.: 18h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 9: dub.: 13h20, 16h, 19h, 21h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 13h40, 16h30, 19h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 13h30, 16h30, 19h15, 22h. CINESERCLA TAMBÁ 5 (laser): dub.: 16h, 20h45. CINESERCLA TAMBÁ 6 (laser): dub.: 18h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 16h, 20h45. **Patos:** CINE GUEDES 3: dub.: 21h. **Patos MULTIPLEX 4:** dub.: qui. a ter.: 17h25. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom. e ter.: 18h30; seg.: 16h.

O GÊNIO DO CRIME. Brasil, 2026. Dir.: André Felipe Binder. Elenco: Francisco Galvão, Bella Alela, Breno Kaneto, Samuel Estevam, Marcos Veras, Ailton Graça, Douglas Silva. Aventura/ comédia. Quatro crianças investigam a falsificação de uma figurinha rara do álbum da Copa do Mundo. 1h30. 10 anos.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: qui. a ter.: 14h20, 16h50; qua.: 16h50.

MICHAEL (*Michael*). Reino Unido/ EUA, 2026. Dir.: Antoine Fuqua. Elenco: Jaafar Jackson, Juliano Valdi, Colman Domingo, Nia Long, Miles Teller. Drama. Michael Jackson se sobressai no grupo de música que forma com os irmãos e se torna um dos maiores astros pop da história. 2h07. 12 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Átomos): qui. a ter.: dub.: 15h; leg.: 17h45, 20h30; qua.: dub.: 15h. CENTERPLEX MAG 4: leg.: qua.: 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 13h45, 16h30, 19h30, 22h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 14h30, 17h30, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 13h, 15h45, 18h30, 21h30. CINESERCLA TAMBÁ 5 (laser): dub.: 18h20. CINESERCLA TAMBÁ 6 (laser): dub.: 15h30, 20h20. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 18h20. CINESERCLA PARTAGE 2 (laser): dub.: 15h30, 18h25, 20h50; qua.: 18h25, 20h50; qua.: 18h25. **Patos MULTIPLEX 1:** dub.: qui. a ter.: 19h30; qua.: 18h20.

STAR WARS: O MANDALORIANO E GROGU (*Star Wars: The Mandalorian and Grogu*). EUA, 2026. Dir.: Jon Favreau. Elenco: Pedro Pascal, Sigourney Weaver, Martin Scorsese (voz), Jeremy Allen White (voz). Aventura/ ficção científica. Caçador de recompensas e seu pequeno aprendiz precisam resgatar o filho de um *gangster* em busca de informações. 2h12. 14 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: qui. a ter.: 18h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: 3D: qui. a ter.: dub.: 14h10, 17h15; leg.: 20h20; qua.: 14h10. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: qui. a ter.: 15h15, 18h, 21h; qua.: 14h15. CINESERCLA

Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: qui. a ter.: 18h25, 21h05; qua.: 18h45. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom. e ter.: 16h15; seg.: 18h20.

MORTAL KOMBAT 2 (*Mortal Kombat 2*). EUA, 2026. Dir.: Simon McQuoid. Elenco: Karl Urban, Ludi Lin, Jessica McNamee. Aventura. Guerreiros enfrentam o imperador-ditador de um reino. 1h56. 18 anos.

João Pessoa: CINESERCLA TAMBÁ 3: dub.: 18h40. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 18h40. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom. e ter.: 20h30; seg. e qua.: 14h.

OBSESSÃO (*Obsession*). EUA, 2026. Dir.: Curry Barker. Elenco: Michael Johnston, Inde Navarrette, Cooper Tomlinson. Terror. Rapaz tem desejo atendido de que o alvo de sua paixão se apaixonasse por ele, mas com desdobramentos sombrios. 1h48. 18 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: leg.: qui. a ter.: 18h15. CENTERPLEX MAG 2: leg.: qua.: 16h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 13h40, 16h10, 18h50, 21h20. CINESERCLA TAMBÁ 3: dub.: 20h50. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 20h50.

PAPAGAIOS. Brasil, 2026. Dir.: Douglas Soares. Elenco: Gero Camilo, Roney Vilela, Marcello Escorel. Suspense. Homem que busca fama aparecendo em reportagens sobre tragédias conhece jovem obcecado por visibilidade, em uma relação de ambição e perigo. 1h30. 16 anos.
João Pessoa: CINE BANGUÊ: dom., 31/5: 15h.

PASSAGEIRO DO MAL (*Passenger*). EUA, 2026. Dir.: André Ovredal. Elenco: Jacob Sjöjo, Lou Llobell, Melissa Leo. Terror. Após acidente na estrada, casal passa a ser perseguido por entidade demoníaca. 1h34. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: qua.: 21h40. CINESERCLA TAMBÁ 3: dub.: 16h50. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 16h50.

OPODER DO ROSÁRIO. Brasil, 2026. Dir.: Tiago Benetti. Elenco: Myriam Rios, Alexandre Machafer, Bella Maria Benetti. Religioso/ drama. Menina e sua mãe sofrem acidente e seus caminhos se cruzam com o de um fotógrafo cético. 1h46. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: qui. a ter.: 15h45; qua.: 14h40. CENTERPLEX MAG 4: qui. a ter.: 17h15. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: seg. e ter.: 19h.

SEXO E DESTINO. Brasil, 2026. Dir.: Márcio Trigo. Elenco: Leticia Augustin, Bruno Gissoni, Tato Gabus Mendes, Totia Meireles, Rafael Cardoso. Drama/ religioso. Duas famílias são marcadas por conflitos com forças espirituais influenciando seus destinos. 1h50. 16 anos.
Patos: PATOS MULTIPLEX 1: qui. a ter.: 16h35; qua.: 15h55.

STAR WARS: O MANDALORIANO E GROGU (*Star Wars: The Mandalorian and Grogu*). EUA, 2026. Dir.: Jon Favreau. Elenco: Pedro Pascal, Sigourney Weaver, Martin Scorsese (voz), Jeremy Allen White (voz). Aventura/ ficção científica. Caçador de recompensas e seu pequeno aprendiz precisam resgatar o filho de um *gangster* em busca de informações. 2h12. 14 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: qui. a ter.: 18h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: 3D: qui. a ter.: dub.: 14h10, 17h15; leg.: 20h20; qua.: 14h10. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: qui. a ter.: 15h15, 18h, 21h; qua.: 14h15. CINESERCLA

TAMBÁ 2: dub.: 16h10. CINESERCLA TAMBÁ 4: dub.: 18h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 18h30. CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 16h10. **Patos:** CINE GUEDES 3: dub.: dom.: 3D: 15h, 20h20; 2D: 17h40; seg. e ter.: 3D: 16h, 21h; 2D: 18h30; qua.: 2D: 21h. **Patos MULTIPLEX 3:** dub.: qui. a ter.: 15h35. **Patos MULTIPLEX 4:** dub.: qui. a ter.: 20h20; qua.: 15h30. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: qui. a ter.: dub.: 15h, 18h; leg.: 20h50; qua.: dub.: 15h, 18h. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom. e ter.: 14h; seg.: 20h30; qua.: 16h.

SUPER MARIO GALAXY: O FILME (*The Super Mario Galaxy Movie*). Japão/ EUA, 2026. Dir.: Aaron Horvath e Michael Jelenic. Comédia/ aventura/ animação. A dupla de encanadores Mario e Luigi enfrentam uma dupla que conspira para dominar o mundo. 1h38. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: 14h20. CINESERCLA TAMBÁ 3: dub.: dom.: 14h50. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: dom.: 14h50. **Patos:** PATOS MULTIPLEX 4: dub.: qui. a ter.: 15h10; qua.: 15h15.

Teatro

HOJE

CHARLIE E A FANTÁSTICA FÁBRICA DE CHOCOLATE. Do Cara Dupla Coletivo de Teatro. Direção: Leticia Rodrigues. Baseado no livro de Roald Dahl. Menino pobre encontra bilhete premiado para uma visita a uma fábrica de chocolate, guiada por seu excêntrico proprietário. Livre.

João Pessoa: TEATRO EDNALDO DO EGYPTO (Av. Maria Rosa, nº 284, Manaíra). Domingo, 31/5, 16h e 18h. Ingressos: R\$ 30, antecipados pelo whatsapp (83) 9.8625.5220.

UM DIA MUITO ESPECIAL. Direção: Alexandre Reinecke. Com Reynaldo Giamecchini e Maria Casadevall. Baseado no filme de Ettore Scola.

João Pessoa: TEATRO PAULO PONTES (Espaço Cultural, R. Abdias Gomes de Almeida, nº800, Tambauzinho). Domingo, 31/5, 18h. Ingressos: de R\$ 25 (plateia popular/meia) a R\$ 180 (plateia/ inteira), antecipados na plataforma Ingresso Digital.

Música

HOJE

23 ANOS DA USINA ENERGISA. Show: Papangu (19h).

João Pessoa: USINA CULTURAL ENERGISA (R. João Bernardo de Albuquerque, nº243, Tambaí). Domingo, 31/5, 19h. *Entrada franca.*

AMANHÃ

SANHAUÁ SAMBA CLUBE. Roda de samba de artistas paraibanos, com clássicos do gênero e músicas autorais.

João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, nº8, Varadouro). Segunda, 2/3, 21h30. Ingressos: de R\$ 20 (meia/ 1ª lote) a R\$ 50 (inteira/ 2ª lote), antecipados na plataforma Shotgun.

DEMOCRACIA ALGORÍTMICA

Meios digitais transformam eleições

Sistemas automatizados moldam comunicação política, ao definir quais informações serão entregues ao público

Eliz Santos
elzsantos17@gmail.com

A disputa política já não acontece apenas nos palanques, nos programas eleitorais de televisão ou nos debates tradicionais. Cada vez mais, ela ocorre silenciosamente nas telas dos celulares, entre vídeos recomendados, publicações impulsionadas e conteúdos selecionados por algoritmos, que decidem, em segundos, o que milhões de eleitores vão ver — ou ignorar.

O impacto do uso da inteligência artificial (IA) nas últimas eleições e as transformações estruturais no modo como a informação circula e influencia o eleitorado são temas centrais do livro *Democracia algorítmica: o futuro do voto*. A obra analisa como, na era das redes sociais, o cidadão passou a consumir conteúdo político mediado por plataformas digitais que utilizam sistemas automatizados para direcionar conteúdos personalizados de acordo com interesses, preferências e comportamentos *on-line*.

Nas últimas eleições, redes sociais a exemplo do Instagram, TikTok, YouTube e WhatsApp consolidaram-se como espaços centrais de comunicação política. Segundo pesquisadores, os algoritmos deixaram de exercer apenas uma função técnica de organização de conteúdos e passaram a influenciar diretamente a formação da opinião pública. Isso ocorre porque as plataformas priorizam publicações com maior potencial de engajamento — geralmente, conteúdos emocionais, polêmicos ou capazes de provocar reações imediatas.

Na prática, isso significa que dois eleitores podem receber versões completamente diferentes da realidade política, dependendo de seus hábitos de consumo digital e preferências ideológicas. O avanço acelerado da IA generativa — sistemas capazes de criar conteúdos inéditos, como textos, imagens, áudios e vídeos a partir de comandos humanos — alterou ainda mais as estratégias das campanhas.

Para Livia Karol Araújo, especialista em Comunicação Estratégica e Marketing Político, a segmentação de conteúdo tornou-se uma condição essencial da comunicação política no ambiente

digital. Segundo ela, as campanhas passaram a trabalhar com públicos cada vez mais específicos, utilizando temas e linguagens direcionadas para ampliar a conexão e o engajamento nas redes sociais.

“Hoje, quanto mais segmentado e mais claro for o perfil do público, mais eficiente será a comunicação política na *internet*. Estar nas redes sociais exige uma estratégia bem definida sobre com quem falar e quais temas levar para cada público”, destaca.

A influência das plataformas sobre o comportamento do eleitor vem se consolidando a cada novo ciclo eleitoral. De acordo com Livia Karol, a presença digital já é indispensável para candidatos e lideranças políticas, sobretudo no Brasil, já que o país lidera os *rankings* globais que avaliam o tempo de permanência nas redes. Dessa maneira, a consolidação das redes sociais na política representa uma transformação comparável ao impacto histórico do rádio sobre a comunicação de massa no século passado.

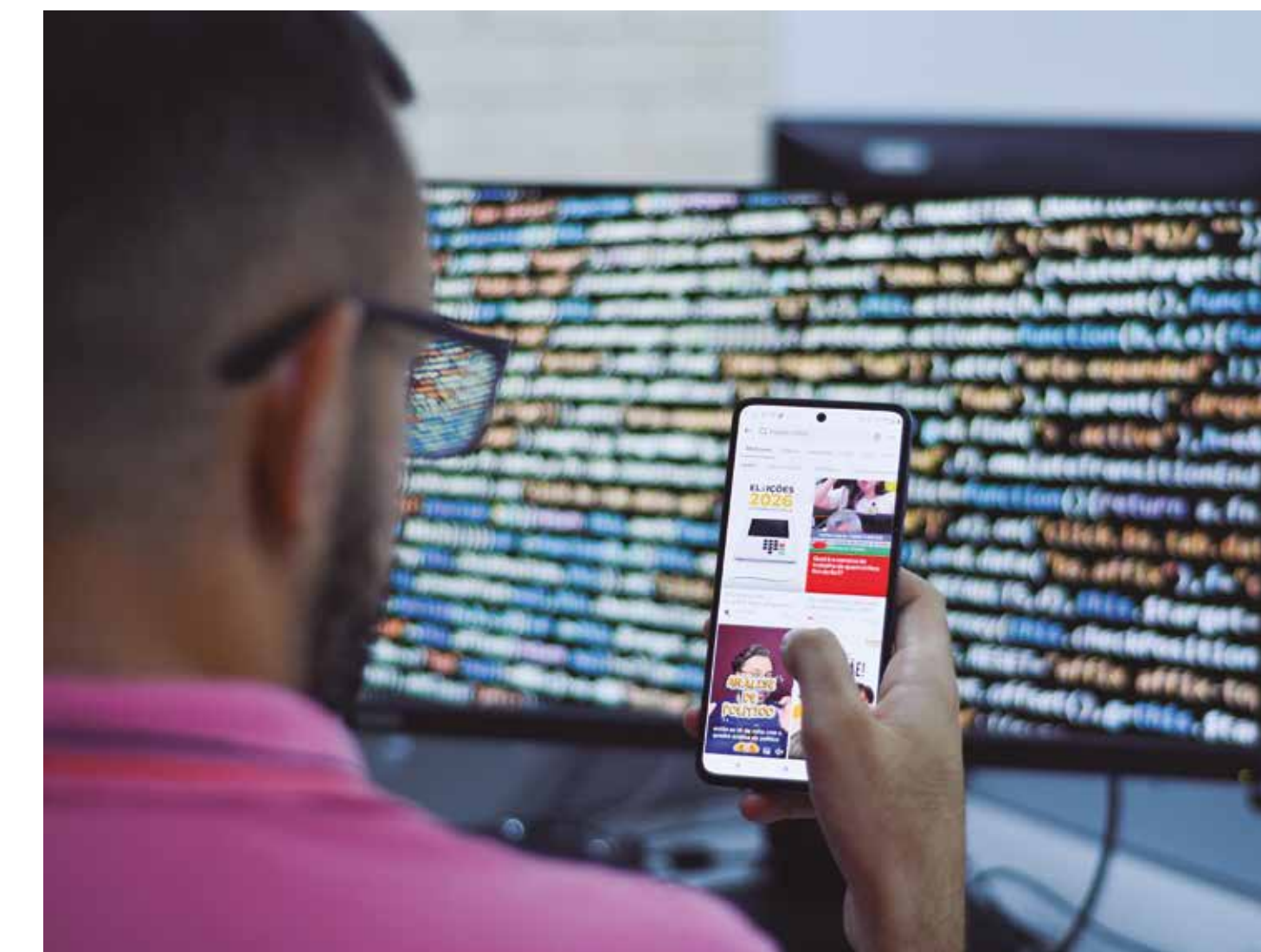
“Desde 2018, a gente percebe uma evolução não apenas da presença, mas da influência dos conteúdos compartilhados na formação da opinião pública. O ambiente digital é um espaço de intensa participação, onde cada pessoa consegue produzir e disseminar informação”, analisa Livia Karol.

Além da segmentação e



Está nas redes sociais exige uma estratégia bem definida sobre com quem falar e quais temas levar para cada público

Livia Karol



Eleitor pode receber versões diferentes de um mesmo fato, a depender de seus hábitos de consumo virtual e preferências ideológicas

do uso estratégico das plataformas, a construção da reputação política também ganhou nova dimensão na era digital. Assim, as redes sociais ampliaram a visibilidade das lideranças políticas, mas a credibilidade continua sendo construída diariamente, tanto no ambiente *on-line* quanto fora dele.

“Reputação é construção diária. Ela não acontece apenas na rede social, mas também na postura pública, nas pautas defendidas e na coerência do mandato. As redes ampliam essa percepção, mas não substituem a construção real da imagem política”, adverte a especialista em Comunicação Estratégica e Marketing Político.

Riscos da desinformação

Embora a tecnologia reduza custos e acelere a produção de material eleitoral, ela também acende o alerta sobre transparência e manipulação informacional. Especialistas apontam que o principal desafio vai além dos conteúdos falsos ou *deepfakes* — montagens digitais hiper-realistas capazes de fazer alguém parecer dizer ou fazer algo que nunca aconteceu. O risco central está na capacidade das plataformas de moldar o ambiente informacional no qual o eleitor constrói suas opiniões, am-

pliando as chamadas “bolhas digitais” e a polarização política.

Essa percepção de que o problema vai além da tecnologia em si é compartilhada por juristas. Cláudio Lucena, especialista em Direito Digital e Proteção de Dados, aponta que os riscos da inteligência artificial nas eleições vão além da tecnologia. Segundo ele, a sociedade ainda não desenvolveu uma cultura digital capaz de lidar de forma crítica e ética com o novo ambiente informacional.

“Para a integridade das eleições no Brasil, hoje, o principal risco não é especificamente o uso de inteligência artificial; o que nos falta é uma cultura digital, uma cultura de proteção e preservação. Fomos empurrados para dentro dessa vida transformada pela revolução digital sem tempo para fazer reflexões”, avalia.

Conforme o especialista, essa ausência de maturidade digital afeta desde o compartilhamento excessivo de dados pessoais pelos usuários até a capacidade de partidos, candidatos e órgãos reguladores lidarem com os desafios impostos pelas novas tecnologias.

Cláudio Lucena aponta que um dos pontos mais delicados do debate atual envolve o uso de dados pessoais e da

segmentação extrema de conteúdos políticos nas redes sociais. Segundo ele, apesar de o Brasil possuir um conjunto avançado de normas eleitorais e de proteção de dados, o grande desafio continua sendo garantir a aplicação efetiva dessas regras diante da velocidade das transformações tecnológicas.

“Nós temos uma legislação avançada para lidar com os usos mais sofisticados da tecnologia nas eleições. O problema não é apenas criar novas regras, mas conseguir fazer com que elas funcionem bem, com fiscalização eficiente, educação digital e participação da sociedade”, frisa.

O especialista cita o caso Cambridge Analytica — envolvendo o uso indevido de dados de 87 milhões de usuários do Facebook nas eleições norte-americanas de 2016 e no plebiscito do Brexit, no Reino Unido — como um dos principais alertas mundiais sobre o poder do microdirecionamento político nas plataformas digitais. Conforme Cláudio Lucena, práticas de segmentação psicográfica — em que conteúdos específicos são direcionados a perfis emocionalmente mapeados — já motivaram mudanças na legislação brasileira e reforçaram o papel do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) no

controle do uso de conteúdos sintéticos e de estratégias de manipulação eleitoral.

“A integridade democrática não pode ser responsabilidade apenas do Estado ou da Justiça Eleitoral. Partidos, plataformas digitais e a própria população também precisam participar desse processo, com ética, fiscalização e consciência sobre os impactos da desinformação e do uso indevido da tecnologia”, argumenta.



Fomos empurrados para dentro dessa vida transformada pela revolução digital sem tempo para fazer reflexões

Cláudio Lucena

TSE atualiza norma para garantir transparência a conteúdos

Diante do avanço tecnológico, o TSE atualizou as regras para o ambiente digital. O debate vem sendo acompanhado de perto pela cúpula do Judiciário. Durante discurso de posse na presidência da Corte, o ministro Kassio Nunes Marques alertou para os riscos do uso descontrolado das novas ferramentas ao longo das Eleições 2026.

“Devemos estar atentos

às novas tecnologias, que, quando mal utilizadas, podem representar ameaças ao nosso processo democrático. Refiro-me, em especial, ao perigo potencial do uso desordenado das ferramentas de inteligência artificial”, afirmou o ministro.

A regulamentação está fundamentada na Resolução TSE nº 23.610/2019, atualizada para o pleito de 2026. A norma estabelece que

conteúdos sintéticos produzidos ou alterados por inteligência artificial devem ser identificados de forma clara, garantindo transparência ao eleitor.

As regras também proibem que plataformas digitais utilizem algoritmos para favorecer ou recomendar candidatos e partidos aos eleitores. Além disso, conteúdos produzidos por inteligência artificial utili-

zando voz ou imagem de candidatos ficam proibidos nas 72 horas anteriores à eleição e nas 24 horas posteriores à votação.

Outra medida determina que perfis falsos — anônimos ou automatizados — que disseminem desinformação eleitoral poderão ser removidos das plataformas após decisão judicial. O TSE também prevê parcerias com universidades e

órgãos especializados para auxiliar na identificação de conteúdos manipulados por inteligência artificial.

As normas ainda vedam o pagamento de influenciadores digitais para publicação de propaganda político-eleitoral em perfis pessoais mediante vantagem financeira. Paralelamente, a Justiça Eleitoral mantém ativo o Sistema de Alertas de Desinformação Eleitoral (Sia-

de), permitindo que cidadãos denunciem conteúdos falsos ou fora de contexto relacionados ao processo eleitoral.

Em um cenário em que algoritmos disputam atenção em tempo real, o desafio da democracia brasileira será preservar a capacidade do eleitor de decidir com autonomia — e não sob influência invisível de sistemas e plataformas digitais.



Foto: Geraldo Magalhães/Agência Senado

Relator do projeto, o senador Wilder Morais (C) comandou o debate, realizado no âmbito da Comissão de Infraestrutura

MINERAIS CRÍTICOS

Especialistas querem menor interferência do Estado

Setor de mineração pede que política nacional preserve a liberdade de mercado

Agência Senado

Em debate realizado na Comissão de Infraestrutura (CI), na última semana, representantes do setor de mineração defenderam a criação de uma política de minerais críticos que permita rapidez nas decisões, incentivos ao investimento privado e controle estatal equilibrado.

A audiência pública foi a segunda sobre o tema e aconteceu a pedido do senador Wilder Morais (PL-GO). Ele é relator do Projeto de Lei (PL) nº 4.443/2025, do senador Renan Calheiros (MDB-AL), que cria a Política Nacional de Minerais Críticos e Estratégicos.

Os minerais críticos, como cobalto, lítio, grafite e níquel, e as terras-raras, grupo de 17 elementos químicos da tabela periódica, são essenciais para projetos de transição energética e tecnologias de ponta, como painéis solares, smartphones, motores de veículos elétricos e equipamentos militares.

O Brasil tem a segunda maior reserva global de terras-raras, ficando atrás apenas da China. As reservas nacionais de minerais críticos, como lítio, grafite e ní-

bio, também colocam o país em destaque mundial.

Wilder alertou para o risco de o Brasil perder o que considerou uma janela de oportunidade aberta pela demanda global, caso as medidas de incentivo demorem a ser implementadas.

“O mundo inteiro está atrás desses minerais críticos. A nossa missão aqui, como parlamentares, é que a gente não possa perder esse bonde. No estado de Goiás, temos dois processos já bastante avançados em terras-raras, estamos apoiando de perto”, declarou.

Incentivos ao setor

O presidente do Instituto Brasileiro de Mineração (Ibram), Pablo Cesário, afirmou que a mineração exige investimentos altos e de longo prazo, com alto risco. Segundo ele, a oportunidade existe porque, desde a pandemia de Covid-19, as nações perceberam a necessidade de depender menos umas das outras — o que ele chamou de “fim da hiperglobalização”.

Cesário defendeu pontos de outro projeto sobre o tema, o PL nº 2.780/2024, aprovado na Câmara, no início de maio, e em análise no Senado, que,

segundo ele, prevê mais incentivos fiscais e benefícios de exportação.

“Vamos ter que encontrar o equilíbrio fino entre o controle do Estado e a liberdade do mercado. Infelizmente, boa parte das nossas empresas mineradoras não se financia no Brasil; vai para o Canadá ou para a Austrália”, pontuou.

O projeto da Câmara prevê incentivos fiscais de R\$ 5 bilhões de 2030 a 2034 e cria o Fundo Garantidor da Atividade Mineral, para cobrir eventuais inadimplências. O fundo será composto por até R\$ 2 bilhões da União, além da receita de empresas ligadas à mineração.

Lição do lítio

A consultora do Centro Brasileiro de Relações Internacionais (Cebri), Rafaela Guedes, citou o exemplo da produção de lítio para afirmar que a futura política corre o risco de afastar investimentos se focar em barreiras para a exportação. Segundo ela, o ideal é o “incentivo condicionado a contrapartidas” das empresas.

“No passado, o Brasil manteve restrição para exportação de lítio, para estimular o desenvolvimento industrial doméstico. Na prática, não produziu a cadeia robusta que se desejava. O que se observou foi um ambiente menos atrativo ao investimento. Quando o Estado tenta substituir, por comando normativo, condições que ainda não existem no mundo real, o risco é afastar investimentos”, advertiu.

Ela elogiou a política de impostos reduzidos para o setor de infraestrutura e de portos (Reidi e Reporto), cujos beneficiários precisam ter projetos previamente aprovados e não ter pendências fiscais para usufruir dos benefícios.

O projeto de Renan Calheiros estabelece um percentual mínimo de mineral para ser processado no Brasil antes da exportação do produto. Já o projeto da Câmara cria o Conselho Nacional para Industrialização de Minerais Críticos e Estratégicos (Cimce), que pode determinar limites à exportação, como a vinculação a futuros parâmetros de industrialização nacional.

Rafaela e o conselheiro da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa Mineral e Mineração (ABPM), Guilherme Simões Ferreira, criticaram o poder que o projeto da Câmara dá ao Cimce. Ferreira afirmou que conselhos com funções executivas costumam não ter estrutura suficiente para atender às demandas do setor em tempo adequado.

“Já vivenciamos, na prática, essa situação. Quem exerce atividade no setor mineral sabe da morosidade da atividade de pesquisa em faixa de fronteira, porque precisa do atendimento prévio do Conselho de Defesa Nacional, e nem sempre há uma operacionalização que permite celeridade na tomada de decisão”, disse.

Ambos defenderam a tramitação conjunta dos dois projetos. Mas, para Ferreira, o texto do Senado tem como foco “uma política de fomento à descoberta”, o que ele defendeu como mais eficiente do que uma política de “punição e controle” estabelecida na outra proposta.

Estrutura limitada

O diretor-geral da Agência Nacional de Mineração (ANM), Mauro Henrique Moreira Sousa, afirmou que o órgão não possui estrutura para receber as novas atribuições propostas, como a habilitação de projetos de pesquisa e desenvolvimento do setor e a fiscalização de sua aplicação. Segundo Moreira, a ANM possui poucas pessoas e está em processo de modernização do seu funcionamento.

“Tem sido um debate permanente sobre a estruturação e o fortalecimento da ANM, e nós ainda não experimentamos essa questão de modo muito contundente”, avaliou.

Moreira defendeu uma política “sem muita criatividade”, com investimento nas estruturas já existentes. É o caso das zonas de processamento, criadas pelo Poder Executivo em regiões de intensa mineração para atrair empresas focadas no tratamento dos materiais. As regiões contam com incentivos governamentais e com licenciamento ambiental especial, ambas as medidas previstas na proposta do Senado.

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Microcrônicas (45)

A cigana analfabeta leu a mão de Paulo Freire é um folheto de cordel de minha autoria. Parodiando Paulo Leminsk, esse folheto não é estudo definitivo sobre educação libertadora ou algo do tipo. “Não é para ser lido por quem quer chegar ao fim, mas por quem entende e sente que não existe fim nem começo”.

Uma turma de *design* gráfico do Unipê, curso superior em tecnologia, tendo à frente o professor Rodrigo Brandão, está trabalhando em projeto de diagramação.

O grupo de literatura de cordel escolheu o autor Fábio Mozart para completar o projeto com o folheto *A cigana analfabeta lendo a mão de Paulo Freire*.

Agradeço a Isabel e demais alunos que, com carinho, dedicação e sensibilidade, diagramaram nosso folheto de cordel. Cada detalhe refletiu criatividade e respeito à cultura popular, dando ainda mais vida aos versos e à tradição nordestina. Nosso muito obrigado pelo belo trabalho realizado!

Parem de fazer capa com essas imagens de IA generativa! Virou padrão e passa a ideia de que o autor é preguiçoso. Ou quer dar um golpe.

Blog é coisa que ninguém mais lê. Tanto que as visitas da Toca do Leão se resumem a umas 50 pessoas do meu convívio, diariamente. Eu nem ligo! Dito isso, informo que, em uma postagem qualquer dos tijolinhos, recebi mais de mil visitas.

Não sou imbecil. Até poderia ser, mas a concorrência é muito grande nas redes sociais. O que eu falar aqui nestes tijolinhos não tem, na prática, valor nenhum, peso algum, autoridade moral muito menos! Encare essa coluna apenas como uma conversa numa mesa de bar daqueles bem “copo sujo”.

Por falar nisso, aqui, no meu bairro, tem o Bar do Grude. Lá é assim: o tira-gosto é tão sujo e bom que a cerveja vira acompanhamento.

Quando bebia, fui no Bar do Grude só pra tomar uma. Sai amigo do garçom e dono da espelunca, padrinho do cachorro e devendo oito rodadas.

O relógio do Bar do Grude funciona diferente: uma hora lá equivale a cinco cervejas.

No bar do Zé, a resenha começava no “boa noite” e terminava no “bom dia”.

Zé do Bar morreu em 2020, o ano que não existiu. Nesse ano, também morreu de Covid-19 o velho Beto Barbeiro, mais antigo cliente do Bar do Grude.

Mito da criação, conforme Sílvio Carneiro, frequentador do Bar do Grude: “Pagou a conta da luz: e eis que foi o primeiro dia. Pagou a conta da água: e eis que foi o segundo dia. Pagou a conta do fornecedor de ervas aromáticas: e eis que foi o terceiro dia”.

“No quarto dia, pagou a conta do fiado do Bar do Grude. No quinto dia, pagou o peixe e o frango que estava devendo no açougue. No sexto dia, levou o cão para cagar na frente do Bar do Grude e brigou com a ex-mulher, aquela vitora falsa. No sétimo dia, resolveu descansar e tomou um porre daqueles no Bar do Grude. No dia seguinte, de ressaca, Ele criou o domingo...”

Estão pipocando ao meu redor ideias, planos, programas e projetos dos mais interessantes. Nem parece que fiz 70 anos e acabou a meia-idade, começando os anos dourados, que vão até 80. A velhice começa aos 80 e termina aos 90. Depois disso, é a longevidade, que vai até à morte do freguês.

Quem me disse isso foi minha amiga Terezinha Campos, no verdor dos seus 90 anos.

Estou no começo dos anos dourados. Morram de inveja, jovens!

Colunista colaborador



Foto: Divulgação/Indústrias Nucleares do Brasil

Brasil tem a segunda maior reserva global de terras-raras

NOVOS MODELOS

Jogos eletrônicos auxiliam no ensino

Estratégia pode ser usada para resgatar a atenção dos alunos, mas precisa de planejamento, avaliam pesquisadores

Fernando Silvestre
Jornal da USP

A utilização de jogos em aula pode ser uma solução para a falta de interesse por parte dos alunos. Essas atividades ganham uma função lúdica e, dependendo da utilização, ajudam os processos de aprendizagem. No caso dos jogos eletrônicos, a utilização pode ser mais atrativa para os jovens já adaptados ao mundo digital. Isso é o que indica a Política Nacional de Estímulo ao Uso de Jogos Eletrônicos na Educação Básica (PNJE), aprovada em abril de 2026, pela Comissão de Finanças e Tributação da Câmara dos Deputados. O objetivo central do plano, que ainda precisa tramitar no Senado e na Câmara, é aprimorar a aprendizagem por meio do uso desses jogos.

Segundo a professora Filomena Elaine Assolini, do Departamento de Educação, Informação e Comunicação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP (FFCLRP-USP), “os jogos não podem ser usados apenas para preencher um tempo em que o professor não ministrou uma atividade que poderia ter sido ministrada, trabalhada, desenvolvida. É preciso que o professor, o educador, aproveite o potencial lúdico que as atividades trazidas por meio dos jogos eletrônicos permitem”. A utilização dos jogos eletrônicos exige um entendimento das possibilidades do uso e do aproveitamento dessas tecnologias.

O professor Ricardo Nakamura, do Departamento de Engenharia de Computação e Sistemas Digitais da Escola Politécnica da USP, diferencia dois objetivos na utilização dessas tecnologias na educação: de diversão e de aprendizagens. “De um lado, você tem o objetivo de diversão, de entretenimento, que é o que a gente associa, normalmente, à ideia de jogo. E, de outro lado, você tem os objetivos de aprendizagem, que você quer que, através do contato com o jogo, a pessoa que está jogando, de alguma forma, consiga ter uma construção de conhecimento ou um desenvolvimento de habilidade, alguma coisa assim”.

Os jogos são ferramentas que podem auxiliar na solução de problemas e no estímulo de certas habilidades relacionadas a atenção, raciocínio, planejamento, tomada de decisões e até seleção visual. Elaine, também coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Alfabetização, Leitura e Letramento (Gepalle) da FFCLRP-USP, detalha que, “quando esses jogos são desenvolvidos por profissionais que também atuam na educação, as chances de eles serem melhor utilizados e de trazerem benefícios reais de conhecimento, benefícios para o processo de ensino,



Apoio para solução de problemas e estímulo de habilidades como atenção, raciocínio, planejamento e tomada de decisões são alguns dos efeitos possíveis dos jogos

para o processo de aprendizagem, além de instaurarem situações lúdicas na sala de aula, são maiores”.

A utilização apresenta desafios. Ricardo Nakamura destaca que “muitas vezes você tem essas análises que

falam ‘não, todo mundo gostou, teve uma adesão maior, todo mundo avaliou positivamente o jogo e tal’, mas isso foi naquele cenário de implantação que durou ali, talvez, um semestre, alguma coisa assim. E aí os estu-

dos de mais longo prazo não necessariamente vão indicar isso. Você depois percebe que essa novidade fica para trás e começa a ver de novo os mesmos problemas de motivação, porque aquilo perdeu o efeito e tinha outros proble-

mas mais profundos”.

O professor ainda comenta: “Os estudos, quando a gente pensa do lado acadêmico, muitas vezes são só assim, essa implantação inicial, segue ali o impacto no primeiro mês ou no segun-

do e não veem depois o que aconteceu. Então esse ainda é um desafio também, você conseguir avaliar tanto a eficácia dos jogos no aprendizado como essa questão de quanto eles resolvem esses problemas”.

Foto: Arquivo pessoal



Segundo Ricardo Nakamura, é necessário equilibrar o entretenimento à proposta educativa

Limite entre diversão e aprendizagem precisa ser claro

Ricardo Nakamura destaca que, com os objetivos de diversão e de aprendizagem não definidos, existe um risco de perder um desses propósitos. “Desde o começo, você já tem que ter muito claro o que você quer fazer com esse jogo, com a experiência de aprendizagem, e aí, depois, durante o desenvolvimento dessa proposta, você vai pensar em como exatamente você vai articular esse ato de jogar com esses elementos que você está querendo trabalhar dentro do jogo. Muitas vezes, essas duas coisas são contraditórias, porque, quando você faz um jogo puramente de entretenimento, você tem toda a liberdade

criativa, você pode inventar coisas fantasiosas, você pode criar regras para o seu jogo que não têm nada a ver com a realidade. E, quando você está procurando estimular o ensino, produzir aprendizagem, você tem como referência fatos, questões que você está querendo trabalhar, que precisam ser mantidas de uma forma consistente”.

A delimitação dos fins impede que eles se confundam ou um apague o outro, que gera um jogo que “pode ser até um jogo divertido, mas que não ensina ou, pior ainda, alguma coisa que é repetitiva, chata”.

Para exemplificar, o pro-

fessor usa um caso da criação de um jogo sobre taxonomia e diferenciação de espécies na biologia. “Estou querendo fazer um jogo para tentar ensinar alguma coisa de biologia, de relações entre espécies, o conceito de classificações entre gêneros, espécies, alguma coisa assim. Então, eu posso talvez até dar um poder mágico para o personagem, para ele voar, para ele poder correr, saltar, para poder alcançar o lugar onde vivem essas espécies”.

Mas, segundo ele, o indicado, nesse caso, é manter as espécies reais. “Para não criar uma distorção. Ou, de repente, até crio todo um conjunto

de espécies fantasiosas, mas a questão de quais são os elementos que fazem com que eu distinga uma espécie da outra, que caracteriza, que existe diferenciação suficiente para dizer que isso é uma espécie A, isso é uma espécie B... esse tipo de diferenciação é preservada, essa relação é preservada no jogo, ainda que sejam espécies fantasiosas. Eu tenho sempre que ficar pensando como é que eu vou trabalhar esses elementos para que não vá criar, por exemplo, uma construção de um conhecimento equivocada, um entendimento incorreto sobre o assunto e assim por diante”, adiciona.

Foto: Arquivo pessoal



Elaine Assolini: “A infância também se transformou com a presença das tecnologias digitais”

Professores devem mediar o uso responsável dos games

Elaine Assolini explica que o uso dos jogos eletrônicos precisa de uma compreensão teórica e conceitual sobre eles para que seja desenvolvido um trabalho adequado nas práticas pedagógicas. “A formação de professores precisa ser fundamentada na prática pedagógica crítica, dialógica, intencionalizada, que busca o entendimento, a compreensão e a transformação da realidade social por meio de uma intervenção humanista. Isso significa que o docente deve vivenciar experiências acadêmicas que o instrumentalizam para essa abordagem, para trabalharem com os jogos eletrônicos”.

A pesquisadora defende que os jogos precisam proporcionar interação. A função do professor é mediar o uso de forma responsável. “A presença do professor na sala de aula é imprescindível e um professor que atue junto aos educandos, atue também junto a esses jogos para que o discurso pedagógico escolar tradicional e as práticas pedagógicas tradicionais, reacionárias, obsoletas, ultrapassadas não sejam reproduzidas nos jogos”, explica.

A partir dos jogos, os alunos devem se relacionar por meio de ferramentas usadas pelos professores, “porque são os adultos que devem acompanhar os acessos dos estu-

dantes aos jogos, no sentido de controlar o tempo de jogo, perceber quais são as aprendizagens de cada jogo e acompanhar as faixas etárias indicadas nos jogos, entre outros aspectos em que mediação se faz presente. E, na escola, a mediação pressupõe a integração dos jogos no currículo, o estabelecimento do diálogo com crianças, com as crianças”, acrescenta.

As crianças e adolescentes que hoje estão no Ensino Básico são nativos digitais que já estão inclusos e acostumados, geralmente, com o ambiente digital. “Para pensarmos a infância na contemporaneidade, para pensarmos o sujeito da con-

temporaneidade, é preciso ter em mente as relações que as crianças estabelecem em diferentes contextos sociais, mediados pela família, pela escola, pela cultura em geral e pelos artefatos tecnológicos em particular”, segundo Elaine Assolini.

“Não é possível mais pensar a infância ou pensar a adolescência desconsiderando os artefatos tecnológicos, porque a infância também se transformou com a presença das tecnologias digitais. E elas se apresentam como um elemento lúdico de brincadeira e entretenimento. A escola precisa incorporar isso”, afirma ela.

Foto: Samory Santos/Wikimedia Commons



Jogos devem apenas complementar o ensino

Recurso não pode dominar a rotina dos estudantes

Mesmo apresentando efeitos positivos na educação, os jogos podem interferir negativamente. A falta de relação entre os jovens pode acarretar uma dependência por esses jogos, como elabora Elaine: “O jogo não pode

se tornar a atividade mais importante da vida do indivíduo, da vida do sujeito, do adolescente, do estudante. Não pode ser um recurso, um instrumento que domine seus pensamentos e seus comportamentos e não pode

ser algo que vai modificar o seu humor, os seus estados emocionais”.

“Há muitos casos, muitas situações de dependência dos jogos eletrônicos, que é quando eles se tornam a atividade principal da vida da

pessoa. Tem aquelas questões que a pessoa não consegue ficar sem internet, se torna obcecada, ela vai aumentando o número de horas frente ao computador, a dependência é uma dependência total”, diz a professora.

PARAÍBA

Editais abrem mais de 130 vagas

Concursos em Campina Grande, Mãe D'Água e Zabelê oferecem oportunidades em várias áreas de atuação

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Maio despede-se já com cheiro de milho cozido e canjica, mas engana-se quem pensa que a temporada junina será movimentada somente nos arraiais. Para quem acompanha os concursos públicos na Paraíba, a virada de mês traz editais com oportunidades em diferentes municípios. Em Campina Grande, o foco é o concurso para procurador municipal, que oferece cinco vagas e salário inicial de R\$ 9,6 mil. Já no interior do estado, as prefeituras de Mãe D'Água e Zabelê também abriram seleções com vagas para níveis fundamental, médio, técnico e superior. Ao todo, os editais contemplam áreas como saúde, educação, administração e serviços gerais, com remunerações que chegam a R\$ 8 mil.

Procuradoria

Na cidade conhecida por abrigar O Maior São João do Mundo, o edital que merece destaque tem como alvo uma carreira mais específica dentro do serviço público municipal: a de procurador. A Prefeitura de Campina Grande abriu cinco vagas ao todo, destinadas a profissionais com formação em Direito e registro na Ordem dos Advogados do Brasil (OAB). A remuneração é de R\$ 9,6 mil, para uma jornada de 30 horas semanais.

Para participar, acesse o site do Instituto de Desenvolvimento Educacional, Cultural e

Assistência Nacional (Idecan), responsável pelo concurso, até 15 de junho e siga as instruções. A taxa de inscrição é de R\$ 230. De acordo com o edital, a seleção dos candidatos será composta por provas objetivas, teórico-prática e de títulos, com aplicação prevista para 30 de agosto. Todas as etapas ocorrerão em Campina Grande.

Vale lembrar que, além desse concurso, a prefeitura também tem outros editais abertos. O mais geral, por exemplo, reúne quase mil vagas em diferentes secretarias municipais. Também há chances na Guarda Municipal e em áreas como saúde e infraestrutura.



Use o QR Code para acessar o edital da Prefeitura de Campina Grande

Mãe D'Água

Já no Sertão paraibano, a Prefeitura de Mãe D'Água também abriu um novo concurso público com oportunidades para candidatos de níveis fundamental, médio, técnico e superior. O edital prevê mais de 90 vagas, além de cadastro reserva, com salários que variam de R\$ 1,6 mil

a R\$ 7,2 mil, conforme o cargo. A jornada de trabalho, por sua vez, pode ser de 20 horas a 40 horas semanais.

Entre os cargos previstos no edital estão os de auxiliar de serviços gerais, cozeiro, merendeira, motorista, porteiro, operador de trator e de máquinas pesadas, eletricitista, agente administrativo, educador social e técnico em Enfermagem. Já para os candidatos com Ensino Superior, há vagas para assistente social, biomédico, enfermeiro, farmacêutico, fiscal de tributos, fonoaudiólogo, médico, nutricionista e professor, entre outras funções. Se você ficou interessado, inscreva-se pelo sistema da Comissão Permanente de Concursos Universidade Estadual da Paraíba (CPCCon/UEPB) até 28 de junho. As taxas cobradas são de R\$ 75 para cargos de nível fundamental, R\$ 95 para médio/técnico e R\$ 115 para superior.

Quanto à avaliação, serão aplicadas provas objetivas, de caráter classificatório e eliminatório, para todos os candidatos, no dia 2 de agosto, além de prova prática para os cargos de motorista, condutor socorrista, operador de trator e operador de máquinas pesadas. Já os candidatos aos cargos de nível superior passarão, ainda, por análise de títulos. Segundo o edital, as etapas acontecerão no município de Mãe D'Água.

Seleção em Zabelê

Também no interior da Pa-



As prefeituras de Mãe D'Água e Zabelê abriram seleções com vagas para níveis fundamental, médio, técnico e superior



Use o QR Code para acessar o edital da Prefeitura de Mãe D'Água

raíba, a Prefeitura de Zabelê publicou um novo edital com o objetivo de reforçar a estrutura administrativa municipal. Ao todo, são 37 vagas imediatas em disputa, além de cadastro reserva, com remunerações que vão de R\$ 1,6 mil a R\$ 8 mil, dependendo da função. Entre as oportunidades há vagas para me-

rendeira, motoristas, agente administrativo, técnico de Informática, assistente social, farmacêutico, fisioterapeuta, fonoaudiólogo, médico, odontólogo, psicólogo, psicopedagogo e professores.

As inscrições começam amanhã (1º de junho) e vão até 5 de julho, também pelo site da CPCCon, com o custo de R\$ 75 para cargos de nível fundamental, R\$ 95 para médio/técnico e R\$ 115 para superior e magistério. Quanto à seleção dos candidatos, o edital prevê a aplicação de prova objetiva, em 26 de julho, além

de análise de títulos para professores. Conforme o edital, as provas serão realizadas apenas em Zabelê.



Use o QR Code para acessar o edital da Prefeitura de Zabelê

Farmacêutico busca conectar ciência, cuidado e eficiência

Antes de um medicamento chegar à mão do paciente, existe uma cadeia muito técnica e cheia de responsabilidades. E, em várias dessas etapas, há sempre um farmacêutico atuando. Embora seja reduzida ao balcão da farmácia, a profissão vai além da orientação ao consumidor. Ela envolve pesquisa, controle de qualidade, regulamentação, acompanhamento de possíveis efeitos adversos e uma série de decisões que ajudam a garantir que o tratamento cumpra sua função, sem colocar a saúde do paciente em risco. Na prática, trata-se de uma carreira que conecta ciência e cuidado, dentro de uma rotina que vai do laboratório ao hospital, passando pela indústria e pelo contato direto com quem precisa de ajuda.

Foi justamente essa dimensão científica que aproximou Maria Elaine Cristina Araruna da área. Especialista em Farmácia Clínica e Farmácia Estética, a pós-doutora em Farmacologia conta que, desde a infância, já dizia que queria ser cientista e era apaixonada por Biologia. Mas a Farmácia só entrou no radar no fim do Ensino Médio, quando uma tia iniciou o curso. Ao acompanhar sua jornada, Elaine passou a enten-

der melhor as possibilidades da profissão e percebeu que poderia transformar seu interesse em uma carreira ligada à pesquisa e à saúde das pessoas.

Multiplicidade

Apesar da imagem que costuma cercar a figura do farmacêutico, a profissão não cabe em um único

espaço de atuação. Maria Elaine lembra que são mais de 140 especialidades regulamentadas pelo Conselho Federal de Farmácia (CFF), o que ajuda a explicar por que o mesmo curso pode abrir portas tão diferentes ao longo da carreira, da indústria aos laboratórios de análises clínicas. "Temos como atuar em farmácias

Reduzir o farmacêutico apenas ao atendimento no balcão é enxergar apenas uma parte da engrenagem

de manipulação, pesquisas, hospitais, indústrias e laboratórios", enumera. No caso dela, boa parte desse percurso foi dedicado ao estudo de novos medicamentos até chegar à estética, área em que atua hoje.

Não à toa, reduzir o farmacêutico ao atendimento no balcão é enxergar apenas uma parte dessa engrenagem. "O trabalho não se resume ao medicamento como produto final embalado", reforça a especialista. Segundo ela, antes de o medicamento chegar ao mercado, existe uma série de etapas que nem sempre aparecem aos olhos do consumidor, mas são fundamentais para conferir segurança e eficácia aos tratamentos. "Há toda uma cadeia produtiva, desde a pesquisa da molécula até a orientação sobre o uso e a vigilância de efeitos ad-

versos. Os farmacêuticos se responsabilizam por cada etapa", explica.

Formação

Para dar conta disso tudo, a profissão exige muito mais do que gosto pela ciência. A farmacêutica cita conhecimentos em Fisiologia, Patologia, Farmacologia, Bioquímica e Química como a base técnica do trabalho. Mas, na prática, também fazem diferença habilidades que nem sempre aparecem na grade curricular, como "bom relacionamento interpessoal, empatia e comunicação assertiva".

Além dessa combinação entre conhecimento técnico e habilidades essencialmente humanas, também pesa a capacidade de mostrar, na prática, o impacto do próprio trabalho. Em um mercado cada vez mais competitivo, Maria Elaine avalia que o farmacêutico precisa ir além do básico, acompanhar as mudanças da área e buscar capacitação continuamente. Mas o reconhecimento, para ela, não nasce apenas do diploma ou do domínio científico. "A valorização depende muito da diferença que o profissional faz no trabalho em equipe e como contribui para a melhoria da qualidade de vida das pessoas", finaliza.

Oportunidade

Para quem deseja ingressar no serviço público, os concursos das prefeituras paraibanas de Mãe D'Água e Zabelê oferecem oportunidades diretamente ligadas à profissão. Nos dois editais, há uma vaga para farmacêutico, com exigência de Ensino Superior em Farmácia e registro no Conselho Regional de Farmácia (CRF). Em Mãe D'Água, a jornada é de 40 horas semanais, com remuneração de R\$ 1,6 mil, além de cadastro reserva. Já em Zabelê, o cargo também prevê uma jornada de 40 horas e remuneração de R\$ 2 mil.



Há toda uma cadeia produtiva, desde a pesquisa da molécula até a orientação sobre o uso e a vigilância de efeitos adversos



Maria Elaine dizia que queria ser cientista desde criança

| | | | | |
|--|---|--|--|---|
| Selic Fixado em 29 de abril de 2026 14,50% | Sálário mínimo R\$ 1.621 | Dólar \$ Comercial +0,21% R\$ 5,042 | Euro € Comercial +0,36% R\$ 5,881 | Libra £ Esterlina +0,14% R\$ 6,805 |
|--|---|--|--|---|

| |
|--|
| Inflação IPCA do IBGE (em %) |
| Abril/2026 0,67 |
| Março/2026 0,88 |
| Fevereiro/2026 0,7 |
| Janeiro/2026 0,33 |
| Dezembro/2025 0,33 |

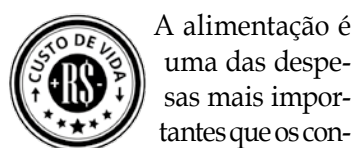


CONSUMO ESSENCIAL

Inflação chega à mesa das famílias e pesa no dia a dia

Gasto com comida compromete poder de compra da população de baixa renda

Pedro Alves
pedroalvesjp@yahoo.com.br



A alimentação é uma das despesas mais importantes que os consumidores têm que colocar no planejamento financeiro, seja pessoal ou familiar. O peso disso no orçamento, no entanto, continua sendo um dos principais desafios para a população de classe média e, sobretudo, para as famílias de baixa renda. Em um cenário marcado por inflação todo os anos na economia brasileira e, em especial, em diversos produtos básicos, milhões de brasileiros precisam reorganizar hábitos de consumo, reduzir quantidades compradas e buscar alternativas mais acessíveis para manter os gastos com alimentos dentro de uma parcela equilibrada da renda.

O impacto das despesas é ainda mais duro entre aqueles que recebem salários menores, visto que a maior parte da renda acaba sendo direcionada justamente para despesas essenciais, como transporte, moradia e contas domésticas e, não menos importante, claro, comida. Já a classe média, embora possua uma renda maior, também enfrenta dificuldades para equilibrar as contas diante da alta constante do custo de vida. Isso porque, além da alimentação, há despesas fixas elevadas relacionadas a financiamentos, aluguel, educação, planos de saúde, combustíveis e serviços.

Adriano Almeida é funcionário público e adota algumas práticas pensando justamente no objetivo de diminuir as despesas com alimentação – a exemplo de realizar compras, semanalmente, há muitos anos, em feiras livres tradicionais de João Pessoa, como a do bairro de Jaguaribe.

“Esse é um hábito que vem



Fotos: Carlos Rodrigo

Adriano Almeida aposta em feiras livres e faz compras semanais para economizar

da minha família. Desde criança eu acompanhava meu pai indo à feira de Jaguaribe, por isso foi algo natural adquirir esse costume. Os preços costumam ser mais acessíveis do que nos supermercados, além da qualidade dos produtos, que geralmente são mais frescos e apresentam maior durabilidade quando bem conservados”, comentou Adriano.

Muito comuns em centros urbanos e cidades do interior, as feiras permitem que consumidores encontrem frutas, verduras, legumes, carnes e outros produtos com preços mais competitivos em relação aos supermercados. Em muitos casos, os alimentos são vendidos diretamente pelos produtores ou por pequenos comerciantes, o que reduz custos intermediários e possibilita preços menores.

Além disso, as feiras costumam oferecer produtos mais frescos, muitas vezes sem agrotóxicos, sendo opções até mais saudáveis. E ainda permitem ao consumidor pesquisar valores entre diferentes vendedores que estão no mesmo local. Adriano garante que paga quase 50% menos do que se

comprasse em redes maiores de supermercados os mesmos produtos.

“A economia gira em torno de 40%, podendo ser um pouco maior ou menor. Os produtos em que mais percebo economia são frutas, verduras e legumes, como batata, cenoura, cebola, pimentão, jerimum, abobrinha, coentro, cebolinha e alface, além de descontos em macaxeira e inhame”, analisou.

Evitar desperdícios

Algumas mudanças de hábito podem ajudar no controle das despesas alimentares. Planejar compras, evitar desperdícios, pesquisar preços e substituir produtos mais caros por alternativas semelhantes são estratégias que auxiliam no equilíbrio do bolso.

Em períodos de inflação elevada, muitas famílias também passam a reduzir o consumo de determinados alimentos, priorizando itens considerados indispensáveis para o dia a dia. Ainda assim, a sensação de perda do poder de compra permanece presente, principalmente quando o reajuste dos salários não acompanha a velocidade do aumento dos preços nas prateleiras.

“O ideal é que os gastos com alimentação estejam dentro de um percentual que permita equilíbrio entre qualidade de vida, saúde e organização financeira. Em média, comprometer cerca de 35% da renda mensal pode ser considerado um valor razoável para famílias de classe média que desejam manter uma alimentação de qualidade sem comprometer outras despesas essenciais. O mais importante é que esse investimento seja feito de forma planejada, priorizando alimentos saudáveis e evitando desperdícios”, explicou Brígida Andrade, consultora pessoal de finanças.

Inflação de alimentos

O principal indicador para medir a inflação no Brasil é o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo, o IPCA,

calculado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O índice acompanha a variação de preços de diversos produtos e serviços consumidos pelas famílias brasileiras, incluindo a alimentação.

No caso dos alimentos, o cálculo considera o comportamento dos preços de produtos consumidos dentro e fora de casa, analisando o quanto esses itens sobem ou caem ao longo do tempo. Quando os alimentos, como feijão, arroz, verduras, carnes, entre outros, registram aumentos frequentes, o IPCA sobe e isso influencia diretamente o custo de vida. Na última divulgação da prévia da inflação oficial, divulgada na última quarta-feira (27), o IPCA-15, os alimentos foram justamente o que mais pressionou o índice. A alta de maio foi de 0,62%, tendo a categoria alimentação e bebidas subido 1,38%, alcançando o maior impacto no resultado do mês.

A inflação dos alimentos é impactada por diferentes fatores econômicos e climáticos. Problemas como secas prolongadas, excesso de chuvas, perdas de safra e dificuldades no transporte podem reduzir a oferta de produtos e provocar aumento de preços. Além disso, as volatilidades do dólar e do petróleo também interferem nos custos de produção, já que muitos insumos utilizados no campo, como fertilizantes e defensivos, possuem relação com o mercado internacional, muitos deles sendo importados, assim como alguns alimentos.

■ Priorizar itens indispensáveis e substituir produtos mais caros são alternativas para contornar a alta nos preços dos alimentos



Servidor público aprendeu estratégia com seu pai

Economia em Desenvolvimento

Marcílio Correia
marciliorcorreia.professor@gmail.com | Colaborador

Economia solidária: o caminho cooperativo

Diante dos desafios persistentes no mercado de trabalho e das limitações das respostas tradicionais de política econômica, recomenda-se repensar arranjos produtivos que incluam eficiência e equidade. A articulação entre empreendedorismo, cooperativismo e economia solidária apresenta-se, nessa perspectiva, como uma via estratégica e promissora para o desenvolvimento territorial e a atenuação das desigualdades estruturais.

O empreendedorismo tradicional, focado na maximização individual de retornos e na captura de mercados, tem limites claros quando o desafio é inclusão produtiva. Ao incorporarmos práticas cooperativas, o ato de empreender transita de projeto individual para empreendimento coletivo: decisões são colegiadas, riscos são socializados e excedentes são distribuídos segundo critérios democráticos. Esse desenho institucional reduz custos de transação e cria mecanismos internos de autorregulação, traduzindo capital social em vantagem competitiva sustentável. Cooperativas bem estruturadas demonstram maior resistência a choques cíclicos e maior propensão a reinvestir localmente, aspectos centrais para a coesão territorial.

A economia solidária amplia o escopo ao redefinir a finalidade econômica. Em vez de medir sucesso apenas por lucros financeiros, ela soma indicadores de bem-estar, sustentabilidade ambiental e capital relacional. Essa visão é particularmente relevante em regiões periféricas onde mercados tradicionais são incompletos e o emprego formal é escasso. Iniciativas solidárias funcionam simultaneamente como estratégias de sobrevivência e laboratórios de inovação institucional: experimentam formas de governança participativa, cadeias curtas de valor e modalidades de consumo responsável que desafiam a ortodoxia da eficiência de mercado.

Das implicações de política pública decorre a necessidade de uma arquitetura institucional sofisticada. Linhas de crédito convencionais e capacitação padronizada são insuficientes; é preciso construir instrumentos adaptativos: fundos rotativos com governança local, programas de incubação técnico-financeira dedicados ao cooperativismo e regimes de compras públicas que favoreçam empreendimentos solidários sem criar dependência. Importa também articular redes regionais de comercialização e logística, reduzindo custos e ampliando escala sem sacrificar a identidade coletiva.

Do ponto de vista gerencial, o êxito desse modelo demanda repertórios que transcendem o empreendedorismo clássico: competências em governança democrática, gestão participativa, avaliação social de projetos e mediação de conflitos. Investir em formação política e técnica dos membros é condição necessária para que o crescimento não se converta em descaracterização institucional. A profissionalização de práticas administrativas, sem perder o *ethos* cooperativo, é o nó central a ser resolvido.

Em última análise, integrar empreendedorismo, cooperativismo e economia solidária propõe uma reorientação pragmática do desenvolvimento: não rejeita a eficiência, mas redefine seus objetivos. Para economistas comprometidos com políticas públicas emancipatórias, tratar esse tripé como política estruturante equivale a apostar numa trajetória de desenvolvimento mais resiliente, distributiva e ambientalmente compatível. O custo de transição existe, mas a conta intertemporal, considerando a redução da volatilidade da renda, o fortalecimento das cadeias locais e os ganhos sociais, tende a ser favorável. Em tempos de incerteza macroeconômica, essa estratégia deixa de ser exótica para se tornar política pública de primeira grandeza.

VALORIZAÇÃO

Pisos salariais mobilizam Senado

Davi Alcolumbre convocará reunião de líderes para avaliar demandas e discutir fontes de financiamento

Rodrigo Baptista
Agência Senado

Nas últimas semanas, o plenário do Senado virou palco de uma mobilização crescente: senadores de diferentes partidos têm pedido ao presidente da Casa, Davi Alcolumbre, a votação de projetos que garantem piso salarial a categorias ainda sem remuneração mínima ou defasadas, como garfis, enfermeiros e profissionais de educação. Davi prometeu convocar uma reunião de líderes para organizar as demandas e avaliar as fontes

de financiamento, mas ainda não há data definida.

O movimento ganhou força durante os debates em torno da Medida Provisória (MP) nº 1.334/2026, aprovada nesta semana, que reajusta o piso dos professores da Educação Básica pública para R\$ 5.130,63 em 2026. A tramitação de uma proposta que cria piso para os demais funcionários de escola também alimentou a discussão, e o tema da valorização salarial passou a aparecer com mais frequência nos microfones do plenário.

Ao todo, o Senado con-

centra pelo menos 20 propostas, entre projetos de lei e emendas à Constituição, que tratam de remuneração mínima para diferentes categorias. A Constituição já garante aos trabalhadores o direito a um piso compatível com a complexidade de suas funções, mas a questão que trava o avanço dessas propostas é sempre a mesma: de onde virão os recursos.

O recado do presidente tem sido o mesmo a cada novo apelo: cautela. Davi Alcolumbre disse apoiar a valorização das categorias, mas insiste que a criação de pisos

salariais precisa passar por negociação com os três níveis de governo e que as contas precisam fechar.

Alinhamento

Durante a sessão do último dia 20, ele anunciou que vai convocar uma reunião de líderes para organizar as demandas. Para o presidente, o encontro será, antes de tudo, uma chance de alinhar as fontes de financiamento. "Muitas das vezes, as fontes que estão colocando para suprir a nova demanda da legislação são as mesmas. Então é bom a gente fazer a reunião para esclare-

cer quais são as fontes de receita que vão cobrir essas despesas", acrescentou.

Os salários dos profissionais da Educação Básica na rede pública são pagos por estados e municípios, principalmente com recursos do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica (Fundeb) — principal mecanismo de financiamento da educação pública no país — e, quando necessário, com complementações da União. A preocupação de muitos gestores é não conseguir absorver os reajustes.

Em audiência pública na

comissão mista que analisou a MP, o prefeito de Muriaé (MG) e integrante da Frente Nacional de Prefeitas e Prefeitos, Marcos Guarino, relatou que, em muitas prefeituras, o Fundeb se esgota antes do fim do ano.

"O grande problema que a gente sente é que, quando chegam setembro e outubro, o dinheiro do Fundeb praticamente já acabou. A gente acaba investindo muito mais do que os 25% de educação, muito mais do que os 15% de saúde e mais a folha. Quer dizer, o município vai ficando muito estrangulado", argumentou.

Profissionais do magistério conquistam aumento de 5,4%

Aprovada na última terça-feira (26), a MP nº 1.334/2026 foi editada pelo presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em 22 de janeiro e fixou o piso dos professores da Educação Básica pública em R\$ 5.130,63 para 2026 — alta de 5,4% sobre os R\$ 4.867,77 de 2025, com ganho real de 1,5 ponto percentual (p.p.) acima da inflação medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC). O texto também muda o critério de atualização do piso.

Como o texto foi alterado pela relatora, senadora Professora Dorinha Seabra (União-TO), a MP foi convertida no Projeto de Lei de Conversão (PLV) nº 4/2026 e seguiu para sanção.

A relatora, a senadora Professora Dorinha Seabra (União-TO), incluiu emendas que ampliam o piso para professores temporários, exigem transparência na memória de cálculo e fixam expressamente o valor de R\$ 5.130,63 no texto — para evitar judicialização. O impacto estimado da nova regra para 2026 é de R\$ 6,4 bilhões, se cumprida por todos os entes federativos.

Funcionários de escolas

Enquanto o piso dos professores avança, me-

rendeiras, auxiliares de limpeza e secretários escolares ainda aguardam uma definição. O Projeto de Lei (PL) nº 2.531/2021, aprovado pela Câmara em dezembro de 2025, propõe piso equivalente a 75% do piso do magistério — cerca de R\$ 3.847 pelo valor atual — para profissionais de apoio das escolas públicas. O texto depende de votação no Senado.

A proposta mobilizou senadores na semana passada. Teresa Leitão (PT-PE) defendeu que a aprovação do piso do magistério abre caminho para os demais. "Nós temos já um projeto de piso negociado que envolveu os entes estaduais e municipais. Portanto, a gente tem mais previsibilidade para votar o piso de quem não é do magistério", afirmou.

Omar Aziz (PSD-AM) reforçou o argumento. "Nós reclamamos muito da qualidade da educação, mas a escola depende desde a pessoa com maior quantidade de títulos até quem está ali ajudando a mantê-la limpa e funcionando", constatou.

Dorinha lembrou que, no caso da educação, há fonte específica de financiamento — o Fundeb —, o que tornaria viável uma implementação gradual. "É possível fazer de maneira gradativa para

que eles também tenham o seu piso assegurado".

Garfis e margaridas

Na mesma sessão, o senador Fabiano Contarato (PT-ES) voltou a pedir a votação do PL nº 4.146/2020, do senador Angelo Coronel (Republicanos-BA), que cria piso salarial de R\$ 3.036 para garfis e margaridas, trabalhadores que atuam na varrição, coleta de resíduos e acondicionamento de lixo em espaços públicos. O texto já foi aprovado pela Câmara e aguarda pauta no Senado.

Contarato tem sido um dos senadores mais insistentes pelo avanço da proposta, argumentando que a categoria presta um serviço essencial e segue desvalorizada. "São homens e mulheres que trabalham na invisibilidade e que precisam dessa resposta. Eu quero me colocar à disposição para que a gente faça uma reunião o mais rápido possível para deliberar sobre esse projeto", disse o senador.

■ Impacto da medida para 2026 é estimado em R\$ 6,4 bilhões com o novo cálculo

PL que fixa remuneração e jornada de médicos e cirurgiões-dentistas avança

Um dos projetos que mais avançou recentemente é o PL nº 1.365/2022, da senadora Daniella Ribeiro (PSD-PB), que fixa em R\$ 13.662 o piso de médicos e cirurgiões-dentistas para jornada de 20 horas semanais. Aprovado na Comissão de Assuntos Sociaus (CAS) no último dia 20, aguarda turno suplementar na comissão e segue para a Câmara (caso não haja recurso para votação no plenário). Segundo o relator da proposta, senador Fernando Dueire (PSD-PE), o projeto corrige uma distorção histórica, já que a legislação que hoje trata da remuneração desses profissionais é de 1961.

"Valorizar médicos e cirurgiões-dentistas é reconhecer que a qualidade da saúde oferecida à população passa diretamente pela valorização de quem está na linha de frente", afirmou.

O caso da enfermagem talvez seja o exemplo mais emblemático da dificuldade de transformar esses projetos em medidas viáveis dentro do orçamento público. Em julho de 2022, o Congresso promulgou a Emenda Constitucional nº 124, criando o piso nacional da categoria. Semanas depois, a Lei nº 14.434/2022 fixou os valores: R\$ 4.750 para enfermeiros, R\$ 3.325 para técnicos e R\$ 2.375 para auxiliares e parteiras.

O Supremo Tribunal Federal (STF) suspendeu a aplicação em seguida, por falta de indicação da fonte dos recursos. Em dezembro de 2022, o Congresso promulgou a Emenda Constitucional nº 127, prevendo repasses da União com recursos do Fundo Social e, em maio de 2023, Lula sancionou a Lei nº 14.581, abrindo crédito especial de R\$ 7,3 bilhões. O piso finalmente entrou em vigor.

Hoje, no setor público, a União faz repasses complementares para garantir os valores mínimos. No privado, a aplicação é desigual e depende de negociação entre sindicatos e empregadores. O STF ainda não encerrou o julgamento sobre a constitucionalidade da lei.

No Senado, a PEC nº 19/2024 propõe que o cálculo do piso da categoria considere uma jornada de 36 horas semanais. Hoje, os valores da remuneração são calculados com base em uma jornada de 44 horas: quem trabalha menos recebe proporcionalmente menos.

Além das categorias citadas, outras também aguardam na fila. O Senado concentra propostas que vão de psicólogos e nutricionistas a conselheiros tutelares e policiais militares, em diferentes estágios de tramitação. Confira na tabela abaixo.

| Categoria | Proposta | Piso previsto | Situação |
|---|---------------|------------------------------|-----------------------------|
| Médicos cirurgiões-dentistas | PEC 2/2026 | Incluir na CF | Aguarda despacho |
| Fisioterapeutas e terapeutas ocupacionais | PL 1.731/2021 | R\$ 4.650 / 30h | Aguarda análise de emendas |
| | PEC 24/2022 | Incluir na CF | Pronta para votação na CCJ |
| | PL 1.904/2023 | R\$ 4.800 / 30h | Aguarda relator na CCJ |
| Psicólogos | PL 3.086/2024 | R\$ 4.750 / 30h | Pronta para votação na CDH |
| Nutricionistas | PL 5.752/2025 | R\$ 5.000 / 30h | Aguarda despacho |
| | PL 5.060/2025 | R\$ 5.000 / 30h | Aguarda despacho |
| Operadores de telemarketing | PLS 447/2016 | R\$ 1.283,59 (valor de 2022) | Com relator na CAS |
| Técnicos e auxiliares em saúde bucal | PL 2.504/2019 | R\$ 1.200 (valor de 2019) | Aguarda providências na CAS |
| | PL 1.969/2023 | R\$ 2.588 | Aguarda relator na CCJ |
| Assistentes sociais | PL 2.693/2020 | R\$ 7.315 / 30h | Aguarda relator na CCJ |
| Conselheiros tutelares | PL 662/2019 | 4 salários mínimos | Aguarda relator na CCJ |
| Profissionais de saúde | PL 4.585/2025 | 1 salário mínimo / 30h | Aguarda despacho |
| Profissionais de saúde | PL 6.147/2023 | Jornada de 36h | Na CAE com relator |
| Médicos veterinários | PL 1.891/2026 | R\$ 7.800 / 44h | Aguarda despacho |
| Policiais militares e bombeiros | PEC 10/2026 | Incluir na CF | Aguarda despacho |

Categorias, jornadas e salários que estão sendo debatidos pelo Congresso atualmente



PLV define que professores da Educação Básica pública passarão a receber R\$ 5.130,63

CAMINHOS DA PERMANÊNCIA

Estado investe R\$ 10 mi em apoio aos estudantes

Taxa de evasão em universidades na PB é de 37,6%, abaixo da média nacional

Deyse Ponciano
Ascom Secties

Para muitos estudantes, o maior desafio não é conquistar uma vaga na graduação, mas se manter para continuar estudando. Isso é reflexo de uma realidade que envolve fatores sociais e econômicos. Dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep) apontam que, em 2023, a Paraíba teve uma taxa média de evasão de 37,6%. Na média nacional, esse percentual sobe para 50,2%.

Por trás dessas estatísticas, há histórias de quem precisou escolher entre pagar o ônibus e comer, de quem não tinha onde morar na cidade onde estudava e nem uma rede de apoio que oferecesse a opção de continuar estudando. É para enfrentar esse problema que o Governo da Paraíba, por meio da Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties), criou o projeto Caminhos da Permanência.

A iniciativa percorre as instituições de Ensino Superior públicas do estado, promovendo plenárias, rodas de conversa e aplicação de questionários com estudantes, professores, técnicos e gestores. O objetivo é mapear, com precisão e escuta ativa, quais são os principais obstáculos que impedem os universitários de concluir seus cursos.

“Quando o estudante consegue permanecer na universidade, toda a sociedade ganha. O Caminhos da Permanência é o compromisso do Governo da Paraíba com essa convicção, de ouvir com cuidado para agir com precisão. Ao todo, o governo está investindo cerca de R\$ 10 milhões em políticas de permanência estudantil, porque estamos transformando escuta em política pública e política pública em direito garantido para cada universitário do nosso estado”, afirma o se-

cretário da Secties, Claudio Furtado.

Os dados levantados pelo projeto já apontam um retrato conhecido por quem vive o dia a dia das universidades públicas: as maiores dificuldades estão no acesso à alimentação, ao transporte, à moradia e ao suporte de saúde mental, barreiras que atingem, principalmente, estudantes de baixa renda.

“O Ciclo Caminhos da Permanência foi criado para que a gente possa ter um espaço de escuta qualificada com foco na permanência estudantil. A gente tem ido até as instituições escutar profissionais e, em especial, os estudantes que estão nas universidades públicas do nosso estado, tanto os que são beneficiados por alguma política de assistência quanto os que ainda não têm nenhuma”, explica Tullio Serrano, gerente-executivo de assistência estudantil da Secties.

Maraisa Marcelino tem 19 anos, é da cidade de Sousa e cursa História na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG); ela considera a iniciativa uma forma de ouvir e compreender as dificuldades dos estudantes. “Tais ações como essas contribuem significativamente para que estudantes como eu não tenham que abando-

nar a faculdade por falta de condições para permanecer lá. E é esse o intuito da Casa do Estudante – Bolsa Permanência, auxiliar tanto na permanência, na universidade quanto ajudar nas minhas necessidades, como também permitir a minha participação em projetos e atividades extracurriculares que contribuam para a minha formação pessoal e também profissional”.

O projeto não se encerra nas escutas. Todo o material coletado – questionários, relatórios e demandas levantadas nas rodas de conversa, vai alimentar a construção – do Plano Estadual de Assistência Estudantil para o Ensino Superior da Paraíba.

O estudante Isaac de Oliveira, do 3º período do curso de licenciatura em História da UFCG em Cajazeiras, foi um dos contemplados e contou como tem sido impactado positivamente pelas ações. “A bolsa tem sido essencial para a minha permanência no Ensino Superior, pois através dela eu consigo subsidiar minhas necessidades básicas e também participar de projetos e atividades extracurriculares, que enriquecem muito minha formação”.

A proposta é transformar o que hoje ainda são ações pontuais, como o Bolsa Perma-

nência e o Programa de Ações Afirmativas, em uma política pública estruturante, com abrangência estadual e respaldo legal. Como reforça Tullio Serrano: “Essa escuta vai finalizar com a construção do plano estadual de assistência estudantil para o Ensino Superior na Paraíba”. A meta é que a permanência deixe de ser um benefício e passe a ser, de fato, um direito.

O Ciclo Caminhos da Permanência fortalece o Programa Casa do Estudante – Bolsa Permanência, que oferece apoio financeiro direto aos universitários; e as Ações Afirmativas, que incentivam o acesso e a permanência de estudantes negros, indígenas, quilombolas, pessoas com deficiência e outros públicos no Ensino Superior.

Em 2024, a Paraíba conquistou a liderança do Nordeste e a segunda posição nacional no número de estudantes matriculados em cursos presenciais no Ensino Superior em relação à população. Com um índice de 2.999,1 matrículas presenciais por 100 mil habitantes, o estado ficou à frente do Piauí (2.610,7) e do Rio Grande do Norte (2.490,1), e, no cenário nacional, atrás apenas do Distrito Federal, conforme dados do *Censo da Educação Superior 2024*, divulgados pelo Inep.

Com as novas políticas públicas de permanência estudantil, lançadas em 2025, a expectativa é que esses indicadores se fortaleçam ainda mais, ampliando tanto o acesso quanto a conclusão dos cursos superiores no estado.



Projeto Caminhos da Permanência percorre instituições de Ensino Superior públicas

Fotos: Júlio Maranhão/Secties

Poeira Estelar

Claudio Furtado
claudiofurtado@secties.pb.gov.br

O papa e a IA: fé, ciência e dignidade humana

A coluna desta semana traz um tema extremamente atual: a inteligência artificial, mas sob um ponto de vista pouco comum, o do Papa Leão XIV. Recentemente, o pontífice lançou uma nova encíclica. As encíclicas são documentos utilizados há séculos pelos papas para comunicar como a Igreja Católica se posiciona diante de determinados assuntos do seu tempo. E, nesta recente, *Magnifica Humanitas*, Leão XIV aborda justamente a questão da inteligência artificial a partir de uma perspectiva muito interessante.

Leão XIV, que possui formação em Matemática, apresentou a encíclica na presença de importantes representantes ligados ao universo da tecnologia e da inteligência artificial, entre eles integrantes da Anthropic, uma das principais empresas do setor, além de assessores especializados em tecnologia.

A visão trazida pelo papa é extremamente rica e ampla. Ele inicia a discussão retomando a doutrina social da Igreja, especialmente a partir das reflexões de Leão XIII, ainda no século XIX, período marcante por discutir questões relacionadas ao trabalho, capitalismo, socialismo e dignidade humana. Leão XIV recupera esse patrimônio de sabedoria para refletir sobre os desafios contemporâneos, demonstrando uma compreensão da ciência não como oposição à fé, mas como instrumento para interpretar a realidade.

Em determinado momento, a encíclica afirma que a inteligência artificial deve ser “desarmada” e tornada acolhedora, deixando muito clara a discussão sobre transumanismo e pós-humanismo. Leão XIV questiona a ideia de que a IA possa ultrapassar o pensamento humano e dominar completamente os processos de conhecimento

e decisão. Nesse contexto, ele cita Hannah Arendt para alertar sobre os riscos de totalitarismo quando se perde a distinção entre fato e ficção, entre verdade e manipulação.

A encíclica também dedica atenção especial ao papel das universidades. Para o papa, o grande desafio da educação contemporânea é a integração dos saberes: a capacidade de relacionar

conhecimentos diferentes, interpretar a complexidade e compreender criticamente os acontecimentos. Por isso, defende que a discussão sobre inteligência artificial precisa estar no centro das escolas, universidades e espaços de formação humana.

Ao longo de toda a encíclica, a imagem da Torre de Babel aparece como símbolo dos riscos de um desenvolvimento tecnológico desconectado da ética e da humanidade. Em contraposição, surge a figura de Neemias reconstruindo as muralhas de Jerusalém, mobilizando toda a comunidade, fazendo com que cada tribo contribuísse com uma parte da obra. Com essa imagem, Leão XIV convoca a sociedade civil, universidades, governos e instituições internacionais a construir coletivamente mecanismos de governança da inteligência artificial.

A proposta do papa é que a IA seja instrumento daquilo que a humanidade pode fazer de melhor: combater a fome, ampliar o desenvolvimento humano e fortalecer a paz social, e não fonte de destruição de postos de trabalho, aprofundamento de guerras ou avanço do pós-humanismo.

A encíclica faz referências que vão de Hannah Arendt a Tolkien, citando inclusive frases de Gandalf em *O Senhor dos Anéis* para refletir sobre os dilemas éticos do nosso tempo. É um documento profundamente teológico, mas também sofisticado em sua leitura da ciência e da tecnologia. Atual, rico em referências e muito provocador, exatamente o que o debate sobre inteligência artificial e sociedade precisa.

Claudio Furtado, secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba é professor e doutor em Física da UFPB.

Colunista colaborador



Foto: Divulgação/Secties

Secretário da Secties, Claudio Furtado, durante uma das suas explicações para os novos alunos

“Quando o estudante consegue permanecer na universidade, toda a sociedade ganha

Claudio Furtado

COMPOSTAGEM

Premissa é reaproveitar resíduos

Benefícios incluem o combate às mudanças climáticas, a melhoria do solo e a promoção da economia circular

Camila Monteiro
milabmonteiro@gmail.com

Restos de frutas, legumes, cascas de ovos, verduras, borra de café e folhas secas. Todos esses materiais podem ser utilizados na compostagem, prática que tem como finalidade converter lixo orgânico em adubo natural, substituindo produtos químicos.

A compostagem orgânica é um processo biológico controlado e natural que recicla resíduos sólidos de origem vegetal ou animal. “É uma forma de tratamento aeróbio que utiliza microrganismos [bactérias e fungos] e invertebrados [minhocas] para decompor matéria orgânica, transformando os resíduos em adubo, devolvendo nutrientes à terra, reduzindo o volume de lixo enviado aos aterros sanitários e diminuindo a emissão de metano”, explicou a pesquisadora e coordenadora do Projeto de Compostagem da Empresa Paraibana de Abastecimento e Serviços Agrícolas (Empasa), Silvana Alves.

Os benefícios da atividade são inúmeros. Além dos citados pela pesquisadora, também atua no combate às mudanças climáticas, na melhoria da qualidade do solo, bem como trabalha o conceito de economia circular.

A professora Elisângela Rocha, coordenadora da Comissão de Gestão Ambiental (CGA), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), concorda que a prática traz diversas vantagens. “Utilizamos recursos da natureza, como frutas e legumes, e devolvemos para ela os nutrientes. Isso é circularidade. Eu estou contribuindo com o meio ambiente, devolvendo para ele o que eu tirei. O que eu não posso mais utilizar, eu tento transformar, reaproveitar, reciclar, eu transformo em um outro produto, uma nova matéria-prima, para não extrair mais ainda do ambiente”, afirmou.

Além da questão ambiental, a compostagem também possui impactos sociais e econômicos, já que é possível agregar valor aos resíduos orgânicos e comercializar o resultado desse processo.

É o caso do agricultor Jasper Ferreira, de 36 anos, que possui um sítio com sua esposa, em Jacarapé, na Zona Sul da capital, e utiliza técnicas de compostagem há cerca de 15 anos. Para ele, a prática contribui tanto de maneira coletiva quanto individual. “Uma das práticas que realizamos é a política de compostagem, aproveitando todo o resíduo orgânico gerado no sítio e nas feiras de que participamos. O composto que produzimos é utilizado nos canteiros como adubo, fechando ciclos e integrando processos naturais. Com isso, consegui-



Fotos: Silvana Alves/Arquivo pessoal



A compostagem também possui impactos sociais e econômicos, ao agregar valor aos resíduos e comercializar o resultado desse processo

mos reduzir nossa demanda por serviços públicos de limpeza e evitamos que esses resíduos sejam enviados para o aterro sanitário. Além disso, essa prática diminui nossos custos com adubação e reduz também os gastos da prefeitura”, pontuou.

O agricultor ainda acrescentou que, no sítio, além da compostagem do que sobra das feiras, ele já realizou o processo com fezes humanas. Trata-se do chamado “banheiro seco”, sistema que não utiliza água para descarga. Os dejetos são cobertos com serragem ou folhas e passam pelo processo normal de compostagem, transformando-os em adubo orgânico. “Essa tecnologia é bastante interessante em diversos contextos, principalmente para regiões onde ocorre grande estresse hídrico ou em locais com dificuldades de tubulação, onde o lençol freático é muito raso para uma fossa, por exemplo”. Jasper ressaltou, porém, que utiliza esse tipo de adubo apenas em árvores frutíferas, e não em hortaliças ou plantas de ciclo curto.

Materiais

Os materiais mais utilizados, segundo a coordenadora da Empasa, são restos de alimentos, como frutas e verduras, cascas de ovos, pó de café (com o filtro), sachês de chá, aparas de grama, grãos, bagaço de cana-de-açúcar, folhas secas, papelão e serragem.

O cuidado deve estar em não utilizar alimentos gordurosos, que podem impermeabilizar o composto

e dificultar sua degradação. Restos de carnes, laticínios, frutas cítricas em excesso também não são recomendados.

É possível realizar compostagem em qualquer lugar, inclusive em apartamentos. “É um método simples. Eu mesma armazeno o meu material orgânico em casa, em um recipiente. Você vai depositando os resíduos neste local e vai revolvendo diariamente para oxigenar”, explicou Elisângela Rocha. Ela ainda destaca que, por ser um processo natural, não há uso de produtos químicos. A professora também recomenda diversificar os resíduos utilizados, pois isso acelera o processo de decomposição. “Eu convido todos a fazer a compostagem ca-

seira. Aqui, na universidade, temos a nossa, todos os órgãos que produzem resíduos deveriam investir e produzir o seu próprio composto”, afirmou.

Experiências

A Comissão de Gestão Ambiental da UFPB assessora o gabinete da reitoria nas ações de gestão e sustentabilidade ambiental nos quatro campi da instituição. No Campus I, em João Pessoa, a comissão mantém uma compostagem voltada exclusivamente para sobras de podas de árvores. “Estamos dentro da mata, então precisamos estar podando as árvores para que elas cresçam bem. Por isso, sempre temos materiais como galhos e folhas”, explicou Elisângela.

A professora detalha a diferença entre esse tipo de compostagem e aquela feita com restos de alimentos. “Folhas e galhos são resíduos mais resistentes, então demandam mais tempo. Aqui, na universidade, temos 12 composteiras e o resultado pode ser utilizado em pomares, hortas, jardins. Ele pode ser usado diretamente ou misturado com outro tipo de terra. Mas ele está pronto para ser utilizado em qualquer ambiente, do vaso de planta da sua casa até grandes hortas”, comentou.

A própria universidade utiliza o adubo no plantio de canteiros, jardins e áreas verdes do campus. Além disso, a comunidade externa, tanto pessoas físicas quanto jurídicas, também podem adquirir o material gratuitamente. Basta acessar a página da CGA e preencher o formulário.

No início deste mês, de 3 a 9 de maio, foi celebrada a Semana Internacional da Reciclagem. A CGA aderiu à campanha promovendo ações de conscientização ambiental. “Entregamos nosso adubo para a comunidade externa e para todos os centros de ensino



Foto: Arquivo pessoal

**Decompor
matéria orgânica
transforma
resíduos
em adubo,
devolvendo
nutrientes
à terra**

Silvana Alves



Use o QR Code para acessar a lista

para fazer a sensibilização e educação ambiental. Realizamos também a entrega na feira Ecovárzea, distribuindo o composto para os agricultores e visitantes”, comentou Elisângela.

Empasa

A Empasa também oferece esse serviço gratuitamente à população. A doação de adubo é destinada a



Fotos: Jasper Ferreira/Arquivo pessoal

Prática diminui custos com adubação e reduz também os gastos com limpeza da prefeitura

hortas, assentamentos, associações e organizações não governamentais, mediante solicitação por ofício.

Um dos destaques da empresa é a compostagem de laranja. De acordo com Silvana, na Central de Abastecimento de João Pessoa (Ceasa-JP), a fruta é o principal produto gerador de resíduos orgânicos. Diante da necessidade de promover a destinação ambientalmente adequada desses resíduos e incentivar a transformação da matéria orgânica em insumo sustentável, a empresa iniciou uma pesquisa, em 2023, em parceria com a UFPB, por meio do Departamento de Engenharia Civil e Ambiental.

O composto orgânico foi produzido a partir de resíduos de laranja combinados com palha de capim-braquiária. O estudo foi desenvolvido em duas etapas, contemplando os períodos de verão e inverno, com o objetivo de avaliar o comportamento do processo de compostagem em diferentes condições climáticas. Foram aplicados dois tratamentos experimentais, sendo o segundo enriquecido com um acelerador natural à base de melão de cana-de-açúcar e extrato de levedura.

Atualmente, o composto obtido encontra-se em fase de testes na produção de algodão orgânico, apresentando resultados promissores. Além disso, estão previstos novos testes na produção de hortaliças no segundo semestre, ampliando as possibilidades de aplicação agrícola do composto e fortalecendo práticas sustentáveis de reaproveitamento de resíduos orgânicos. Para Silvana, a pesquisa desenvolvida na Ceasa-JP demonstra o potencial da compostagem como alternativa sustentável para o gerenciamento de resíduos orgânicos.

FOCO NA COPA

Brasil enfrenta Panamá em despedida da torcida

Penúltimo teste da Canarinho antes de a competição mundial começar será realizado no Maracanã

Da Redação

O Brasil enfrenta o Panamá, hoje, às 18h30, no Maracanã, no último amistoso antes da viagem para os Estados Unidos, onde Carlo Ancelotti e seus comandados continuam a preparação para a Copa do Mundo. O confronto será transmitido pela TV Globo, SporTV, ge tv e Globoplay. A estreia do time verde-amarelo no Mundial será no dia 13 de junho, contra o Marrocos. No dia 6, a equipe ainda realiza outro amistoso, contra o Egito.

Na primeira semana de preparação, o Brasil esteve na Granja Comary, em Teresópolis (RJ). Casemiro, que será o capitão da Seleção, falou sobre os primeiros trabalhos visando à Copa do Mundo e também sobre o amistoso contra o Panamá, que será num dos grandes palcos do futebol mundial.

“Acho muito importante essa iniciação aqui na granja, essa importância de estar aqui e de transmitir o trabalho que está sendo feito. Acho que esse jogo no Maracanã vai ser uma conexão legal com o povo brasileiro. O Maracanã é uma casa da Seleção Brasileira. Vai ser muito importante essa conexão e essa despedida”, disse.

“É minha terceira [Copa do Mundo], então é claro que eu já passei por muitas coisas. Mas a gente sabe que o futebol tem surpresas, todos os jogos são diferentes um do outro. Claro que já joguei bastantes jogos de Copa do Mundo, já joguei bastantes jogos dessa grandeza, mas a gente sabe que a Copa do Mundo é sempre [decidida] nos detalhes”, disse o atleta de 34 anos quando questionado sobre como vai ajudar, enquanto capitão, durante a preparação e já na competição.

Situação no gol

Weverton, Alisson e Ederson são os goleiros do Brasil para o Mundial de 2026. Eles também estiveram na Copa de 2022. O goleiro do Grêmio, único que atua no futebol local, con-

cedeu entrevista coletiva e falou sobre a concorrência pela titularidade. Apesar de não ter feito parte do ciclo recente da Amarelinha, ele deixou claro que deseja brigar por um lugar entre os 11 iniciais e destacou que a competitividade é saudável para a equipe.

“Todos que estão aqui têm totais condições de jogar e vieram aqui para jogar, ajudar e competir. Essa escolha sempre cabe ao professor, pois ele é quem entende o que é melhor para a Seleção no momento. O Alisson quer jogar, o Ederson quer jogar, e eu quero jogar. Isso é bom e traz uma competitividade muito grande para a Seleção”, frisou.

O goleiro Alisson, principal nome do setor, voltou a ser relacionado para uma partida no seu clube depois de dois meses fora. No último domingo (24), ele foi escalado como titular do Liverpool na partida contra o Brentford, pela última rodada do Campeonato Inglês. O arqueiro não entrava em campo desde 18 de março, quando se machucou em jogo contra o Galatasaray, da Turquia, pela Liga dos Campeões. Alisson deve ser o titular contra o Panamá, vindo de lesão no músculo posterior da coxa direita.

Neymar fora

O médico da Seleção Brasileira, Rodrigo Lasmar, revelou que Neymar foi diagnosticado com uma lesão de grau 2 na panturrilha direita. O tempo de recuperação é de duas a três semanas, e o atacante está fora dos amistosos contra Panamá, hoje, e Egito, no dia 6, e deve perder a estreia

do Brasil na Copa do Mundo, contra o Marrocos, em 13 de junho. A depender da recuperação, existe ainda a possibilidade de corte pelo técnico Carlo Ancelotti.

Pelo regulamento da Copa, uma troca entre os 23 jogadores de linha convocados pode ocorrer por lesão comprovada por laudo até a véspera da estreia. Para o Brasil, a data-limite é 12 de junho. Somente os goleiros podem ser substituídos em qualquer momento da competição em caso de lesão.

Sem Marquinhos, Gabriel Magalhães, Gabriel Martinelli e Neymar, Carlo Ancelotti deve iniciar a partida de hoje com a seguinte equipe: Alisson; Wesley, Bremer, Léo Pereira e Alex Sandro; Casemiro e Bruno Guimarães; Matheus Cunha, Luiz Henrique, Vini Jr e Raphinha.

O Panamá também jogará a Copa do Mundo. Integrante do Grupo L, estreará na competição diante de Gana, no dia 17 de junho, no BMO Field, em Toronto, no Canadá. Inglaterra e Croácia completam sua chave. No último encontro entre o time verde-amarelo e a La Marea Roja, houve um empate em 1 a 1, em 2019.

Preparação nos EUA

Depois do amistoso contra o Panamá, a delegação embarcará amanhã para os Estados Unidos, em voo fretado, com chegada a Nova York prevista para o início da manhã de terça-feira (2). Os trabalhos serão feitos no CT do New York Red Bulls, que será a casa do Brasil durante a Copa. Na primeira fase, a Seleção Brasileira jogará

“

Fico muito feliz de estar participando de tudo isso. É gratificante você demonstrar e ser reconhecido por isso

Matheus Cunha

em New Jersey/Nova York, Filadélfia e Miami. Os adversários serão Marrocos, Haiti e Escócia nos dias 13, 19 e 24 de junho, respectivamente. Todos os confrontos serão no período da noite.

Paraíba na Copa

Outro jogador que falou antes do jogo de hoje foi o paraibano Matheus Cunha. O pessoense vive um momento especial dentro e fora de campo. Na última quarta-feira (27), completou 27 anos, no meio da preparação. Ele deve ser titular tanto no amistoso desta noite como na estreia na Copa. “No futebol, assim como na vida, faz parte passar por um momento de dificuldade e superar. Depois de tudo que passei, ter meu nome na lista... chegar no dia do meu aniversário... acho que é o destino. Fico muito feliz de estar participando de tudo isso”, destacou.

“É gratificante você poder demonstrar e ser reconhecido por isso. Chegar em uma posição que você está mais habituado durante o ano te dá mais confiança. Estando aqui, meu sonho é 100% participar. O que ele [Ancelotti] precisar de mim, eu vou tentar fazer o melhor possível”, completou.

Histórico

O duelo mais recente entre Brasil e Panamá aconteceu em 2019 e foi finalizado sob o placar de 1 a 1, no Estádio do Dragão, em Portugal

Preparação técnica da Seleção começou na semana passada, na Granja Comary



SÉRIE D

Carcará busca confirmar classificação

Se empatar, hoje, diante do Retrô, no Amigão, Serra Branca já garante vaga na próxima fase da competição

Danrley Pascoal
danrleypc@gmail.com

O Serra Branca enfrenta, hoje, às 16h30, o Retrô, no Amigão, pela nona rodada do Campeonato Brasileiro Série D. Na terceira posição do Grupo A9, tendo 13 pontos, o Carcará garante a classificação para o mata-mata com o empate. Em oito partidas na competição, o time paraibano tem três vitórias, quatro empates e uma derrota.

O técnico Gerson Gusmão falou em entrevista coletiva sobre a ansiedade para alcançar a classificação, mesmo diante de um cenário em que não precisa ganhar mais nenhum jogo para avançar. “A gente está na expectativa de poder chegar logo à classificação matemática. Estamos bem próximo dela. A gente precisa de mais um ponto para não correr nenhum risco. Temos que fechar esse primeiro objetivo, que é classificar entre os quatro, para depois, na última rodada, a gente ver se consegue alguma colocação ainda melhor”, destacou.

Na mesma entrevista, Gusmão comentou sobre o Retrô. Ainda na segunda rodada, as equipes se enfrentaram e houve um empate em 2 a 2. “É um time que tem uma qualidade muito boa, jogadores acima da média dos que temos na Série D. Talvez por isso tenha encontrado um pouco de dificuldade no início, mas é uma equipe que também está melhorando”, disse.

Ao longo da competição, o time pernambucano demitiu o técnico Jamesson



Foto: Reprodução/Instagram @serrabranca.ec

Elenco do Serra Branca em preparação para enfrentar a equipe pernambucana novamente; o último duelo entre os dois times ficou empatado em 2 a 2

“

A gente está na expectativa de poder chegar logo à classificação matemática. Estamos bem próximos dela

Gerson Gusmão

Andrade e trouxe Roberto Fernandes. Na chegada do novo treinador, a Fênix estava na lanterna do Grupo A9. Agora, é forte candidato na luta por vaga no mata-mata. “Sempre que tem uma troca de comando, há algo diferente. Independentemente disso, nós temos a mesma atenção, a mesma preocupação com o nosso adversário, que também está buscando sua classificação. Acho que vai ser um jogo bom, de duas equipes que buscam chegar

ao mata-mata”, afirmou Gerson Gusmão.

Último encontro

Na segunda rodada, Retrô e Serra Branca duelaram e empataram por 2 a 2 na Arena de Pernambuco. Kadi, de cabeça, abriu o placar para os donos da casa. Na segunda etapa, Marcelo Toscano e Marquinhos viraram a partida e colocaram o Carcará na frente. Nos acréscimos, Ericson acertou grande chute e deixou tudo igual.

Arbitragem

O árbitro principal do confronto é Moisés Estevão de Moura Lima (RN). Os árbitros assistentes são Paulo Ricardo Alves Farias (PB) e Matheus Tcharles Rodrigues Marques (PB). O quarto árbitro é Douglas Magno de Melo Pereira (PB).

Sousa

No Grupo A8, com 10 pontos, a equipe de Washington Luiz tem uma briga intensa com o Central e o Maguary-

PE por vaga no mata-mata. Um dos três times não avançará para a segunda fase. Hoje, às 15h, o Dino visita o Maguary-PE buscando somar pontos fora de casa para decidir a classificação na última rodada, no Marizão, contra o América-RN.

Na atual edição da Série D, o Sousa tem decepcionado o seu torcedor. Após oito jogos na competição, o time sertanejo tem três vitórias, um empate e quatro derrotas. A única vitória como visitante foi con-

tra o Laguna-RN, lanterna da chave. Depois de oito rodadas, ABC e América-RN já estão classificados. Os dois clubes do Rio Grande do Norte brigam pela liderança da chave.

O árbitro principal do duelo entre Maguary-PE e Sousa é Wagner Francisco Silva Souza (BA). Os árbitros assistentes são Ricardo Jorge Nunes dos Santos Júnior (PE) e José Romão da Silva Neto (PE). O quarto árbitro é Michelangelo Martins de Almeida Júnior (PE).

NA VILA OLÍMPICA

Modalidade de orientação estreia nos Jogos Escolares da PB

Pedro Alves
pedroalvesjpp@yahoo.com.br

Uma novidade na etapa de João Pessoa dos Jogos Escolares e Paraescolares da Paraíba acontecerá na manhã de hoje, nas dependências da Vila Olímpica Parahyba, no Bairro dos Estados, em João Pessoa. É a competição de corrida de orientação, modalidade que foi inserida no evento, em fase experimental. A partir dos próximos, o esporte deve ser inserido definitivamente no calendário oficial dos Jogos, na categoria que agrega alunos dos 12 aos 17 anos.

A competição vai ocorrer dentro da Vila Olímpica Parahyba, com um percurso que será montado no local, especialmente para a competição. Será uma espécie de pista labirinto, com informações para que os atletas consigam sair dele no menor tempo. O clube que vai auxiliar na organização da competição de hoje é o Clube de Orientação do Extremo Leste.

“O Governo do Estado vem buscando sempre ampliar e melhorar os seus Jogos Escolares e Paraescolares. E, para esse ano, aqui na etapa de João Pessoa, a

corrida de orientação, que vem sendo bastante praticada, não só na capital, como nos outros estados brasileiros, foi inserida de forma experimental”, frisou o professor Antônio Fernando, o Mineiro, coordenador-geral dos Jogos.

O presidente da Federação de Orientação da Paraíba (FOP), Petley de Medeiros Arruda, falou da importância dessa estreia da modalidade na principal competição em nível escolar do estado, levando o esporte para perto de quem pode ser a renovação da prática.

“Muitas crianças e ado-

lescentes, principalmente filhos de atletas, já participam da modalidade e têm disputado etapas do Paraibano. Alguns vão acompanhados e outros já conseguem orientar sozinhos. É uma iniciativa importante para a modalidade [integrar os Jogos Escolares]. Serão quatro percursos, para as categorias Infantil Masculino e Feminino e Juvenil Masculino e Feminino”, explicou Petley.

A corrida de orientação surgiu em 1912, nos países nórdicos. A modalidade chegou ao Brasil em 1970 e passou a ser mais conhecida na área da educação física a

partir de 1974, quando a Escola de Educação Física do Exército a incluiu em seu currículo.

O objetivo desse esporte é passar pelos pontos de controle de um terreno no menor tempo possível, com auxílio apenas de um mapa e uma bússola.

“A leitura do mapa é essencial para os praticantes da modalidade, pois nele diversas simbologias dizem, entre outros, a rota a ser traçada e os obstáculos do caminho. Aproveito a oportunidade para agradecer ao Governo do Estado por abrir esse espaço para corri-

da de orientação, que é considerada também uma ferramenta educativa”, disse Luiz Roberto Paiva, um dos representantes da modalidade nos Jogos Escolares.

■ A modalidade surgiu em 1912, nos países nórdicos, e chegou ao Brasil em 1970

NBB

Franca e Pinheiros duelam por título

Equipes paulistas fazem, hoje, primeiro jogo da série que definirá o campeão da atual edição da competição

A grande decisão do Novo Basquete Brasil (NBB) 2025-2026 começa hoje. Sesi Franca e Pinheiros (respectivamente, primeiro e segundo melhores times da fase regular) disputarão o título da principal competição do basquete nacional. De um lado, o tetracampeão em busca do inédito pentacampeonato consecutivo. Do outro, um dos clubes mais tradicionais do país quer fazer história em sua estreia nas finais e foi uma das grandes sensações da temporada, ao apostar em jovens promessas, intensidade física e ritmo acelerado para se consolidar entre os protagonistas da competição.

Para chegar até o último estágio da temporada, os francanos eliminaram Botafogo (3 a 0), Mogi Basquete (3 a 2) e Caixa/Brasília (3 a 2). Já o time da capital paulista despachou Rio

Claro (3 a 0), Paulistano (3 a 0) e Corinthians (3 a 1). O embate entre ambos colocará frente a frente experiência e juventude. Afinal, os atuais tetracampeões contam com atletas consolidados, com passagens pela Seleção Brasileira e experiência internacional, como Georjinho, Lucas Dias, Rafael Mineiro e Cristiano Felício. Enquanto isso, a equipe dos Jardins foi uma das grandes sensações da atual edição, ao apostar na intensidade física de jovens promessas, como Pedro Pastre, Cauã Pacheco, Felipe Gre-gate e Yan Djalo.

O confronto também reúne dois treinadores de currículos vitoriosos. Helinho Garcia, técnico mais vitorioso do NBB, ao lado de José Neto, que tentará seu quinto troféu para se isolar como maior vencedor do torneio. Por sua vez, Gus-

tavinho De Conti, eleito o melhor treinador da temporada 2025-2026, é dono de três títulos da competição (um com o Paulistano e dois com o Flamengo). Ou seja: a conquista inédita com o Pinheiros o deixaria no mesmo patamar de seu adversário.

Assim como as etapas anteriores dos *play-offs*, o confronto será decidido em série melhor de cinco jogos. Por ter encerrado a fase de

classificação na liderança, o Sesi Franca terá a vantagem do mando de quadra. Sendo assim, receberá, no Ginásio Pedrocão, os jogos 1, 4 e 5. Já o Pinheiros fará os jogos 2 e 3 em uma casa nova: o Ginásio do Ibirapuera, em São Paulo. O Ginásio Henrique Villaboim, onde geralmente a equipe manda os jogos, não atende aos requisitos definidos em regulamento para receber a decisão.

CALENDÁRIO DA FINAL

Sesi Franca x Pinheiro

■ Jogo 1 — hoje — 11h — Pedrocão

■ Jogo 2 — 2/6 (terça-feira) — 20h — Ginásio do Ibirapuera

■ Jogo 3 — 4/6 (quinta-feira) — 17h — Ginásio do Ibirapuera

■ Jogo 4 (se necessário) — 7/6 (domingo) — 17h — Pedrocão

■ Jogo 5 (se necessário) — 9/6 (terça-feira) — 19h30 — Pedrocão



Foto: Marcos Limonti/Relance/SFB

O Sesi Franca chegou à quinta final consecutiva do torneio após bater o Caixa/Brasília Basquete na semifinal

LOS ANGELES 2028

Comitê anuncia datas dos Jogos Paralímpicos

O Comitê Organizador dos Jogos Paralímpicos de Los Angeles 2028 anunciou, na última quarta-feira (27), o calendário oficial de competições da próxima edição do megaevento, que será realizada de 13 a 27 de agosto de 2028. A programação completa, com datas e locais das provas, já está disponível, mas poderá sofrer ajustes até o encerramento dos Jogos.

A cerimônia oficial de abertura está marcada para o dia 15 de agosto de 2028, uma terça-feira, e as primeiras medalhas serão disputadas no dia seguinte, 16 de agosto. As primeiras finais são no atletismo, ciclismo de estrada, hipismo, *taekwondo* e basquete em cadeira de rodas.

Pela primeira vez na história da competição, algumas modalidades terão início antes da cerimônia de abertura: as disputas de rúgbi em cadeira de rodas começam no domingo (13), enquanto a bocha terá início na

segunda-feira (14).

O sábado, 26 de agosto, promete ser um dos dias mais intensos da competição, com 15 sessões decisivas e a definição de campeões paralímpicos em metade das moda-

lidades do programa. Mais de 50 medalhas de ouro serão distribuídas em esportes como tiro com arco, *badminton*, canoagem, escalada, ciclismo de estrada, judô, halterofilismo, natação, tênis de

mesa, vôlei sentado, basquete em cadeira de rodas e tênis em cadeira de rodas.

A cerimônia de encerramento está programada para 27 de agosto, domingo. Ainda assim, o último dia contará com disputas por medalhas no futebol de cegos, atletismo, *badminton*, escalada, halterofilismo, vôlei sentado e basquete em cadeira de rodas.

Os ingressos para os Jogos Paralímpicos de Los Angeles 2028 estarão disponíveis a partir de 2027, com comercialização pelas plataformas AXS e Eventim.

Na edição de Paris 2024, o Brasil alcançou sua melhor campanha da história em Jogos Paralímpicos, somando 88 medalhas: 25 de ouro, 25 de prata e 38 de bronze. O desempenho superou os resultados obtidos em Tóquio 2020 e Rio 2016, quando o país conquistou 72 pódios, além de ultrapassar a marca de 22 ouros registrada no Japão.



Foto: Silvio Avila/CPB

Silvana Fernandes, da PB, é medalhista paralímpica

Pedro Alves

pedroalvesjp@yahoo.com.br

Envolvimento diferente

É tempo de Copa. Ou quase isso. O que eu sei é que já estou completamente envolvido com o evento mais fantástico do futebol, que reúne, visceralmente, nações, povos, culturas, equívocos, virtudes, alegrias e tristezas. Não tem jeito. É mesmo o futebol o maior simulacro da existência. Em Copa, isso ainda é mais latente para mim, com a reunião de todo tipo de ser humano em volta de um jogo de bola.

Como disse, eu já estou completamente envolvido. Mesmo que ainda abalado com a convocação, que julgo ser absurda, do ex-craque Neymar pelo nosso escrete. Mas se abalar também é se envolver. E meu envolvimento não é apenas melancólico. É também diferente e eu ensino para vocês, parafraseando a filósofa contemporânea, cantora, compositora e figura aparentemente maravilhosa, MC Loma.

É que estou envolvido também pelo lado bom. Pelos jogos. Pelos debates na redação, nos grupos de WhatsApp formado por especialistas de todos os tempos da última semana em matéria de Copa. De gente que quase não vê futebol, não acompanha os jogadores, os clubes e sabem de tudo. Isso é maravilhoso! Não vejo a hora de assistir a um Coreia do Sul x República Tcheca. Os jogos bons, como Espanha x Uruguai, e os outros tantos que vierem no mata-mata. Já estou ansioso pelas partidas do meu Brasil. De testemunhar o inédito Grupo da Vida da Copa, com Canadá, Bósnia, Catar e Suíça. Se o Grupo da Morte reúne muitas equipes boas na mesma chave, o sodalício de times ruins há de ser o Grupo da Vida.

Estou ansioso pelas histórias que virão. As tragédias. Os dramas. As piadas. As alegrias. Os cortes de Neymar. Que acho que não virão. Seja o corte da lista, seja um corte magistral diante dos adversários, driblando, jogando bem. Estou ansioso pelo hexa, que eu também acho que não virá. Pelas despedidas, que tanto odeio. Será a última Copa do Mundo de tantos bons jogadores do presente ou do passado, como o próprio Neymar. O derradeiro Mundial de muitos que ainda devem render bem no torneio, como Messi, CR7, Modric, Neuer, Kanté. Um adeus a craques que nos fazem amar este jogo simples e complexo. Não demora e estarei com amigos, amores, malucos, supostos entendedores de futebol, convictos de que tudo sabem e que nada entendem se iludindo, nem que seja por 90 minutos, que o Brasil vai ter alguma chance de ser campeão. E vai ter samba, choro, vela, e fita amarela.

Vai ter ainda o momento de voltar a amar uma França que a gente odeia. Amar porque o time comandado tecnicamente por Dembélé e Mbappé é realmente maravilhoso de assistir. Eu não torço. Mas que vou querer ver a equipe de Didier Deschamps, eu vou. E anseio por me envolver com o melhor futebol de seleção que alia qualidades física e técnica. Vou rimar amor e dor porque os caras são nossos algozes sempre em Copa do Mundo: 1986, 1998 e 2006. E eu não aguento mais. Espero que percam tudo. E que joguem o que sabem para eu lembrar que o futebol bem jogado é lindo, independente de quem o jogue. Se ganharem, azar meu. Sorte da Copa.

Já quero ver a Espanha entrar em campo. Uma Espanha, novamente, extremamente catalã e pouco madrilenha. Ou madrilista. Aliás, nada madrilenha ou madrilista. Pela primeira vez na história, a equipe da terra de Isaac Albéniz, autor de uma das mais belas composições musicais da vida — ouça Asturias (*Leyenda*), caro leitor — vai jogar a música sem nenhum jogador do Real Madrid. Disse certa vez, após o título espanhol da Copa de 2010, a primeira conquista ibérica no Mundial, o polêmico e fascinante figura, o ex-atacante francês, Eric Cantona, que não foi a Espanha que foi campeã, mas, sim, o Barcelona.

De fato, aquele timaço contava com o auge do futebol "guardioliano" de seus melhores discípulos. Xavi, Iniesta, Busquets, Pedro, Villa, Piqué e Puyol integravam aquele grande times espanhol que, pela primeira vez, conquistava a África de um modo decente. A leitura, um tanto irônica, porém verossímil, de Cantona, no entanto, ignorava a ajuda do futebol da capital espanhola. Sérgio Ramos era um dos defensores. O goleiro da equipe era Iker Casillas. Um pequeno grande goleiro. Ambos do Real Madrid.

São tantas as histórias que já começaram a ser escritas. E muitas estão por vir. Quero ler todas, ver tudo, acompanhar cada página de mais um Mundial de bola. Conhecer culturas, erros e acertos, do jogo, dos seres do mundo. A Copa do Mundo já começou. E eu estou aqui, no meu lugar no mundo, prestes a viajar todos os dias para conhecer o planeta. O futebol, a Copa, como os livros, nos transportam para qualquer lugar.

SÉRIE A

Cinco partidas encerram 18ª rodada hoje

Destaque é o jogo entre Palmeiras e Chapecoense, respectivos líder e lanterna

Da Redação

A 18ª rodada do Brasileirão, a última antes da paralisação para a Copa do Mundo, terá continuidade hoje, com cinco partidas programadas. Às 11h, o Bragantino duelará com o Internacional; às 16h, o Vasco enfrentará o Atlético-MG, enquanto o Palmeiras encarará a Chapecoense; já às 20h30, o Remo encontrará o São Paulo, no mesmo horário de Cruzeiro x Fluminense.

Bragantino x Internacional

O Bragantino iniciou a rodada na quinta colocação, com 26 pontos em 17 jogos e saldo positivo de quatro gols. O Massa Bruta vive bom momento na temporada e vem de vitória por 3 a 0 sobre o Vasco, em São Januário, com gols de Rodriguinho, Isidro Pitta e Fernando. Além da campanha nacional, o time também avançou aos *play-offs* da Copa Sul-Americana, ao derrotar o Carabobo por 2 a 0.

Já o Internacional iniciou a rodada na 13ª posição, com 21 pontos, e chega pressionado pela necessidade de voltar a pontuar. Na rodada passada, foi superado pelo Vitória, por 2 a 0, resultado que encerrou a sequência positiva de sete jogos sem perder, somando cinco vitórias e dois empates, que incluía triunfos sobre Vasco e Fluminense. O jogo de hoje será realizado no Estádio Cícero de Souza Marques e terá transmissão pelo Premiere.

Vasco x Atlético-MG

Após realizar protesto com "público zero", na partida do Vasco contra o Barracas Central, pela Sul-Americana, no meio de se-

mana, a torcida vascaína promete lotar São Januário para o jogo de hoje, contra o Atlético-MG. A transmissão ficará por conta do Premiere.

Apesar de Vasco e Atlético-MG terem iniciado a rodada nas respectivas 16ª e 12ª colocações, eles estão separados na classificação por apenas um ponto. Assim como o Cruzmaltino, o Galo vem de uma derrota no Brasileirão, para o Corinthians, por 1 a 0, o que deixou a equipe três pontos acima da zona de rebaixamento. Pela Sul-Americana, o time mineiro venceu, na última quarta-feira (27), o Puerto Cabello, por 1 a 0, garantindo o primeiro lugar do Grupo B e a passagem direto para a próxima fase.

Palmeiras x Chapecoense

Em situações completamente opostas na temporada, Palmeiras e Chapecoense, respectivos líder e lanterna do Brasileirão, irão a campo hoje, no Nubank Parque, em partida que será transmitida pelo Prime Video.

A equipe mandante acumula 38 pontos em 17 jogos, com 11 vitórias, cinco empates e apenas uma derrota na competição. No último compromisso pelo Campeonato Brasileiro, o Verdão venceu o Flamengo por 3 a 0, fora de casa. Antes disso, empatou com o Cruzeiro por 1 a 1 e com o Remo pelo mesmo placar.

Do outro lado, a Chape vive situação delicada no Brasileirão. Na 20ª colocação, com nove pontos em 16 partidas, tem apenas uma vitória, além de seis empates e nove derrotas. No último jogo pela competição, a equipe perdeu para o Cru-



Atletas do Palmeiras comemoram a vitória diante do Flamengo, que aumentou a vantagem do Verdão na ponta da tabela

zeiro, por 2 a 1, fora de casa. Antes disso, foi derrotada pelo Remo por 3 a 2.

Remo x São Paulo

O confronto no Estádio Mangueirão será transmitido pelo Premiere. O duelo terá o Leão Azul, segundo pior mandante da Série A (melhor apenas que o

lanterna Chapecoense), em busca de uma vitória em casa, algo que não consegue desde a oitava rodada. O São Paulo, por sua vez, tem sua pior sequência na temporada, com oito jogos sem vencer, e ainda buscando o primeiro triunfo no torneio com Dorival Júnior no comando.

Cruzeiro x Fluminense

O jogo no Mineirão (que será transmitido pela Record, CazéTV e Premiere) reunirá duas equipes que chegam em momentos importantes na competição. O Cruzeiro iniciou a rodada na oitava colocação, com 23 pontos em 17 jogos, enquanto o Fluminense ocupava o terceiro lu-

Alerta

Dorival Júnior, que assumiu o comando do São Paulo no último dia 15, ainda não conseguiu levar o Tricolor à vitória na competição



Na rodada mais recente da competição, o Cruzeiro derrotou a Chapecoense por 2 a 1, com gols de Kaio Jorge e de Luis Sinisterra, no Estádio Mineirão

gar, com 30 pontos em 17 partidas.

O time celeste vem de sequência de seis jogos sem perder na temporada. No Brasileirão, soma seis vitórias, cinco empates e seis derrotas. Na rodada anterior, venceu a Chapecoense por 2 a 1, no Mineirão. Antes disso, empatou com o Palmeiras por 1 a 1, fora de casa.

O Tricolor das Laranjeiras chegará ao Mineirão buscando a vice-liderança. A equipe soma nove vitórias, três empates e cinco derrotas em 17 partidas na Série A. Na 17ª rodada, o time carioca perdeu para o Mirassol por 1 a 0, fora de casa. Antes disso, venceu o São Paulo por 2 a 1 pelo Campeonato Brasileiro e também superou o Bolívar por 2 a 1 pela Libertadores.

Foto: Roberto Guedes



Forró tradicional luta para ser considerado Patrimônio Imaterial da Humanidade

Forró forte, sim senhor!

Na esteira da abertura dos festejos juninos, veja algumas iniciativas que a Paraíba realiza para manter acesa a chama da tradição

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Para além das disputas em torno das festas juninas, Paraíba e Pernambuco também disputam o título dos maiores celeiros de forró do país. Segundo Joana Alves, pesquisadora e ativista na preservação dessa expressão artística considerada Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil, a ligação da Paraíba com o forró é muito forte.

“Nós temos a maior parte dos foles de oito baixos aqui no interior do estado, como a Família Calixto. A gente catalogou e documentou, com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), mais de 100 folistas na Paraíba. Temos muitos artistas de forró aqui, que não são necessariamente forrozeiros, mas que trabalham, na maior parte do tempo, com forró”, relata Alves, que também é presidente da Associação Cultural Balaio Nordeste (ACBN), ONG que desenvolve projetos para fortalecer o ritmo.

Apesar de ter sido criada ouvindo forró e tendo Luiz Gonzaga como referência musical, Joana Alves só despertou para importância dessa expressão popular nordestina depois que a filha, que era professora de música, começou a trabalhar com o ritmo no grupo As Bastianas, e percebeu a necessidade do registro e da preservação. Fundaram a ONG, sediada em João Pessoa, onde desenvolvem vários projetos, dentre os quais a Escola de Música Mestre Dominginhos, que dispõe de cinco professores para ensinar fole de baixo, sanfona, percussão e também canto coral.

“A escola de música atende cerca de 60 alunos e está tendo uma grande importância para o fortalecimento da cadeia produtiva do forró. Quando a gente começou, não tinha o curso de acordeão na universidade. Hoje, temos uma parceria e capacitamos os alunos para fazer as provas para a universidade; depois, eles voltam como professores para trabalhar com a gente ou estão por aí, tocando forró. Temos aque-

les que buscam por entretenimento, só para treinar e se aperfeiçoar em algum instrumento”, explica.

O tempo médio de curso é de dois anos. As ações envolvem, ainda, oficinas, palestras e debates em escolas públicas de cidades paraibanas como Mangueira, Alagoa Grande e Conde. A ideia do projeto é também dar suporte aos artistas em formação para o ingresso no mercado musical, orientando sobre o registro de composições, auxiliando a fazer um portfólio ou na divulgação nas redes e na imprensa.

Outra frente de atuação da ativista tem sido o Fórum Nacional Forró de Raiz, espaço de diálogo e mobilização que tem revelado o protagonismo paraibano para a preservação das tradições do forró. “Todo o movimento do fórum nasceu aqui, na Paraíba. Primeiro, no município, depois se estendeu para o estado, até que a gente viu que precisava ir mais além. Já fizemos reuniões até fora do país, em Londres, na França e em Portugal. Hoje, estamos reunidos com nove coordenadores, que representam os estados do Nordeste, e mais outros estados que se agregaram — que são Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília e Goiás — todos trabalhando com o forró juntamente com a Instituição Balaio do Nordeste”, destaca.

Foi graças ao esforço do fórum levado adiante por Joana Alves que o forró foi reconhecido, há cinco anos, como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil pelo Iphan. A empreitada agora tem sido a campanha para que o forró tradicional seja considerado Patrimônio Imaterial da Humanidade. Para isso, ela recolheu assinaturas, tanto no Brasil como no exterior, que foram integradas ao dossiê de candidatura, encaminhado, em março deste ano, pelos órgãos brasileiros à Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco).

Um dos principais pontos para pleitear isso é que, apesar

do ritmo ser mais lembrado por ocasião das festas juninas, ele costuma ser consumido em outros períodos ao longo do ano. Joana ressalta que, enquanto no Brasil a música tem sido mais forte, no exterior é a que conquista, ao menos, 35 países estrangeiros. Na visão da pesquisadora, todo esse movimento afasta de vez o risco do forró tradicional desaparecer, ainda que se perceba uma tendência a outros ritmos derivados dele.

“Ele pode ficar misturado, mas desaparecer, jamais. Ele pode sair dos palcos, porque alguns gestores, produtores e patrocinadores não possuem o entendimento do que é preservação e estão colocando tudo dentro das festas. Aí, corre o risco do forró ficar na periferia, voltar às casas e palhoças, como era antigamente. Quem gosta dessa música nordestina, que é uma música belíssima, não vai deixá-la morrer”, insiste Joana Alves, que defende ações institucionais, pela via legislativa ou judiciária, para que as tradições não sejam deixadas de lado.

Fazer com que o forró tradicional esteja permanente acessível aos paraibanos e aos turistas é outra proposta defendida pela presidente da Balaio do Nordeste. O projeto é que cada estado do Nordeste tenha um centro cultural do forró, uma espécie de casa patrimonial voltada à preservação da história, com exposições, produção de pesquisa, escolas de música e dança.

“Porque deixar de dar visibilidade ao produto da sua casa, um produto vendável e que tem trazido muitas empresas para o país, e trazer um produto de fora para substituir? Por que se pega um milhão de reais para trazer um artista de fora e se paga 500 reais para um artista daqui, com as mesmas funções e tempo de trabalho?”, questiona. “Essa é uma questão de consciência político-social, por isso precisamos de uma lei que trate de maneira honesta quem trabalha com forró”, conclui.

Nos passos do ritmo

Para valorizar e difundir a cultura popular nordestina e promover a integração da comunidade acadêmica, a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) está promovendo um curso gratuito de forró. O professor e coreógrafo Eduardo Moura explica que, por enquanto, a iniciativa procurou atender a professores, alunos e técnicos universitários, mas a ideia é expandir, permitindo a participação da comunidade em geral.

Depois de viajar por diversos estados do Nordeste e conhecer diferentes modos de dançar forró, Moura afirma que, na Paraíba, o passo é mais batido. “Todo forró tem uma conexão com a terra, com o chão, mas aqui esse sentir o pé no chão é mais forte. Ele está ligado às músicas tradicionais, como o xote e o pé de serra, é mais agarradinho e não tem muitos giros nem floreios, que são aquelas brincadeiras com as pernas”, descreve.

O coreógrafo destaca alguns benefícios da dança tanto para a saúde do corpo, auxiliando na prevenção de acidentes, quanto da mente, reduzindo a timidez e contribuindo para o autoconhecimento. O curso começa mostrando o forró tradicional, a partir de músicas interpretadas por Elba Ramalho e Santana, por exemplo, mas ensina também outras variantes do ritmo, como o chamado forró estilizado, mais performático e com elementos como o giro, baseados em ritmos como a salsa e o jazz, e o forró universitário, versão que ganhou popularidade no Sudeste do país.

Apesar dos alunos chegarem buscando esses estilos mais recentes, depois de algumas semanas o professor percebe a mudança. “As pessoas entram para aprender a girar, e a gente oferece o que elas querem, mas ao longo das aulas acontece uma conversão. Eles começam a perceber que o retorno ao abraço é fundamental e pedem para dançar mais agarradinho, então eles voltam à raiz. A base do forró é o abraço e sem ele, sem essa conexão, não funciona”, frisa Moura.

Foto: Reprodução/ACBN



1º de junho é Dia Estadual do Forró; nacionalmente, o ritmo é festejado em 13 de dezembro (nascimento de Gonzaga)

Foto: Reprodução/Coex/Proex



Curso gratuito de forró na Universidade Federal da Paraíba (UFPB): a base da dança em questão é o abraço

Foto: Reprodução/ACBN



Orquestra Sanfônica Balaio Nordeste é um dos projetos da Associação Cultural Balaio Nordeste (ACBN)

Paraibano era um mestre em decifrar enigmas

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Peregrino e multifacetado. Estas poderiam ser as primeiras palavras evocadas para se falar do Euclides Vilar — fotógrafo, cineasta, farmacêutico colaborador da imprensa e também editor de almanaques. Uma delas, no entanto, não pode ser deixada de lado: era mestre em decifrar enigmas e construir charadas, destacando-se no cenário nacional e internacional. Com sua criatividade em torno de diferentes linguagens artísticas, entre imagens, rimas e números, deixou significativa contribuição para a vida cultural campinense e paraibana.

Euclides Vilar de Azevedo nasceu em Taperoá, no Cariri paraibano, em 8 de maio de 1893. O filho de Cícero Azevedo Silva e Maria Vilar Correia de Lima pode ser considerado um andarilho, transitando entre cidades da Paraíba e de Pernambuco. Segundo o pesquisador Paulo Matias de Figueiredo Júnior, Euclides chegou a Campina Grande por volta de 1920, mas já registrava passagens pela cidade, como em 1916, quando se casou com a professora Apolônia Souto, união da qual nasceram três filhos, mas somente um deles sobreviveu, Ermani Vilar.

“Papai era meio cigano, tantos foram os lugares que ele morou. Em 1928, ele transferiu-se para o Recife; no ano seguinte, mudou-se para Floresta dos Leões, atual cidade de Capina; depois teve em Garanhuns, até que, em 1931, volta para Campina Grande e compra o Foto de Seu João Dias”, relatou Ermani, em entrevista ao jornalista Fernando Nóbrega, cedidos ao pesquisador.

Euclides Vilar tinha a facilidade de mudar tanto de cidade quanto de profissão. Foi farmacêutico, habilidade para a qual havia se formado e, a partir da qual, teria

se encontrado com a fotografia, como infere Paulo Matias, já que a atividade exigia uso de substâncias químicas. Na cidade de Bonito (PE), foi proprietário do Cinema Brazil, que depois se tornaria itinerante, com exibições inclusive em Caicó (RN), e colaborou em publicações de anuários como o *Almanaque luso-brasileiro*, *Almanaque das senhoras* e *Almanaque de Pernambuco*, utilizando-se do pseudônimo Romeu do Prado. Ainda em Pernambuco, atuou na imprensa, em jornais como *A Evolução*, *O Pharo* e *A Primavera*.

No mercado editorial campinense, empreendeu como editor do *Almanach de Campina Grande para o ano de 1933*, publicado pela Tipografia da Livraria Campinense e com a colaboração de diversos escritores e poetas, a exemplo de Epaminondas Câmara, reconhecido escritor campinense. “O almanaque é pequeno (com 19x13 cm), editado em folhas de papel jornal na maioria do seu conteúdo. Nas primeiras páginas do almanaque, traz um apanhado completo de todas as casas comerciais, indústrias, serviços, centros sociais, religiosos e desportivos, entre outros. O livro traz, ainda, a história e informações importantes do Campinense Clube e do Grêmio Renasença. Esse almanaque é uma verdadeira preciosidade”, comentou Jonatas Rodrigues, pesquisador e Membro do Instituto Histórico de Campina Grande (IHCCG).

A iniciativa contou apenas com uma outra edição, publicada no ano seguinte.

A carta de Vilar dirigida aos leitores, uma espécie de editorial, revela dificuldades financeiras para manutenção da publicação, que saiu tardiamente. Bruno Gaudêncio explica, em sua dissertação de mestrado, que Euclides vivenciou as precárias condições de seu empreendimento intelectual, unindo-se ao amigo comerciante Lebarre para criar a Livraria Vilar, e colocar em circulação o segundo número do almanaque para o ano de 1934, impressas na própria tipografia.

“Esses almanaques são, até hoje, uma fonte importante para conhecer a história de Campina Grande. Essa cultura do almanaque também tem muito a ver com a cultura popular, porque era uma forma impressa de materializar poemas, textos como dicas práticas da vida como plantar e colher, medicação e remédios, plantas usadas para cura, embora o almanaque de Euclides fosse ao mesmo tempo ‘rudito’”, ressalta Bruno Gaudêncio. Ele des-

ta, no entanto, que a iniciativa não logrou êxito como seus empreendedores imaginaram e quase levaram Vilar à falência, voltando-se para a fotografia e a poesia de enigmas.

No campo fotográfico, Paulo Matias considera que, depois de “seu Dias”, Vilar foi o segundo fotógrafo fixo a se instalar em Campina Grande, ainda que tenha exercido o ofício em cidades como Santa Luzia e Taperoá, nas quais registrou a colheita das safras de algodão, misturando técnica à poesia das composições. Nas dé-

cadadas de 1930 e 1940, foi correspondente para a revista *Vida Doméstica* (RJ), em que eram publicadas fotografias de casamentos e casais, assim como de jovens e crianças.

“O tipo de fotografia que mais marcou a produção imagética de E. Vilar (assim assinava as fotos), foi a fotografia de estúdio. Inúmeras foram as senhoritas campinenses e paraibanas, de uma forma geral, clicadas por Euclides, num cenário que só exalava o *glamour* da época. Figuras ilustres das mais diversas camadas sociais também posaram para o fotógrafo. Pouco tempo depois de iniciar suas atividades, o Foto Vilar também ficaria conhecido como o melhor da cidade na produção de fotos para documentos. O que diferenciava o estabelecimento dos demais era o retoque dos negativos, que resultava no ocultamento de falhas físicas comuns na face, como espinhas e cicatrizes”, destacou Paulo Matias.

Nas letras, Euclides destacou-se com um tipo especial de poeta baseado no charadismo. Bruno Gaudêncio explica que esse é um gênero de poesia muito diferente, porque fazia charadas, mas muito popular desde o século 19, no qual se cria um enigma. Vilar tornou-se famoso tanto entre os membros do Circulo Enigmístico Carioca, publicando suas charadas nas revistas do grupo revistas Charadismo e Cruzadismo, além de viajar com frequência para o Rio de Janeiro, onde era homenageado, juntamente com sua mulher, também charadista, pelos amigos.

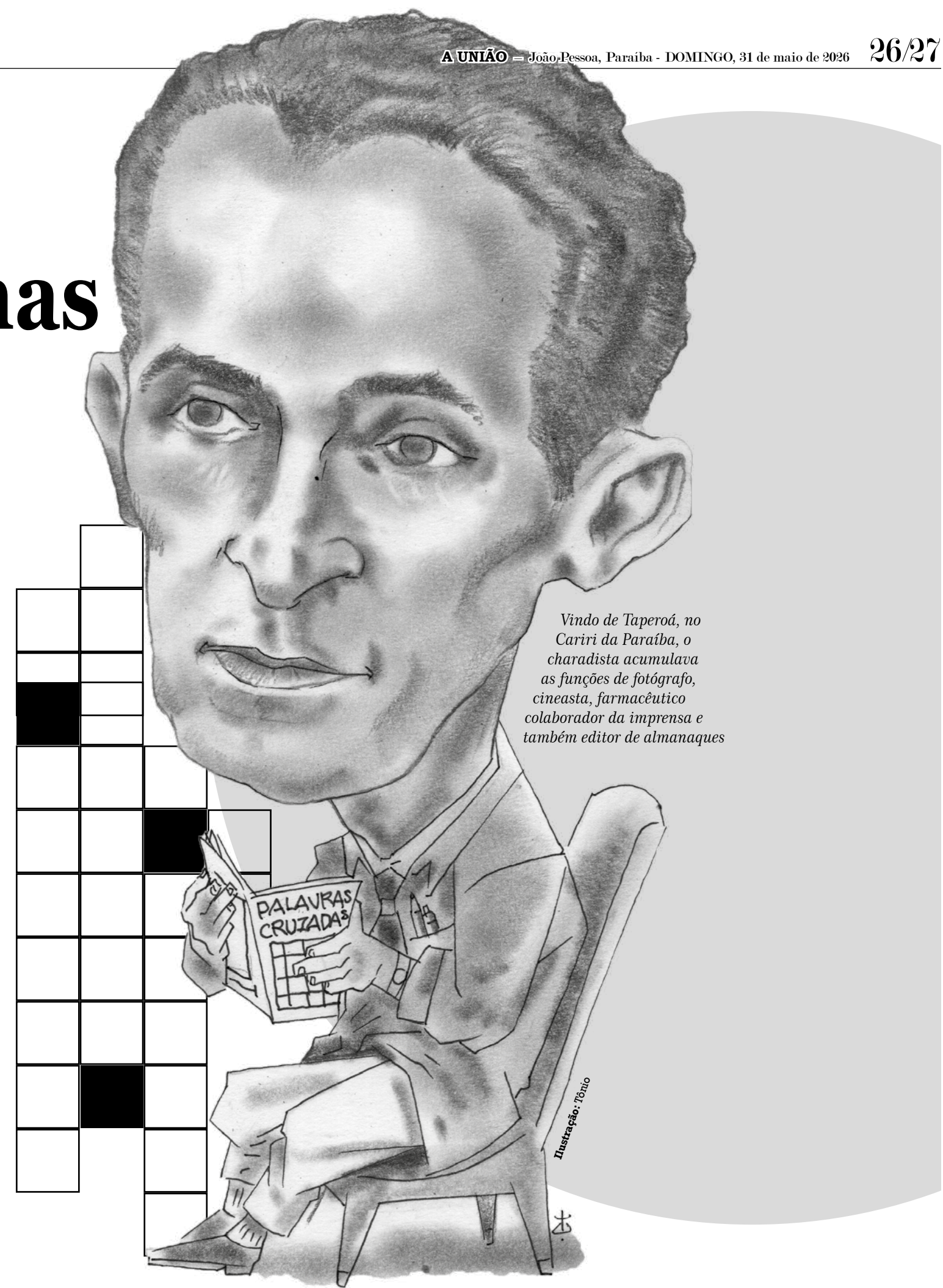
Seus versos-charadas também foram publicados em almanaques como *Sul americano*, do Mensageiro da Fé, e *Eu sei tudo*, além revistas como *Norte charadista* (PE), *Revista Alterosa* (MG), *A cigarra* (SP), *Brasil-enigmista* (RJ), *Eu sei tudo* (RJ) e *O malho* (RJ), revista semanal ilustrada de sátira política, que circulou na primeira metade do século passado. Numa edição des-

Euclides Vilar

ta última, do ano de 1950, o paraibano é apresentado, em uma entrevista, como um dos mais competentes charadistas, tetracampeão em competições enigmísticas. Perguntado sobre a razão do pseudônimo, Romeu, indicou ser “uma Julieta”, referindo-se a esposa com quem dividia a paixão pelos versos. Relatou que, desde a mais tenra idade, o charadismo exercia fascínio sobre ele.

“Que acha estar faltando no charadismo brasileiro para a sua completa finalidade? — Nada falta. Ele realiza a sua finalidade: instrui, diverte e faz amigos. (...) Já experimentou alguma emoção no charadismo? — Sim: nas quatro vezes que fui campeão e quando recebi, no Rio, a decisão do júri que me elegeu ‘ás’ dos compositores de 1948. (...) Acredita na vitória do charadismo sobre qualquer outro gênero de passatempo? — Acredito, porque ele tem a primazia de divertir educando o espírito. Qual o maior proveito que achasse poder tirar na prática do charadismo? — Conquistar a amizade dos bons colegas e desenvolver o raciocínio”, revela a entrevista.

Euclides Vilar faleceu em Campina Grande, em 22 de maio de 1953. Os períodos com os quais colaborava regularmente, manifestaram pesar pela partida do “confrade”, inclusive com poemas-enigmas. O Grêmio Charadístico de João Pessoa (PB), fundado dois meses depois de sua morte, recebeu o nome do “grande enigmista e mavioso poeta paraibano”. Bruno Gaudêncio lembra também que o sobrinho de Euclides, o escritor e dramaturgo Ariano Suassuna, imortalizou o tio em *O romance d'A Pedra do Reino* e o *Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*, onde aparece como fotógrafo responsável por registrar a Pedra do Reino.



Angélica Lúcio

“Pode isso, Arnaldo?”

— Galvão?!
— Diga lá, Tino!

Quem gosta de futebol certamente lembra-se da forma como o jornalista Tino Marcos interagia com o locutor esportivo Galvão Bueno durante as coberturas jornalísticas. A química profissional entre os dois encantava a audiência, inclusive a mim, que não sou muito ligada em esportes.

Atualmente, tanto Galvão Bueno quanto Tino Marcos não integram mais o quadro de funcionários da Rede Globo. Galvão está à frente do programa esportivo *Galvão FC*, exibido nas noites das segundas-feiras, pelo SBT. Para ser mais precisa: na data de hoje, o narrador recupera-se de uma cirurgia na coluna, mas deve voltar logo, logo ao batente para os preparativos da cobertura da Copa do Mundo 2026. Aliás, ele tem viagem marcada para os EUA no dia 7 de junho.

Já Tino Marcos, que deixou a Vênus Platinada há cinco anos e recentemente participou da cerimônia de convocação da Seleção Brasileira para o mundial, estava sem casa profissional. “Estava” — no pretérito perfeito mesmo.

Digo isso porque, após um período sabático, no qual se dedicou mais à família, o jornalista publicou um vídeo no Instagram pedindo emprego. Pouco depois, no mesmo dia, a publicação foi apagada. Em um novo vídeo, que ainda mostra Tino telefonando para amigos em busca de uma oportunidade, revela-se que tudo não passava de uma “pegadinha” para anunciar sua nova contratação. Tino Marcos foi escalado pelo Porta dos Fundos para atuar na cobertura esportiva do mundial. Ele vai



Repórter esportivo Tino Marcos: vídeo publicado no Instagram pedindo emprego era uma “pegadinha” para anunciar sua nova contratação

integrar o programa *Aquele campeonato*, cuja estreia está marcada para 10 de junho.

Repórter esportivo que já cobriu oito Copas do Mundo, Tino Marcos é um dos jornalistas mais conhecidos do Brasil, e não apenas por quem gosta de esportes. Pela quantidade de pessoas que comentaram nas duas publicações — a que simulava o pedido de emprego e a que divulgava sua escalção para o Porta dos Fundos —, dá para perceber o quanto ele é querido pelo público.

A boa nova de Tino Marcos ocorreu poucos dias após uma notícia que deixou muitos os jornalistas sérios deste país tristes, todos

tristes: a contratação da influenciadora digital Virginia Fonseca como “repórter especial” para fazer a cobertura da Copa do Mundo no *Domingão com Huck*, da Globo. A contratação, cujo objetivo é mostrar os bastidores do mundial e curiosidades sobre as sedes dos jogos, é um acinte aos verdadeiros profissionais da Comunicação que atuam ou já atuaram em coberturas do torneio ao longo dos anos.

Repórter, registre-se, é uma das funções principais do campo jornalístico. É quem vai a campo, apura fatos, escuta fontes e personagens, e produz matérias. Virginia, bem, Virginia é aquela moça com milhões de seguidores

nas redes sociais que incentiva as pessoas a apostar no “Tigrinho” e afins. Ah, também é a loira que namorou o jogador negro Vini Jr. e, logo depois do término, postou um vídeo no qual beijava um macaco na boca...

Jornalismo é assunto sério. Mesmo em coberturas de temas mais amenos, como o esporte, exige formação específica, zelo pela informação e talento. Ao substituir profissionais experientes por influenciadores digitais (alço já feito em coberturas de Carnaval), a Rede Globo dá uma bola fora. Resta apelar ao conhecido bordão criado por Galvão Bueno: “Pode isso, Arnaldo?”.

Tocando em Frente

Das divas do rádio às estrelas do pop, rock, iê-iê-iê e da Jovem Guarda — IV

Numa espécie de entressafra, entre a chamada “era de ouro da MPB” e o momento da Jovem Guarda, podemos afirmar que, talvez, tenha sido Elis Regina (Porto Alegre-RS, 1945—São Paulo-SP, 1982) uma espécie de termômetro entre essas etapas musicais.

Hoje, aos que vivenciaram aqueles momentos da juventude, a “pimentinha”, quase sempre, aparece como uma personagem notória em razão do que ela posteriormente afirmou, por ocasião do Festival Phono 73: “Esse tal de iê-iê-lê é uma droga”, [pois] “deforma a mente da juventude”. Mas, como diz o aforismo, “Águas passadas não movem moinho”. Sendo assim, como dizem os fatos, a própria Elis, por volta do início dos anos 1960, quando se profissionalizou, aos 16 anos, em seu primeiro álbum (*LP Viva a Brotolândia* (Continental)), gravara baladas e *rocks* ao melhor estilo de Cely Campello. Há “jovens” que ainda hoje escutam Elis em faixas como “Baby Face” (de Akst, criação original de Little Richard, em versão de Fred Jorje), “Puppy Love” (de Paul Anka, novamente com versão de Fred Jorje) música que recebeu o ridículo título de “Garoto último tipo”, “Baby face” (de Ângela Martignoni, com versão de Othon Russo, balada de sucesso que havia sido gravada por Sérgio Murilo, da pré-Jovem Guarda). Fato notório: ainda em maio de 1966, a própria Elis apareceu no Jovem Guarda, o que não representava nenhum demérito.

Mas as coisas e os ventos musicais levaram Elis para o novo mundo da festejada Bossa Nova, enquanto a importância da chamada “música jovem” nunca deixou de

existir, sobretudo impulsionada pelo advento da Jovem Guarda.

Após o que se pode chamar de “pré-Jovem Guarda”, surge, então, outra estrela, que viria a compor o famoso trio “criador” do movimento, quando Roberto e Erasmo Carlos buscaram uma necessária e útil figura feminina: Wanderléa Charlup Boere Salim (Governador Valadares-MG, 1946), a Wandeca, que se tornaria cantora, compositora, atriz e instrumentista. Era filha de um imigrante descendente de libaneses, Seu Salim, tido e havido como rigoroso e austero, pai de 13 filhos, e de dona Odete, de profissão doméstica. Quase toda a infância de Wanderléa ocorreu no interior mineiro de Lavras, para onde a família passou a residir por algum tempo e de onde se mudou para o Rio. Ela, já residindo no Rio, iniciou sua vida artística, em 1955, portanto aos nove anos, apresentando-se em programas radiofônicos infantis. A primeira gravação veio em 1962 — “*Tell me how long*” (Kelsey) e “*Meu anjo da guarda*” (uma criação de Rossini Pinto e Fernando Costa) —, já mostrando a que ela estava chegando. O primeiro álbum



Em 1965, foi lançado o disco *É tempo do amor*, álbum no qual a cantora Wanderléa passou a ser apelidada de “Ternurinha”

notado. Em 1964, saiu o seu segundo álbum pela consagrada gravadora CBS, onde já despontavam criações que fariam a cabeça da dupla criadora da Jovem Guarda. É quase certo que a influente gravadora, a que Roberto Carlos estava ligado, tenha servido de ponte para a formação do trio Roberto, Erasmo e Wanderléa. Desses seu álbum *Quero você*, já se destacavam algumas faixas: o clássico *ska/rock* “*Meu bem Lollipop*” (versão de “*My boy Lollipop*”, de Morris Levi e Johnny Roberts — versão de Gerson Gonçalves); “*Exército do surf*” (versão de Mongol para “*Lesercito del*

surf”, original de Pataccini). Em 1965, com o trio já formado, vieram outros hits dela no álbum *É tempo do amor*, como “*Ternura*” (versão de Rossini Pinto para o original “*Somehow it got to*”, de Estelle Levitt e Kenny Karen), quando, devido ao sucesso, ela passa a ser cognominada de “Ternurinha”. Daí em diante, Wanderléa passou a “emplacar” sucesso após sucesso, impulsionada, certamente, pela apresentação do programa *Jovem Guarda*. São dessa fase músicas como “*Pare e casamento*” (versão de Luiz Keller, para o original de “*Stop the wedding*”, de Arthur Resnick e Kenny Young), “*Prova de fogo*” (Erasmo Carlos) e outros mais.

No cinema, ela participou do elenco de *Juventude e ternura*, de Aurélio Teixeira, e de *Roberto Carlos e o diamante cor-de-rosa*, de Roberto Farias. É dessa época o hit “*Eu já nem sei*” (Roberto Correia e Sylvio Son).

Passado o momento da *Jovem Guarda*, Wanderléa gravou nomes famosos, como Assis Valente (“*Uva de caminhão*”), Gilberto Gil (“*Back in Bahia*”) e Jorge Mautner (“*Quero ser locomotiva*”).

A participação dela tem sido efetiva em shows e espetáculos públicos, em que interpreta Rita Lee (“*Menino bonito*”), Getúlio Cortes (“*Negro gato*”), Tim Maia (“*Não vou ficar...*”), o que nos diz de sua versatilidade como intérprete.

Nunca esquecendo “as jovens tardes de domingo”, é constante em suas apresentações músicas que embalaram nossos sonhos, como sucessos dos Golden Boys, Renato e seus Blue Caps e Fevers, pelo que se pode ainda afirmar: “É uma brasa, moral!...”

angelicallucio@gmail.com

Foto: João Miguel Jr./Rede Globo

Imagem: Reprodução/CBS



Eita!!!!

Conheça alguns artistas que são escritores

Com três livros lançados, de 2015 a 2024, a atriz Alice Carvalho (*Guerreiros do Sol* e *Cangaço novo*) tem como sua obra mais recente *Inkubus*, originalmente escrito para o teatro e transformado em romance pela artista. Assim como ela, muitos se aventuram no mundo da literatura. A seguir, confira alguns nomes que têm como paralelo às suas carreiras "principais" as letras (com *Agência Estado*).

Fernanda Torres

Indicada ao Oscar por *Ainda estou aqui*, Fernanda Torres tem três livros publicados. O primeiro, *Fim* (2013), acompanha um grupo de amigos no Rio de Janeiro, que relembra momentos marcantes de suas vidas, passando por conquistas e arrependimentos. Sucesso de vendas, a história foi adaptada em 2023 para a TV, em série disponível no Globoplay. O segundo livro chegou em 2014: *Sete anos* é uma coletânea de crônicas escritas pela atriz e originalmente publicadas em diversos jornais e revistas. Já em 2017, ela publicou *A glória e seu cortejo de horrores*, que acompanha o ator de meia-idade Mário Cardoso, o qual, após anos de sucesso na TV e no cinema, sofre uma derrocada quando sua montagem de *Rei Lear*, clássico de Shakespeare, não sai como planejado.

Chico Buarque

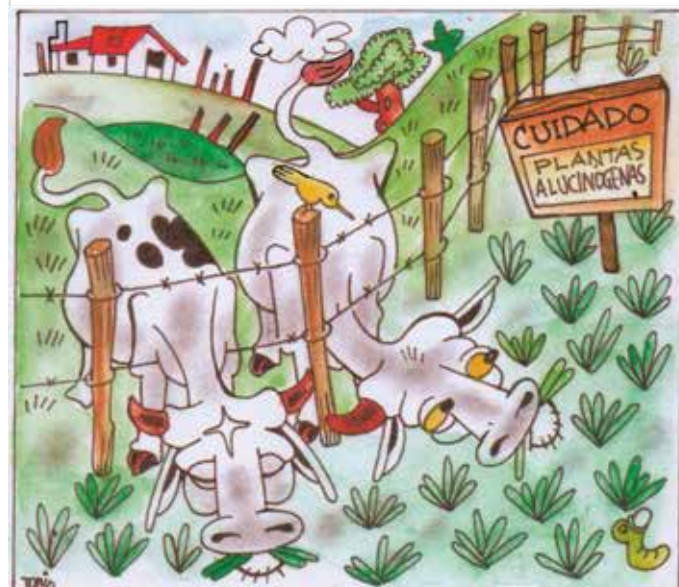
Um dos maiores compositores do Brasil, Chico Buarque é reconhecido mundialmente por seu trabalho na música. Mas outro grande destaque de sua trajetória é a carreira literária, que, ao todo, conta com 10 livros, que incluem diferentes gêneros literários escritos para vários públicos. Além de títulos criados diretamente para o impresso, como *Estorvo* (1991), *Chapeuzinho Amarelo* (1970), *Budapeste* (2003) e o recente *Bambino a Roma* (2024), Chico também criou várias histórias para os palcos e que, eventualmente, foram parar nas livrarias, incluindo *Roda viva*, *Calabar: o elogio da traição* e *Ópera do Malandro*. O músico também é responsável pela composição da montagem nacional de *Os saltimbancos*, cuja versão tornou-se um clássico infantil.

Arnaldo Antunes

Membro original dos Titãs, Arnaldo Antunes é outro músico com um rico catálogo de livros assinados ao longo dos anos. Poeta, ele já escreveu para diferentes públicos, refletindo sobre família, política, música, amor e outros temas, que explora com uma sensibilidade marcante em títulos como *Algo antigo* (2021), *2 ou + Corpos no mesmo espaço* (1997), *Psia* (1986) e *N. D. A.* (2010). Em 2015, Arnaldo uniu-se ao ex-colega de Titãs Tony Bellotto para lançar *Família*, livro infantil que brinca com a universalidade da estrutura familiar, mostrando como muitas relações são universais. No mesmo ano, foi publicado *Agora aqui ninguém precisa de si*, que venceu o Prêmio Jabuti de poesia em 2016.

9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)



Solução

1 - curruca da vaca; 2 - casco da vaca; 3 - chifre; 4 - planta na boca da vaca; 5 -

TECNOLOGIA

Economia digital pode agregar R\$ 1,3 tri ao PIB

Segundo presidente da Telebras, apoiar a transição é superar alguns paradigmas

Ciree Bonatelli
Agência Estado

A transição para a economia digital representa uma oportunidade de acrescentar R\$ 1,3 trilhão ao Produto Interno Bruto (PIB) do país. Esse valor pode ser alcançado por meio do avanço da conexão à internet e da digitalização das atividades, levando ao aumento da produtividade em diversos setores estratégicos, como o agronegócio, a indústria, a logística e os serviços públicos.

A projeção foi divulgada pelo presidente da TIM, Alberto Griselli, que também ocupa a presidência rotativa da associação nacional das grandes operadoras, o Telebrasil. "O que precisa para apoiar essa transição é superar alguns paradigmas. É preciso apoiar o binômio de 'mais estado e mais mercado', cada um dando o melhor de si", declarou ele na cerimônia de abertura do Painel Telebrasil, que reuniu empresários e autoridades, no último dia 19. "O Brasil digital se constrói entregando potencial de investimento privado de modo mais competitivo e soberano", emendou.

No seu discurso, Griselli ponderou que o Brasil já é um país bastante conectado à internet, mas que isso ainda não se traduziu plenamente na transição para uma economia mais digital, de fato. Ele apontou que o brasileiro passa, em média, nove horas conectado por dia à internet. As compras on-line pelo celular já são comuns

para 78% da população. "Hoje o 5G alcança 70% da população brasileira, tendo passado apenas quatro anos desde o leilão do espectro. É a quarta rede de internet mais rápida do mundo. Tudo isso foi obtido com recursos privados dirigidos por políticas públicas", destacou.

Por outro lado, Griselli observou que o Brasil precisa avançar, deixando de ser apenas um consumidor de tecnologia para se tornar um gerador de inovação. Nesse ponto, introduziu a agenda de temas defendidos pela associação das operadoras.

O presidente do Telebrasil afirmou que o desenho institucional atual é obsoleto, dado que as agências regulatórias são locais, enquanto as plataformas digitais exercem um poder de mercado que transcende fronteiras, a nível global. "Há muitos reguladores que atuam de forma fragmentada sobre o mesmo fenômeno, que são as plataformas globais", disse. "Há uma simetria invertida. Quanto maior o seu poder global, menor a regulamentação local recai sobre. Quem concentra poder escapa das obrigações, quem investe paga".

Embora não tenha citado explicitamente, o executivo referiu-se às big techs – que prestam serviços digitais e faturam alto a partir das redes de internet construídas pelas teles. Griselli defendeu que empresas que usam a rede de forma intensiva devem contribuir para sua sustentabilidade (leia-

-se aí, pagar pelo uso das redes). O executivo pediu flexibilidade para que operadoras e big techs possam negociar isso diretamente, o que exige flexibilizar o conceito de neutralidade das redes.

O presidente do Telebrasil criticou, ainda, a carga tributária, considerada elevada para as operadoras, mas leve para as plataformas. "Tributa-se o que é fácil, não o que é justo", frisou.

Griselli defendeu ainda que sejam fomentadas políticas públicas voltadas à formação de profissionais para áreas tecnológicas, a ampliação de serviços públicos digitais, e a inclusão de brasileiros pouco familiarizados com o meio digital, desembocando no crescimento econômico.

O executivo pediu também o apoio do Estado na proteção de equipamentos e infraestrutura. Ele citou que mais de 4,5 milhões de celulares são contrabandeados por ano, enquanto

sete milhões de brasileiros sofrem interrupção da internet devido ao roubo de cabos das redes.

O presidente do Telebrasil defendeu maior segurança jurídica no planejamento dos leilões e renovações das concessões de espectro "Isso deve ser tratado com segurança jurídica de longo prazo, planejamento, valores e compromissos", afirmou. Outra defesa foi o compartilhamento da infraestrutura das operadoras. "Em um país continental como este, duplicar redes é um luxo que o país não pode permitir", afirmou, defendeu modelos de *ran sharing*.

Criticou, ainda, os fundos setoriais, que, segundo ele, arrecadaram R\$ 268 bilhões em 26 anos, mas sem que a totalidade dos recursos fosse aplicada de fato no desenvolvimento do setor, como é o caso de Fust e Fistel – este último será levado a julgamento no Supremo Tribunal Federal (STF).

Charada

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: Aqui (1) = cá + harmonia (1) = paz. **Solução:** eficiente (2) = capaz.

Charada de hoje: Apenas (1) tu deves apressar o passo (2), porque deves ajudar (3) o semelhante.



Ilustração: Bruno Chibossi

Tiras

O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)

